

Série Avaliação de Políticas e Programas do BNB

Avaliação da Execução,
Resultados e Impactos do

FNE

PROATUR

Jânia Maria Pinho Sousa
Marcos Falcão Gonçalves
Elizabeth Castelo Branco
Jane Mary Gondim de Souza
José Valdo Mesquita Aires Filho
João Agostinho Teles

**Banco do
Nordeste**



Jânia Maria Pinho Sousa
Marcos Falcão Gonçalves
Elizabeth Castelo Branco
Jane Mary Gondim de Souza
José Valdo Mesquita
Agostinho Teles

***AVALIAÇÃO DA EXECUÇÃO, RESULTADOS
E IMPACTOS DO FNE PROATUR***

Fortaleza
Banco do Nordeste do Brasil
2010

Presidente:

Roberto Smith

Diretores:

João Emílio Gazzana
José Sydrião de Alencar Júnior
Luiz Carlos Everton de Farias
Oswaldo Serrano de Oliveira
Paulo Sérgio Rebouças Ferraro
Stélio Gama Lyra Júnior

Conselho Editorial:

José Narciso Sobrinho
José Rubens Dutra Mota
Francisco das Chagas Farias Paiva
José Maurício de Lima da Silva
Ozeas Duarte de Oliveira
José Maria Marques de Carvalho
Jânia Maria Pinho Sousa
Ailton Saboya Valente Júnior
Paulo Dídimo Camurça Vieira
Ademir Costa

**Escritório Técnico de Estudos Econômicos
do Nordeste – ETENE:**

Superintendente: José Narciso Sobrinho

Ambiente de Estudos, Pesquisas e Avaliação:

Gerente: Jânia Maria Pinho Sousa

**Célula de Avaliação de Políticas e
Programas (CAPP):**

Gerente: Marcos Falcão Gonçalves

Equipe Técnica do ETENE:

Elizabeth Castelo Branco
Jane Mary Gondim de Souza

Consultores Externos:

José Valdo Mesquita
João Agostinho Teles

Ambiente de Comunicação Social:

Gerente: José Maurício de Lima da Silva

Editor: Ademir Costa

Revisão Vernacular: Profa. Dra. Maria
Margarete Fernandes de Sousa – UFC

Normalização Bibliográfica: Erlanda Lopes

Diagramação: Franciana Pequeno

Mais informações:

Internet: <http://www.bnb.gov.br>
Cliente Consulta: 0800.7283030
Tiragem: 1.500 exemplares

Depósito Legal junto à Biblioteca Nacional conforme a Lei 10.994 de 14/12/2004

A945a Avaliação da execução, resultados e impactos do FNE PROATUR / [coordenação de] Jânia Maria Pinho Sousa [et al.]. – Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil; FNE/Proatur, 2010.

140 p.: il.

ISBN

1. Turismo – Brasil – nordeste. 2. Desenvolvimento regional – turismo. I. Sousa, J. M. P. II. Gonçalves, M. F. III. Souza, J. G. de. IV. Castelo Branco, E. V. Mesquita, J. V. VI. Teles, J. A.

CDD 338.4791

**“O nosso negócio é o
desenvolvimento”**

Roberto Smith

SIGLAS

ABIH – Associação Brasileira da Indústria Hoteleira
ACTs – Atividades Características do Turismo
BACEN – Banco Central do Brasil
BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento
BNB – Banco do Nordeste do Brasil
BNDES – Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social
CDL – Câmara de Dirigentes Lojistas
CTI-NE – Comissão de Turismo Integrado do Nordeste
EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo
ENAP – Escola Nacional de Administração Pública
FGV – Fundação Getúlio Vargas
FIPE – Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas
FNE – Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste
GTP – Grupo Técnico de Planejamento da CTI-NE
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IGP-DI – Índice Geral de Preços (Disponibilidade Interna)
INFRAERO – Empresa Brasileira de Infraestrutura Aeroportuária
IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
MTE – Ministério do Trabalho e Emprego
MTur – Ministério do Turismo
OMT – Organização Mundial do Turismo
PRODETUR – Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste
PDTIS – Plano de Desenvolvimento Integrado de Turismo Sustentável
SEBRAE – Serviço de Apoio a Micro e Pequenas Empresas
SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
PIB – Produto Interno Bruto
UF – Unidade da Federação
UH – Unidade Habitacional

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO 1 – ASPECTOS METODOLÓGICOS	19
1.1 – Aspectos Gerais do PROATUR	19
1.2 – Referencial Teórico	22
1.3 – Metodologia Adotada	25
CAPÍTULO 2 – O TURISMO NO BRASIL E NO NORDESTE	31
2.1 – O Fluxo Turístico Internacional	31
2.2 – O Turismo Doméstico	38
2.3 – Evolução do Turismo na Região Nordeste	40
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DA EXECUÇÃO DAS AÇÕES	51
3.1 – Recursos Orçados e Contratados	51
3.2 – Evolução dos Financiamentos no Período 1998-2008	51
3.3 – Recursos Alocados por Objetivo do Crédito	55
3.4 – Recursos Alocados por Finalidade	56
3.5 – Recursos Alocados por Atividade	57
3.6 – Recursos Alocados por Porte dos Beneficiários	61
3.7 – Recursos Alocados por Área	63
3.8 – Recursos Alocados por Unidades da Federação	65
3.9 – Distribuição por Município	79
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS RESULTADOS E IMPACTOS	83
4.1 – RESULTADOS DA PESQUISA	83
4.2 – Avaliação	102
4.3 – A Distribuição dos Impactos	106
4.4 – Impactos do PROATUR a partir da Matriz de Insumo-Produto	109
CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
5.1 – Destaques	111
5.2 – Conclusões	111
5.3 – Encaminhamentos	112
REFERÊNCIAS	114
ANEXOS	116
APÊNDICE	131

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Composição da amostra efetiva por atividade (%)	27
Gráfico 2 – Composição da amostra efetiva por região (%)	29
Gráfico 3 – Receita cambial turística –2003/2008 (US\$ milhões)	32
Gráfico 4 – Despesa cambial turística –2003/2008 (US\$ milhões).....	33
Gráfico 5 – Déficit cambial turístico – 2000/2008 (US\$ milhões).....	33
Gráfico 6 – Corrente cambial turística – 2000/2008 (US\$ milhões)	34
Gráfico 7 – Desembarques de passageiros em voos internacionais (milhões de pax)	35
Gráfico 8 – Chegadas de turistas ao Brasil, segundo os Continentes – 2007	36
Gráfico 9 – Desembarques de passageiros em voos nacionais (milhões de pax) ...	39
Gráfico 10 – Evolução do fluxo turístico no nordeste (%) – 1998-2008	42
Gráfico 11 – Índice de sazonalidade da taxa de ocupação (%)	45
Gráfico 12 – Evolução dos financiamentos do PROATUR.....	52
Gráfico 13 – Evolução da relação PROATUR/FNE.....	54
Gráfico 14 – Relação e correlação entre os índices de evolução do PROATUR e do FNE – 1998/2008.....	54
Gráfico 15 – Distribuição dos recursos segundo o objetivo de crédito dos financiamentos (%)	56
Gráfico 16 – PROATUR: distribuição dos financiamentos dos contratos.....	57
Gráfico 17 – PROATUR: Índice de evolução – Alojamento	58
Gráfico 18 – PROATUR: Índice evolução – Alimentação.....	59
Gráfico 19 – PROATUR: Índice evolução – Transportes	59
Gráfico 20 – PROATUR: Índice de evolução – Agência Viagens	60
Gráfico 21 – PROATUR: Índice evolução – Locadoras de veículos.....	60
Gráfico 22 – PROATUR: Índice de evolução – Outras.....	61
Gráfico 23 – PROATUR: distribuição dos financiamentos por porte dos beneficiados	62
Gráfico 24 – PROATUR: distribuição dos financiamentos segundo as áreas.....	64
Gráfico 25 – Distribuição dos financiamentos alocados em Alagoas.....	68
Gráfico 26 – Distribuição dos financiamentos alocados na Bahia.....	69
Gráfico 27 – Distribuição dos financiamentos alocados no Ceará	69
Gráfico 28 – Distribuição financiamentos alocados no Maranhão	70
Gráfico 29 – Distribuição dos financiamentos alocados na Paraíba.....	70
Gráfico 30 – Distribuição dos financiamentos alocados em Pernambuco	71
Gráfico 31 – Distribuição dos financiamentos alocados no Piauí	71

Gráfico 32 – Distribuição financiamentos alocados Rio Grande do Norte.....	72
Gráfico 33 – Distribuição dos financiamentos alocados em Sergipe	72
Gráfico 34 – Distribuição financiamentos alocados Minas Gerais.....	73
Gráfico 35 – PROATUR: distribuição dos recursos por Região.....	75
Gráfico 36 – Quociente de localização por Unidade da Federação – 1998/2007	78
Gráfico 37 – Distribuição segundo ramo de atividade (%).....	83
Gráfico 38 – Distribuição segundo a situação atual (%)	84
Gráfico 39 – Principais insumos utilizados (%)	91
Gráfico 40 – Mercado de atuação dos empreendimentos (%)	95
Gráfico 41 – Principais mercados fornecedores de insumos (%)	96
Gráfico 42 – Distribuição das Razões da preferência pelo FNE/PROATUR (%)	99
Gráfico 43 – Distribuição dos fatores positivos nas condições de financiamento do FNE/PROATUR (%)	101

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Composição da amostra efetiva por tipo de atividade turística.....	27
Tabela 2 – Composição da amostra efetiva por unidade da federação	28
Tabela 3 – Composição da amostra efetiva por porte.....	28
Tabela 4 – Composição da amostra efetiva por região	29
Tabela 5 – Fluxo turístico internacional no Brasil e no mundo (milhões de chegadas).....	31
Tabela 6 – Variações relativas anuais na entrada de turistas estrangeiros no Brasil (mil turistas).....	32
Tabela 7 – Chegadas de turistas internacionais no Brasil, por via de acesso em 2008.....	35
Tabela 8 – Chegadas de turistas ao Brasil, segundo Principais Países Emissores – 2007-2008	37
Tabela 9 – Principais mercados emissores de turistas para o Brasil	37
Tabela 10 – Cidades mais visitadas pelos turistas estrangeiros no Brasil.....	38
Tabela 11 – Principais estados emissores domésticos no Brasil – 1998/2005.....	39
Tabela 12 – Principais estados receptores domésticos no Brasil – 1998/2005.....	39
Tabela 13 – Cidades mais visitadas no país pelos turistas brasileiros	40
Tabela 14 – Evolução do fluxo turístico no nordeste – 1998-2008	40
Tabela 15 – Taxas de crescimento do fluxo turístico por período	41
Tabela 16 – Evolução do fluxo turístico nas Capitais e Estados do Nordeste – 1996-2008.....	42
Tabela 17 – Desembarques nos Aeroportos das Capitais do Nordeste – 1998/2008	43
Tabela 18 – Fluxo turístico e desembarques de passageiros nos aeroporto das capitais do Nordeste – 1998/2008	44
Tabela 19 – Número de estabelecimentos nas atividades características principais do turismo no Nordeste	46
Tabela 20 – Oferta hoteleira das capitais do Nordeste	47
Tabela 21 – Evolução das taxas de ocupação na hotelaria das Capitais do Nordeste (%).....	48
Tabela 22 – Empregos nas principais atividades características do turismo no Nordeste	49
Tabela 23 – Número de empregos por estabelecimentos nas principais atividades características do turismo no Nordeste	49
Tabela 24 – PROATUR – Recursos orçados e contratados – Período 2004/2008..	51
Tabela 25 – Evolução dos financiamentos do PROATUR – 1998/2008.....	52

Tabela 26 – PROATUR E FNE – Índices de evolução e variações relativas – 1998/2008.....	53
Tabela 27 – PROATUR – Distribuição dos contratos por objetivo de crédito – 1998/2008.....	55
Tabela 28 – PROATUR – Financiamentos contratados por finalidade do crédito – 1998/2008	56
Tabela 29 – Evolução dos financiamentos por atividade – 1998/2008.....	57
Tabela 30 – Evolução dos financiamentos segundo o porte dos beneficiados: 1998/2008.....	62
Tabela 31 – PROATUR: evolução dos financiamentos por área (Semiárido e fora do Semiárido).....	63
Tabela 32 – PROATUR: financiamentos segundo a área de localização	64
Tabela 33 – PROATUR: recursos alocados por Unidade da Federação 1998/2008...	65
Tabela 34 – PROATUR: evolução dos financiamentos alocados por Unidade da Federação – 1998/2008	66
Tabela 35 – PROATUR: distribuição percentual dos financiamentos alocados por Unidade da Federação – 1998/2008	67
Tabela 36 – PROATUR: financiamentos por UF segundo as áreas (Semiárido e fora do Semiárido) – acumulado no período 1998-2008	74
Tabela 37 – PROATUR: financiamentos por UF segundo a área de localização do empreendimento (capital e interior) – acumulado no período 1998/2008	75
Tabela 38 – Evolução dos financiamentos por UF segundo as atividades – 1998/2008	76
Tabela 39 – PROATUR: Distribuição percentual financiamentos por UF segundo as atividades – 1998/2008.....	77
Tabela 40 – Quociente de localização por UF – 1998/2007	78
Tabela 41 – Ranking dos principais municípios beneficiados pelo PROATUR – 1998/2007	79
Tabela 42 – Distribuição dos financiamentos segundo os municípios – 1998/2007	80
Tabela 43 – Atividades desenvolvidas nos empreendimentos.....	84
Tabela 44 – Estabelecimentos segundo o porte e atividade	85
Tabela 45 – Estabelecimentos por Unidade da Federação e objetivo do financiamento	85
Tabela 46 – Estrutura produtiva e relações de resultados nos empreendimentos pesquisados segundo o objetivo do financiamento	86
Tabela 47 – FNE PROATUR – geração de emprego e renda.....	87
Tabela 48 – Indicadores de emprego e renda por porte dos beneficiários.....	88

Tabela 49 – Indicadores de emprego e renda por Região	89
Tabela 50 – Indicadores de emprego e renda por Unidade da Federação	90
Tabela 51 – Principais insumos utilizados pelos empreendimentos	91
Tabela 52 – Associativismo dos empreendimentos	92
Tabela 53 – Certificação dos empreendimentos	93
Tabela 54 – A responsabilidade social dos empreendimentos	93
Tabela 55 – Outros aspectos gerenciais dos empreendimentos	94
Tabela 56 – Mercado de atuação dos empreendimentos	94
Tabela 57 – Principal mercado fornecedor de insumos aos empreendimentos	95
Tabela 58 – Mecanismos de divulgação e de relacionamento dos empreendimentos no mercado	96
Tabela 59 – A importância do FNE/PROATUR para os empreendimentos.....	97
Tabela 60 – Instrumentos de propagação do FNE/PROATUR no mercado de financiamento	98
Tabela 61 – A opção pelo FNE/PROATUR e o conhecimento do cliente da existência de fontes alternativas de crédito no mercado na época do financiamento	98
Tabela 62 – Razões da preferência pelo FNE/PROATUR	99
Tabela 63 – Satisfação dos clientes com as condições de financiamento do FNE/PROATUR.....	100
Tabela 64 – Fatores positivos nas condições de financiamento do FNE/PROATUR.....	100
Tabela 65 – Fatores negativos: as principais dificuldades enfrentadas segundo os clientes	101
Tabela 66 – Mudanças sugeridas pelos clientes para a melhoria do Programa FNE/PROATUR.....	102
Tabela 67 – Indicadores de Resultados do PROATUR	103
Tabela 68 – Indicadores de Impactos do PROATUR	105
Tabela 69 – Distribuição dos impactos do PROATUR (emprego e renda) por Unidade da federação	106
Tabela 70 – Distribuição dos impactos do PROATUR (emprego e renda) por atividade.....	107
Tabela 71 – Distribuição dos impactos do PROATUR (emprego e renda) por porte dos beneficiários.....	108
Tabela 72 – Distribuição dos impactos do PROATUR por região.....	109
Tabela 73 – PROATUR – Repercussões Econômicas das Contratações no Nordeste – 1998 a 2008 ⁽¹⁾	110

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Limites de financiamento e participação de recursos próprios (em %) ..	21
Quadro 2 – Encargos financeiros e bônus de adimplência nas operações de turismo.....	22
Quadro 3 – Produtos turísticos e atividades correspondentes.....	118
Quadro 4 – Desenho da amostra em função do erro para uma população finita...	134

APRESENTAÇÃO

O presente documento constitui-se de um relatório final do estudo de avaliação do Programa de Apoio ao Turismo Regional (PROATUR), no âmbito do Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste (FNE), operacionalizado pelo Banco do Nordeste do Brasil S/A, no qual foram abordados os seguintes aspectos: a) evolução dos financiamentos contratados pelo PROATUR no período 1998/2008; b) resultados da pesquisa de campo junto aos empreendimentos financiados pelo Programa entre 1998 e 2005; e c) mensuração e análise dos indicadores de resultados.

O estudo está organizado em cinco capítulos. O Capítulo 1 apresenta além da estratégia metodológica do trabalho, os aspectos gerais do PROATUR e o referencial teórico utilizado. O Capítulo 2 elabora uma análise do turismo no Brasil e no Nordeste. O Capítulo 3 efetua a análise da execução das ações de financiamentos contratados pelo Programa, estudando-se os impactos redistributivos do Programa, analisando-se notadamente a alocação dos recursos por objetivo e finalidade do crédito, por atividade, por Estado da federação, por porte dos empreendimentos, dentre outros. O Capítulo 4 apresenta os resultados da pesquisa e as análises dos indicadores de avaliação. Por fim, o Capítulo 5 destaca as principais conclusões do trabalho e apresenta algumas possibilidades de encaminhamento de novos estudos.

Destaca-se, por oportuno, que os trabalhos desenvolvidos são frutos de um esforço coletivo envolvendo a equipe técnica do Banco do Nordeste do Brasil e de consultores externos.

INTRODUÇÃO

O PROATUR é um programa que utiliza recursos do Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste, com a finalidade de apoiar os empreendimentos da cadeia produtiva do turismo visando ampliar e modernizar a oferta de bens e serviços e atrair turistas nacionais e internacionais para o Nordeste, como forma de promover o desenvolvimento regional através da geração de emprego e renda.

Segundo o BNB (2007), “O PROATUR baseia-se em estudos que revelam ser expressivo o potencial turístico do Nordeste, requerendo diferentes portes de investimento para converter-se em resultados econômicos e sociais. São 3.500 km de faixa litorânea, além de outras potencialidades não menos importantes no litoral e interior, como o patrimônio histórico, o folclore, a culinária, o rico artesanato, a índole hospitaleira do povo e as diversificadas atrações ecológicas”.

Face à importância do FNE para o desenvolvimento do Nordeste, o BNB, através do ETENE, programou uma avaliação para cada programa que compõem o Fundo, entre eles o PROATUR, que em complementaridade ao PRODETUR/NE, constituem-se nas principais fontes de financiamento para o desenvolvimento regional.

O presente documento é, portanto, um importante instrumento no processo de avaliação dos resultados e impactos do PROATUR, no período 1998/2008, visando, inclusive, subsidiar as melhorias nas ações de financiamento e de alocação de recursos no âmbito das atividades do turismo na região de atuação do Programa.

O Nordeste, como uma região carente de recursos financeiros e que ainda precisa se desenvolver para alcançar níveis razoáveis de bem-estar para a sua população, não pode deixar de aproveitar, de forma sustentada, todos os seus recursos turísticos (potenciais e/ou efetivos).

O turismo é considerado uma das atividades produtivas prioritárias para todos os estados nordestinos, além de sua capacidade em atrair novos investimentos privados e na geração de emprego e renda, por isso consolida-se como um dos principais destinos turísticos no país e no mundo.

A importância do turismo é traduzida pela dinamização que exerce através de diversos setores da economia. Podem-se enumerar várias atividades integrantes da cadeia produtiva do turismo que absorvem diretamente os efeitos multiplicadores do turismo, como por exemplo: alojamento, alimentação, transporte, entretenimento, agenciamento, locação de veículos, câmbio de moedas, aquisição de produtos de conveniência e *souvenirs*, recepção, organização de eventos, intérprete e tradução simultânea, serviço de guia, informações turísticas, planejamento e consultoria turística, entre outros. Observa-se, assim, que é imensa a malha multisetorial que o setor turístico envolve, contando, inclusive, com a movimentação de um grande número de pequenas e médias empresas formais e informais.

A análise contida no presente documento abrange o período de 1998/2008. Em alguns casos, em função dos objetivos da análise e disponibilidade das informações, as séries históricas são divididas em subperíodos, ampliadas ou suprimidas de períodos, visando à obtenção da consistência ou da regularidade estatísticas embutidas na série histórica, ou seja, são excluídos os casos considerados atípicos. A menos que seja mencionado o contrário, no expurgo das variações de preços (inflação) nas séries monetárias, será utilizado o Índice Geral de Preços da Fundação Getúlio Vargas, mais especificamente o IGP-DI, tendo como base dezembro de 2008.

No período 1998/2008, foram financiados 741 projetos através do PROATUR, no total de R\$ 678,0 milhões (valores de dezembro de 2008), correspondendo à média de R\$ 915,0 mil por contrato e de 2,2% dos recursos alocados pelo FNE no período.

O processo de avaliação teve como referência a Metodologia de Avaliação do FNE (adotada pelo BNB para todos os programas que compõem o Fundo) e em uma pesquisa de campo realizada (via *internet*) junto aos empreendimentos financiados pelo Programa no período 1998/2005 com o objetivo de levantar as informações sobre os indicadores de avaliação do PROATUR.

CAPÍTULO 1 – ASPECTOS METODOLÓGICOS

1.1 – Aspectos Gerais do PROATUR

O PROATUR é um programa do FNE, voltado para financiar as atividades turísticas da região Nordeste e parte dos estados de Minas Gerais e do Espírito Santo, criado em 1994. Sua criação foi respaldada em análises realizadas pelo Banco do Nordeste que consideraram o vasto potencial turístico dessa Região geográfica do Brasil. Além de 3.500 km de litoral, clima bom e estável, outras potencialidades não menos importantes foram consideradas, como o patrimônio histórico, as manifestações folclóricas, a culinária variada, o artesanato de características marcantes, a índole hospitaleira do povo e as diversificadas atrações oferecidas pelas paisagens naturais.

1.1.1 – Objetivos

a) Objetivo Geral

Integrar e fortalecer, de forma competitiva, a cadeia produtiva do turismo regionalmente e localmente, a partir do reconhecimento das especificidades locais, ensejando o aumento da oferta de empregos, a melhoria do perfil de distribuição de renda e a indução ao uso racional e sustentável das potencialidades turísticas da Região.

b) Específicos

- dotar a Região de empreendimentos turísticos que atendam aos requisitos e padrões de qualidade internacional visando atrair maior fluxo de turistas doméstico e estrangeiro;
- utilizar o potencial ecológico de vocação turística do Nordeste como fator de desenvolvimento econômico e social, preservando e valorizando o meio ambiente, os recursos naturais, culturais e históricos;
- apoiar empreendimentos integrantes da cadeia produtiva do turismo, em complementação à atuação do Banco, enquanto articulador e financiador do processo de consolidação do Nordeste como destino turístico.

1.1.2 – Justificativa

O Nordeste, como uma região carente de recursos financeiros e que precisa se desenvolver para alcançar níveis razoáveis de bem-estar para a sua população, não pode deixar de aproveitar de forma sustentada todos os seus recursos turísticos potenciais. O turismo é tido como uma das atividades produtivas prioritárias para todos os estados nordestinos.

A importância do turismo é traduzida pela dinamização que é por ele dada aos diversos setores da economia. Podem-se enumerar várias atividades integrantes da cadeia produtiva do turismo que absorvem diretamente os efeitos multiplicadores do turismo, como por exemplo: hospedagem, transporte, alimentação, entretenimento, agenciamento, locação de veículos, câmbio de moedas, aquisição de produtos de conveniência e *souvenirs*, recepção, organização de eventos, intérprete e tradução simultânea, serviço de guia, informações turísticas, planejamento e consultoria turística, dentre outros.

1.1.3 – Beneficiários

Empresas brasileiras (firmas individuais e pessoas jurídicas) e que tenham sua sede e administração no País, na forma da lei, tendo como objetivo econômico principal a exploração da atividade turística.

1.1.4 – Área de atuação

São priorizados, nos municípios da área de atuação do FNE/PROATUR, aqueles identificados pelo Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR) para o desenvolvimento do turismo no Nordeste e os municípios integrantes dos Polos Turísticos, definidos pelo Banco do Nordeste.

1.1.5 – Finalidade dos financiamentos

Financiamento à implantação, ampliação, modernização e reforma de empreendimentos, contemplando:

- a) investimentos fixos, inclusive aquisição de empreendimentos que constituam meios de hospedagem, com unidades já construídas ou em construção;
- b) capital de giro associado ao investimento fixo;
- c) aquisição isolada de insumos;
- d) aquisição de veículos de passeio nacionais novos, apenas para empresas locadoras de veículos, podendo a aquisição ser financiada de forma isolada;
- e) aquisição, conversão, modernização, reforma ou reparação de embarcações utilizadas no transporte turístico de passageiros, inclusive de forma isolada.

1.1.6 – Atividades financiáveis

- hospedagens (hotéis, hotéis-históricos, hotéis-fazenda, barcos-hotel, pousadas, hospedarias de turismo ecológico ou ambiental, pousos rurais, alojamentos de selva);

- áreas de *camping*;
- agências de viagens e turismo e operadoras turísticas;
- serviços de alimentação: restaurantes, lanchonetes, localizados nos corredores turísticos;
- parques temáticos;
- marinas;
- museus;
- empreendimentos destinados à realização de eventos e negócios (a exemplo de centros de convenções);
- empreendimentos que promovam atividades de animação (a exemplo de casas de espetáculos);
- empreendimentos destinados à prática de turismo de aventura e de esportes radicais;
- empreendimentos destinados à promoção turística;
- empreendimentos de natureza ecoturística;
- transportadoras turísticas.

1.1.7 – Atividades não financiáveis

- hotéis-residência (*flats*);
- empreendimentos em regime de *time sharing*.

1.1.8 – Limites de financiamento

Como limites máximos de financiamento são considerados os percentuais definidos abaixo:

a) Investimentos Fixos (Quadro 1):

Porte empreendimento/ Tipologia do município (1)	Baixa Renda	Estagnada e Dinâmica	Alta Renda
Micro e Pequeno	100	100	100
Médio	95	90	85
Grande	90	80	70

Quadro 1 – Limites de financiamento e participação de recursos próprios (em %)

Nota (1): A classificação dos municípios de acordo com a tipologia da Política Nacional de Desenvolvimento Regional é realizada pela Secretaria de Políticas de Desenvolvimento Regional, do Ministério da Integração Nacional.

b) Capital de giro associado: limitado a 35% do valor financiado para investimento fixo.

1.1.9 – Prazos

Os prazos de carência e re-embolso serão fixados com base na capacidade de pagamento do projeto, obedecendo, no entanto, aos limites máximos de 15 anos, incluídos até 5 anos de carência para financiamento de implantação de meios de hospedagem.

1.1.10 – Encargos financeiros

No tocante aos encargos financeiros, incidirão bônus totais de adimplência de 25%, para empreendimentos localizados no semiárido, e de 15%, para os empreendimentos localizados fora do semiárido, concedidos exclusivamente se o mutuário pagar as prestações (juros e principal) até as datas dos respectivos vencimentos, resultando nos encargos apresentados no quadro a seguir.

Porte do tomador	Encargos financeiros anuais		
	Integrais	Com bônus de adimplência (*)	
		Semiárido (25%)	Demais regiões (15%)
- Microempresa	6,75	5,06	5,74
- Empresa de Pequeno Porte	8,25	6,19	7,01
- Empresa de Médio Porte	9,5	7,13	8,08
- Empresa de Grande Porte	10,00	7,5	8,50

Quadro 2 – Encargos financeiros e bônus de adimplência nas operações de turismo

(*) Os bônus de adimplência são concedidos sobre os encargos financeiros, desde que a parcela da dívida seja paga até a data do respectivo vencimento.

1.1.11 – Mudanças na legislação e de práticas gerenciais

Durante o período 1998/2008, não ocorreram alterações significativas nas normas regulatórias e nas práticas gerenciais do PROATUR.

1.2 – Referencial Teórico

A base da metodologia adotada na Avaliação do PROATUR tem como referência o documento: *Metodologia para Avaliação do Fundo Constitucional de Financiamento do Nordeste – FNE*. Fortaleza: ETENE, dezembro de 2005. Ademais, serão utilizados

modelos de natureza estatística e econométrica na análise de comportamento e nas relações entre variáveis (Anexo 1).

1.2.1 – A ideia central

O Banco do Nordeste desenvolveu, em 2005, uma metodologia de avaliação para o FNE, procurando estabelecer um processo permanente de avaliação do Fundo, de forma objetiva, permitindo verificar seus resultados e impactos, e orientar possíveis ajustes visando ao alcance de seus objetivos. O referido documento foi adotado como referência metodológica para a avaliação de todos os programas que compõem o Fundo.

Nesse contexto, a análise da execução das ações também possibilita a identificação dos fatos que explicam ou influem nos resultados e nos impactos, circunstanciando a avaliação no contexto geral da atividade em foco.

1.2.2 – Matriz de estrutura lógica

Para orientar o processo de avaliação do FNE e seus programas foi elaborada a Matriz de Estrutura Lógica para o Fundo onde é apresentado o relacionamento entre objetivos, instrumentos de ação, resultados e impactos, permitindo a visualização da lógica estabelecida para viabilizar o alcance dos objetivos definidos.

Os instrumentos de ação definem as intervenções do Fundo para o alcance dos objetivos e são representados pelas linhas de crédito e seus programas.

Verifica-se se os recursos foram aplicados nas atividades financiadas e se os investimentos estão cumprindo suas funções e promovendo os resultados esperados.

A aferição dos indicadores é feita com base nos indicadores para o turismo da *Matriz de Estrutura Lógica*, contida no documento BNB (2005), vide Anexo 2.

1.2.3 – Níveis da avaliação

Além da visão geral, a avaliação deve ser realizada nos seguintes níveis ou cortes:

- Empreendimentos
- Estados
- Região semiárida e fora do semiárido
- Setores
- Porte dos empreendimentos

1.2.4 – Estratégia de aferição

As informações necessárias à avaliação do FNE e de seus programas serão obtidas através de levantamentos na base de dados do BNB, nas estatísticas nacionais, em pesquisas específicas, com clientes financiados através do Fundo, bem como em levantamento de informações sobre emprego formal do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) e outras fontes oficiais.

1.2.5 – Produtos da avaliação

A Metodologia de Avaliação definida para o FNE estabelece os seguintes tipos de produtos:

a) *Relatórios Anuais* – Destinados à avaliação da programação do ano, podendo fazer análises cumulativas nos períodos de governo e se detêm às análises de execução anual, resultados e impactos, e devem abordar, no mínimo, os seguintes aspectos:

- descrição e análise de evoluções que o fundo tenha incorporado no ano (novos programas, alterações ou introdução de diretrizes novas, etc.);
- análise da execução por estado, por setor, para região semiárida, pelo porte do beneficiário será consolidada para o programa;
- análise das ações;
- aferição de resultados no ano;
- resultados de estudos de casos realizados no ano;
- lições aprendidas;
- sugestões e recomendações que possam ser incorporadas a operacionalização do programa.

Os relatórios deverão ser elaborados pelo ETENE com o apoio de consultores para realização das pesquisas e estudos de casos.

b) *Relatórios Quadrienais* – Destinados à avaliação das ações do FNE nos períodos de Governo e se detêm às análises de execução do período, resultados e impactos e devem abordar, no mínimo, os seguintes aspectos:

- descrição e análise de evoluções que o FNE tenha incorporado no período abordado (novos programas, alterações ou introdução de diretrizes novas, etc.);
- análise da execução por estado, por setor, para região do semiárido, por tamanho do beneficiário será consolidada para o programa;
- análise das ações;

- aferição de resultados obtidos no período;
- resultados de estudos de casos realizados no ano;
- lições aprendidas;
- conclusões, sugestões e recomendações que possam ser incorporadas à operacionalização do programa.

Os relatórios deverão ser elaborados pelo ETENE com o apoio de consultores para realização das pesquisas e estudos de casos.

c) Relatórios de Avaliação de Longo Prazo – destinam-se à avaliação do Fundo em períodos que devem ser superiores a cinco anos para permitir a inferência de impactos promovidos pela sua implementação e a aferição de resultados e impactos, devendo abordar, no mínimo, os seguintes aspectos:

- descrição e análise de evoluções que o programa tenha incorporado desde sua instituição;
- análise da execução por estado, por setor, para região semiárida, por tamanho do beneficiário e será consolidada para o programa;
- análise das ações;
- medição de resultados obtidos no período;
- aferição de impactos que possam ser imputados ao FNE-PROATUR ou que tenham recebido sua contribuição;
- lições aprendidas;
- conclusões, sugestões e recomendações que possam ser incorporadas à operacionalização do programa.

Referidos relatórios deverão ser elaborados por consultores externos sob a coordenação do ETENE.

1.2.6 – Gerenciamento das informações

A implantação da metodologia de avaliação do FNE e de seus programas está priorizando a organização do sistema de informações para avaliação, visando à sua incorporação à rotina operativa do Banco.

1.3 – Metodologia Adotada

No presente trabalho, serão analisadas as atividades que foram objeto de financiamento pelo PROATUR, no período 1998/2008, conforme especificação a seguir:

- a) agências de viagens e similares;

- b) hotéis e similares;
- c) restaurantes e similares;
- d) serviços culturais e de eventos;
- e) serviços desportivos e de outros serviços de lazer;
- f) serviços de transporte rodoviário de passageiros e de turismo; e
- g) comércio de produtos de consumo turístico.

1.3.1 – Fonte das informações utilizadas

- a) registro dos dados da execução do PROATUR/FNE da base de dados do BNB;
- b) pesquisa direta com empresas dos setores que compõem a cadeia produtiva do turismo, financiadas pelo PROATUR/FNE entre 1998 e 2005;
- c) pesquisa de emprego formal com base nos dados da RAIS e CAGED, do Ministério do Trabalho e Emprego;
- d) estudo do comportamento de setores dinâmicos da economia do Nordeste;
- e) estatísticas dos órgãos oficiais de pesquisa (IBGE).

A pesquisa direta envolveu as empresas dos setores do turismo, financiadas pelo FNE e se limita ao período 1998/2005, face ao período de maturação dos projetos, estimado em cerca de quatro anos. As informações sobre emprego com base nos dados da RAIS e CAGED, do Ministério do Trabalho, abrangem somente o emprego formal.

1.3.2 – Análise de execução das ações

No desenvolvimento da análise de execução, adotou-se, como método de análise, as linhas de raciocínio denominadas de lógico-argumentativa e a lógico-matemática. Como instrumentos operacionais, no tratamento das informações para a construção da análise, os conceitos e métodos quantitativos contido no Anexo 1.

As informações utilizadas sobre os contratos de financiamentos através do Programa foram fornecidas pelo BNB e as demais, de natureza complementar, foram obtidas junto aos órgãos oficiais de estatísticas e de turismo.

1.3.3 – Desenho da amostra

A amostra resultante dos procedimentos adotados no Projeto de Pesquisa (vide Apêndice), cujos resultados são expostos e analisados ao longo do presente documento, apresenta as seguintes características: 90 estabelecimentos pesquisados (que enviaram os formulários devidamente respondidos), correspondendo a um nível de confiança de 95% e erro corrigido de 4,1%. A composição da amostra efetivamente

pesquisada, no âmbito dos aspectos contidos na metodologia do FNE, encontra-se nas Tabelas 1, 2, 3 e 4, a seguir.

As Tabelas 1 e 2 mostram a distribuição da amostra quanto às atividades financiadas pelo Programa e quanto às Unidades da Federação que compõem a área de sua atuação.

Tabela 1 – Composição da amostra efetiva por tipo de atividade turística

Estados	Universo Definido (1998/2005)		Amostra Pesquisada		Relação (%)
	Contrato	(%)	Contrato	(%)	
. Alojamento	183	66,3	67	74,4	36,6
. Alimentação	23	8,3	7	7,8	30,4
. Transportes	17	6,2	8	8,9	47,1
. Agências	18	6,5	7	7,8	38,9
. Outros	35	12,7	1	1,1	2,9
Total Geral	276	100,0	90	100,0	32,6

Fonte: BNB. Pesquisa direta, ago./2009.

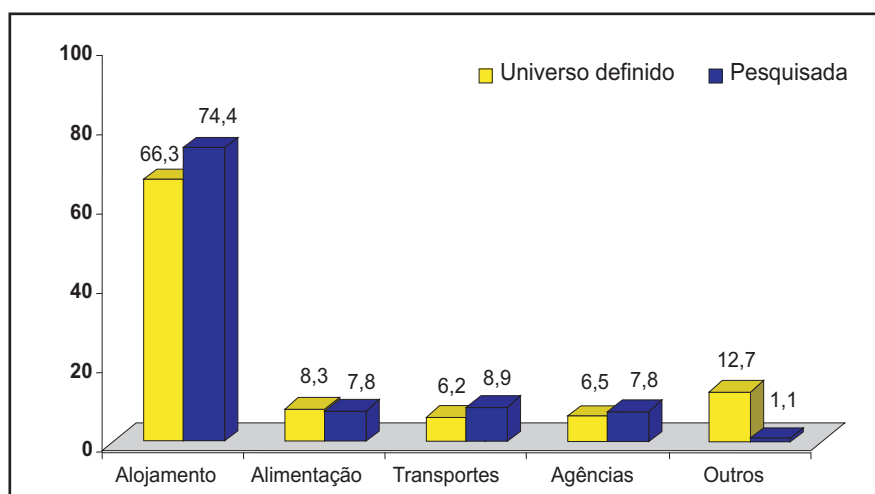


Gráfico 1 – Composição da amostra efetiva por atividade (%)

Fonte: Pesquisa Direta (Agosto de 2009) e Banco do Nordeste do Brasil (BNB).

No tocante às atividades pesquisadas, observa-se que as principais atividades beneficiadas pelo Programa (alojamento, alimentação, transportes e agências de viagem e turismo) representam 98,9% da amostra efetiva, quando a representatividade no universo é de 87,3%. Significa dizer que as demais atividades obtiveram baixa representatividade na amostra (com 1,1% e 12,7% no universo).

Quanto à abrangência espacial, com exceção do estado do Espírito Santo, cuja participação nos financiamentos ainda é pouco representativa, todos os demais estados foram incorporados na amostra efetiva.

Tabela 2 – Composição da amostra efetiva por unidade da federação

Estados	Universo Definido		Amostra Pesquisada		Relação (%)
	Contrato	(%)	Contrato	(%)	
Nordeste	268	97,1	85	94,4	31,7
Alagoas	16	5,8	7	7,8	43,8
Bahia	68	24,6	19	21,1	27,9
Ceará	44	15,9	16	17,8	36,4
Maranhão	25	9,1	6	6,7	24,0
Paraíba	10	3,6	4	4,4	40,0
Pernambuco	16	5,8	5	5,6	31,3
Piauí	21	7,6	11	12,2	52,4
Rio G. Norte	39	14,1	9	10,0	23,1
Sergipe	29	10,5	8	8,9	27,6
Sudeste	8	2,9	5	5,6	62,5
Espírito Santo	1	0,4	-	-	-
Minas Gerais	7	2,5	5	5,6	71,4
Total Geral	276	100,0	90	100,0	32,6

Fonte: BNB. Pesquisa direta, ago./2009.

As Tabelas 3 e 4 apresentam os índices de representatividade da pesquisa quanto ao porte dos estabelecimentos e quanto às áreas de abrangência do Programa. No que diz respeito ao porte dos beneficiários, constata-se uma quase perfeita relação entre a composição da amostra e do universo.

Tabela 3 – Composição da amostra efetiva por porte

Porte	Universo Definido		Amostra Pesquisada		Relação (%)
	Contrato	(%)	Contrato	(%)	
. Grande	17	6,2	5	5,6	29,4
. Médio	53	19,2	14	15,6	26,4
. Pequeno	107	38,8	37	41,1	34,6
. Micro	99	35,9	34	37,8	34,3
Total Geral	276	100,0	90	100,0	32,6

Fonte: BNB. Pesquisa direta, ago./2009.

No que se refere às áreas abrangidas pelo Programa (dentro e fora do semiárido), observa-se uma maior abrangência dos empreendimentos localizados na região do semi-árido, cuja representatividade na amostra efetiva foi de 47,8% e de 23,6% no universo.

Tabela 4 – Composição da amostra efetiva por região

Área	Universo Definido		Amostra Pesquisada		Relação (%)
	Contrato	(%)	Contrato	(%)	
. Fora do Semiárido	211	76,4	47	52,2	22,3
. Semiárido	65	23,6	43	47,8	66,2
Total Geral	276	100,0	90	100,0	32,6

Fonte: BNB. Pesquisa direta, ago./2009.

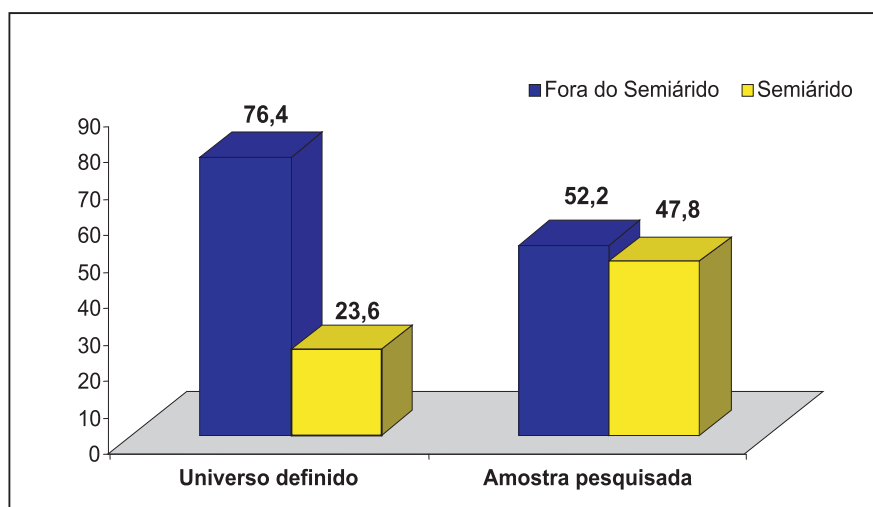


Gráfico 2 – Composição da amostra efetiva por região (%)

Fonte: Pesquisa Direta (Agosto de 2009) e Banco do Nordeste do Brasil (BNB).

1.3.4 – Análise dos indicadores de avaliação

A mensuração dos indicadores de avaliação tem como referência a Matriz de Avaliação do FNE para a área do turismo – PROATUR (Anexo 2). A avaliação tem como escopo dois tipos de análise: de resultados e de impactos.

a) Análise dos resultados

Conforme estabelece a metodologia, a análise dos resultados é representada pela verificação da aplicação dos recursos nos objetivos para os quais foram contratados; se os empreendimentos foram implantados, se os investimentos foram realizados e se estão operando (gerando os produtos a que se destinavam).

b) Análise dos impactos

Nesta análise, procura-se aferir os impactos do Programa, ou seja, do alcance dos seus objetivos gerais e específicos bem como das repercussões das suas intervenções junto à sociedade.

Na aferição dos indicadores foram levadas em consideração, além do banco de dados do Programa, as informações coletadas na pesquisa de campo realizadas com as empresas financiadas pelo PROATUR nos setores da cadeia produtiva do turismo, no período de 1998 a 2005.

CAPÍTULO 2 – O TURISMO NO BRASIL E NO NORDESTE

2.1 – O Fluxo Turístico Internacional

O turismo se apresenta com uma atividade importante na economia mundial. Nos últimos 20 anos, a atividade registrou crescimento anual da ordem de 4,0%, enquanto que o crescimento mundial médio, medido pelo PIB, foi inferior a 3,5% ao ano. Segundo a OMT, de 6% a 8% do total de empregos gerados no mundo depende do turismo.

As chegadas internacionais de 2008 foram da ordem de 924 milhões de turistas. Observa-se, ainda, uma tendência para a desconcentração dos fluxos internacionais, com a inclusão de novos destinos e novas rotas. Os números indicam um forte crescimento para os países da Ásia, Pacífico, África, Oriente Meio e América Latina.

2.1.1 – Evolução e tendência recente

No caso brasileiro, não obstante o vasto potencial de seus recursos e atrativos turísticos, por está inserido num continente em desenvolvimento e distante dos principais mercados emissores, tem encontrado dificuldades competitivas no mercado turístico mundial, ocupando a 36ª posição no *ranking* internacional em 2008, segundo a Organização Mundial de Turismo (OMT).

Tabela 5 – Fluxo turístico internacional no Brasil e no mundo (milhões de chegadas)

Anos	Mundo	Brasil	Brasil/Mundo (%)
1998	626,6	4,8	0,77
1999	650,2	5,1	0,78
2000	697,3	5,3	0,76
2001	684,1	4,8	0,70
2002	702,6	3,8	0,54
2003	694,2	4,1	0,59
2004	764,0	4,8	0,60
2005	808,0	5,4	0,67
2006	845,0	5,0	0,59
2007	908,0	5,0	0,55
2008	924,0	5,1	0,55

Fontes: OMT, EMBRATUR, 2009.

De acordo com a Tabela 5, no período 1998/2008, o fluxo internacional para o Brasil apresentou um crescimento médio geométrico anual de 0,6% e a sua participação no fluxo mundial revela uma tendência decrescente no período, passando de 0,77 para a 0,55 (Tabela 6).

Tabela 6 – Variações relativas anuais na entrada de turistas estrangeiros no Brasil (mil turistas)

Item	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008
Turistas	4.818	5.107	5.313	4.773	3.785	4.133	4.794	5.352	5.019	5.026	5.050
Var(%)	-	6,0	4,0	-10,2	-20,7	9,2	16,0	11,7	-6,2	0,1	0,5

Fontes: DPF, EMBRATUR, 2009.

Nota: a) Em 1998, ocorreu uma mudança de metodologia; e b) A média das variações relativas anuais entre 1998/2008 é de 1,0%.

Segundo a EMBRATUR, apesar da relativa estagnação no fluxo turístico internacional para o país, o impacto sobre a entrada de divisas tem sido bastante satisfatório nos últimos anos. Segundo dados do Banco Central, os gastos de turistas estrangeiros em visita ao Brasil somaram US\$ 5,785 bilhões em 2008, representando incremento de 16,82% em relação a 2007 (US\$ 4,952 bilhões), o que reforça a importância do turismo na geração de divisas para o país (Gráfico 3).

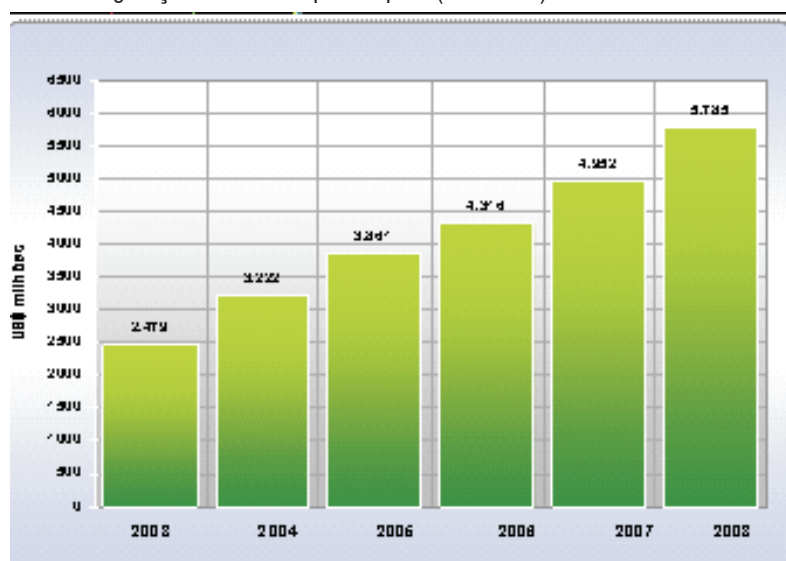


Gráfico 3 – Receita cambial turística – 2003/2008 (US\$ milhões)

Fonte: BACEN, 2008.

Por sua vez, a despesa cambial turística (correspondente aos gastos efetuados por brasileiros em viagens internacionais) atingiu US\$ 10,96 bilhões em 2008, um aumento de 33,55% comparativamente a 2007 (US\$ 8,21 bilhões) (Gráfico 4). Com a valorização da moeda nacional em relação ao dólar, a partir de 2005, houve um

aumento no poder de compra dos brasileiros no mercado internacional, expandindo o fluxo de turistas brasileiros para o exterior.



Gráfico 4 – Despesa cambial turística – 2003/2008 (US\$ milhões)

Fonte: BACEN, 2009.



Gráfico 5 – Déficit cambial turístico – 2000/2008 (US\$ milhões)

Fonte: BACEN, 2009.

Esse é um dos motivos para que o saldo da conta viagens tenha registrado déficit crescente desde 2003, como mostra o Gráfico 5. Em 2008, o déficit foi de US\$ 5,178 bilhões, o pior resultado da série histórica do Banco Central do Brasil (BACEN), divulgada desde 1947.

A corrente cambial turística (receita mais despesa) apresenta uma tendência crescente a partir de 2002. Esses dados podem ser observados no Gráfico 6.

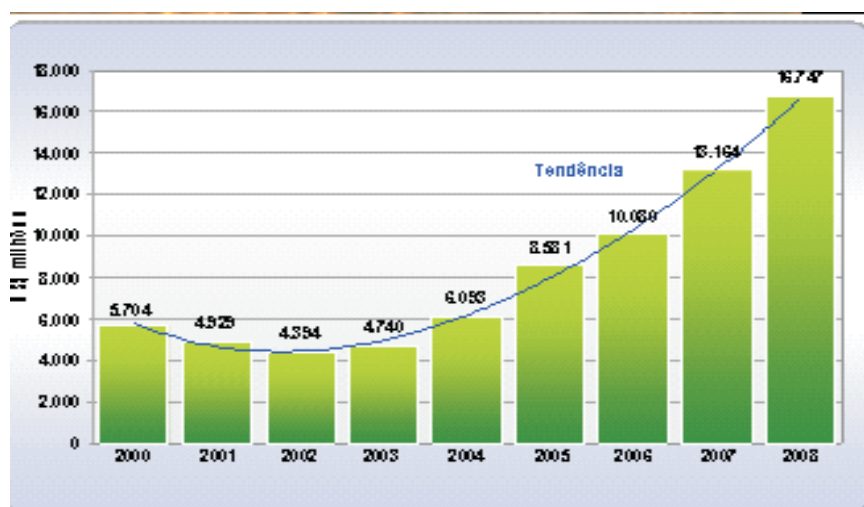


Gráfico 6 – Corrente cambial turística – 2000/2008 (US\$ milhões)

Fonte: BACEN, 2009.

2.1.2 – Desembarques internacionais

O Brasil possui vários pontos de entrada que propiciam a chegada dos turistas estrangeiros, no país, esteja ele utilizando vias de acesso aérea, terrestre (rodoviária e/ou ferroviária) ou hidroviária (marítima e/ou fluvial).

Em 2008, o Brasil totalizou 5.050.099 chegadas de turistas residentes no exterior. Com isso, foi mantida a marca superior a 5 milhões de chegadas ao ano, alcançada desde 2005. A Tabela 7 apresenta a distribuição das chegadas de turistas estrangeiros no Brasil em 2008, segundo as vias de acesso.

Tabela 7 – Chegadas de turistas internacionais no Brasil, por via de acesso em 2008

Vias acesso	Absoluto	(%)
Aérea	3.691.240	73,1
Terrestre	1.248.508	24,7
Marítima e Fluvial	110.351	2,2
Total Geral	5.050.099	100,0

Fontes: BRASIL. Ministério do Turismo, Departamento de Polícia Federal, 2008.

Do total de turistas, a maior parte, 73,1%, chegou ao país por via aérea. Já a via terrestre foi responsável por 24,7% do número de turistas que entraram no Brasil. O percentual de turistas que chegou ao país por via marítima e fluvial é de cerca de 2,2% do total. As duas principais procedências dos turistas que chegam ao Brasil, por via aérea, são a Europa (43%) com 56% destes turistas provenientes da Itália, Alemanha, Portugal e França; e a América do Sul (27%) com 61% procedentes da Argentina e Chile. Os turistas que viajam por via terrestre provêm, predominantemente, da América do Sul (82%) e, destes, 70% são da Argentina, Paraguai e Uruguai.

O Gráfico 7 mostra a evolução dos desembarques de passageiros em voos internacionais nos aeroportos do país, no período 1998/2008.

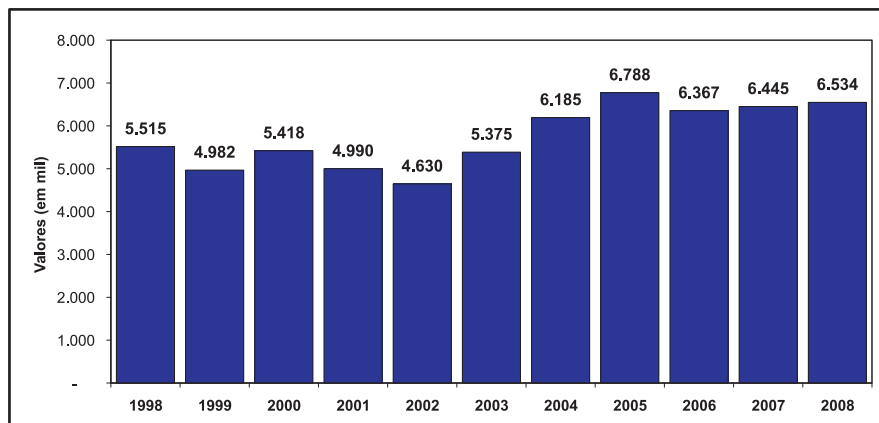


Gráfico 7 – Desembarques de passageiros em voos internacionais (milhões de pax)

Fonte: INFRAERO, 2009.

De acordo com dados divulgados pela Infraero, o total de desembarques internacionais (que inclui os brasileiros retornando do exterior) alcançou 6.534 mil passageiros em 2008, o que equivale a um aumento de 0,50% em relação a 2007 (6.445).

mil passageiros). A taxa média geométrica ocorrida no período 1998/2008 é de 1,7% ao ano.

2.1.3 – Países emissores

De acordo com dados da EMBRATUR/MTur, mais de 90% das chegadas de turistas ao Brasil residem na América do Sul, Europa e América do Norte. Em 2007 (Gráfico 8), as chegadas da América do Sul foram de 41,0%, as do continente europeu atingiram 35,0%, as oriundas da América do Norte foram de 15,0% e dos demais emissores somaram 5,0%.

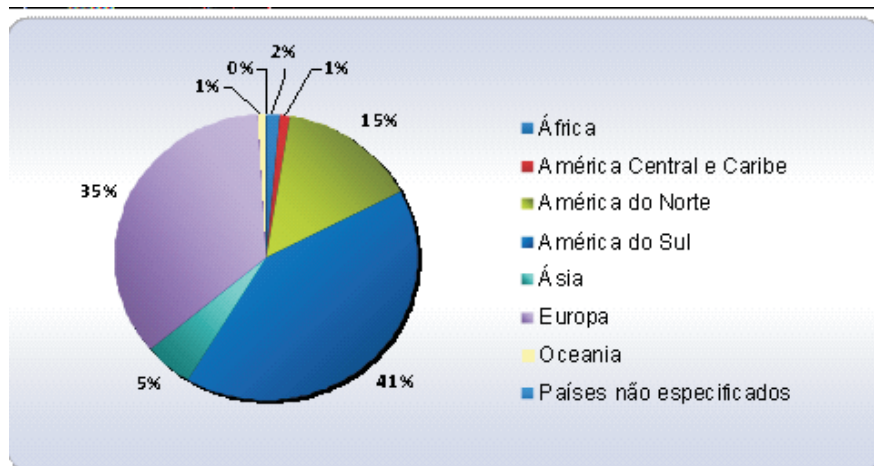


Gráfico 8 – Chegadas de turistas ao Brasil, segundo os Continentes – 2007

Fontes: BRASIL. Ministério do Turismo, Departamento da Polícia Federal, 2009.

A Tabela 8 contém os países que mais enviaram turistas ao Brasil, em 2007 e 2008. A Argentina e os Estados Unidos foram os principais mercados emissores.

A Tabela 9 mostra as alterações entre os principais mercados emissores entre 1996 e 2008. No ano de 2008, a lista com os dez países que mais enviaram turistas ao Brasil manteve-se com os mesmos países verificados em 2007, no entanto com mudanças nas posições. As principais alterações ocorridas são: a Itália passou a ser o país da Europa que mais envia turistas ao Brasil, ultrapassando Portugal, que ocupava essa posição em 2007; e o aumento no número de turistas residentes no Paraguai, que passou de 212.022 para 217.709 e fez com que o mesmo ultrapassasse a França, Espanha e Uruguai.

Tabela 8 – Chegadas de turistas ao Brasil, segundo Principais Países Emissores – 2007-2008

Mercados Emissores	2007			2008			Var (%)
	Turistas	(%)	Ranking	Turistas	(%)	Ranking	
Argentina	921.679	18,3	1	1.017.675	20,2	1	10,4
Estados Unidos	695.749	13,8	2	625.506	12,4	2	-10,1
Itália	268.685	5,3	4	265.724	5,3	3	-1,1
Alemanha	257.740	5,1	6	254.264	5,0	4	-1,3
Chile	260.439	5,2	5	240.087	4,8	5	-7,8
Portugal	280.438	5,6	3	222.558	4,4	6	-20,6
Paraguai	212.022	4,2	10	217.709	4,3	7	2,7
França	254.367	5,1	7	214.440	4,2	8	-15,7
Espanha	216.891	4,3	9	202.624	4,0	9	-6,6
Uruguai	226.111	4,5	8	199.403	3,9	10	-11,8
Inglaterra	176.970	3,5	11	181.179	3,6	11	2,4
Colômbia	45.838	0,9	17	96.846	1,9	12	111,3
Peru	96.336	1,9	12	93.693	1,9	13	-2,7
Bolívia	61.990	1,2	15	84.072	1,7	14	35,6
Holanda	83.566	1,7	13	81.936	1,6	15	-2,0
Japão	63.381	1,3	14	81.270	1,6	16	28,2
Outros	903.632	18,0	...	971.113	19,2	...	7,5
Total	5.025.834	100,0	0	5.050.099	100,0	0	0,5

Fontes: BRASIL. Ministério do Turismo, Departamento de Polícia Federal, 2009.

Tabela 9 – Principais mercados emissores de turistas para o Brasil

Mercados Emissores	1996		2008		Var (%)
	Turistas	(%)	Turistas	(%)	
Argentina	858.189	32,2	1.017.695	20,2	1,9
Estados Unidos	356.000	13,4	625.506	12,4	7,6
Itália	109.834	4,1	265.724	5,3	14,2
Alemanha	141.562	5,3	254.264	5,0	8,0
Chile	87.153	3,3	240.087	4,8	17,5
Portugal	62.642	2,4	222.558	4,4	25,5
Paraguai	118.563	4,4	217.709	4,3	8,4
França	75.277	2,8	214.440	4,2	18,5
Espanha	65.140	2,4	202.624	4,0	21,1
Uruguai	209.333	7,9	199.403	3,9	-0,5
Inglaterra	58.201	2,2	181.179	3,6	21,1
Outros	523.614	19,6	1.408.910	27,9	16,9
Total	2.665.508	100	5.050.099	100,0	8,9

Fonte: BRASIL. Ministério do Turismo, Departamento da Polícia Federal, 2009.

2.1.4 – Cidades mais visitadas pelos turistas internacionais

De acordo com dados da EMBRATUR, historicamente, as cidades mais procuradas pelos turistas estrangeiros que chegam ao Brasil são: Rio de Janeiro, São Paulo, Florianópolis e Foz do Iguaçu. Nos últimos anos, duas capitais do Nordeste têm conquistado posicionamento no *ranking*: Salvador passou a figurar entre as quatro mais visitadas e Fortaleza entre as nove mais procuradas.

Tabela 10 – Cidades mais visitadas pelos turistas estrangeiros no Brasil

Cidades mais visitadas	Participação (%)		Var (%)
	1996	2006	
São Paulo	22,4	29,0	29,5
Rio de Janeiro	30,5	27,1	-11,1
Foz do Iguaçu	16,6	15,4	-7,2
Salvador	7,7	7,6	-1,3
Florianópolis	17,0	7,0	-58,8
Porto Alegre	10,1	4,3	-57,4
Fortaleza	3,2	4,2	31,3
Curitiba	2,1	4,2	100,0
Camboriú	5,4	3,9	-27,8

Fontes: EMBRATUR, Departamento da Polícia Federal, 2008.

2.2 – O Turismo Doméstico

O fluxo turístico doméstico representa um mercado significativo para qualquer destino turístico, principalmente em países ou regiões com vastas dimensões territoriais. O Gráfico 9 mostra a evolução dos desembarques de passageiros em voos domésticos. O crescimento médio geométrico entre 1998 e 2008 foi de 6,4%.

Os principais estados emissores de turistas domésticos estão situados nas regiões Sul e Sudeste, entre eles destacam-se: São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Paraná (Tabela 11).

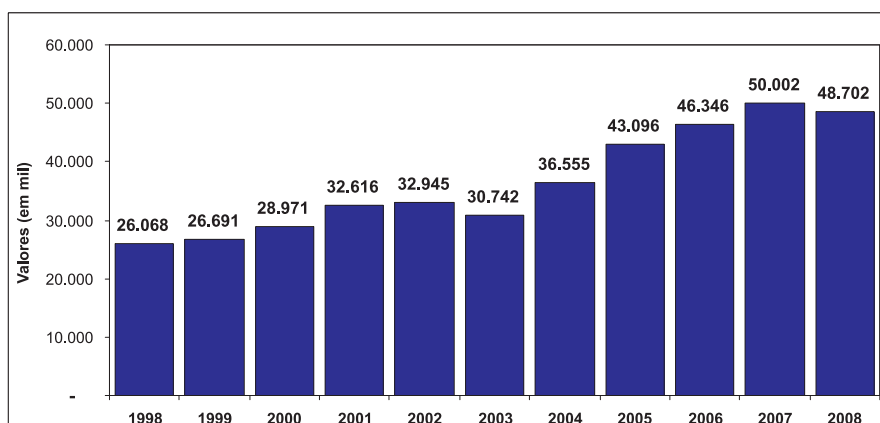


Gráfico 9 – Desembarques de passageiros em voos nacionais (milhões de pax)

Fonte: INFRAERO, 2009.

Tabela 11 – Principais estados emissores domésticos no Brasil – 1998/2005

Estados	Participação (%)		Var(%)
	1998	2005	
São Paulo	24,5	35,7	45,7
Minas Gerais	6,7	13,6	102,7
Rio de Janeiro	6,8	8,3	21,7
Rio Grande do Sul	5,6	7,9	40,3
Paraná	7,5	7,4	-1,3

Fonte: FIPE. Estudo da demanda doméstica, EMBRATUR, 2006.

Os estados que mais receberam turistas pertencem à região Sudeste, destacando-se os Estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, vindo em seguida os estados da região Nordeste, com a Bahia e o Ceará (Tabela 12).

Tabela 12 – Principais estados receptores domésticos no Brasil – 1998/2005

Estados	Participação (%)		Var(%)
	1998	2005	
São Paulo	18,72	27,7	48,0
Minas Gerais	6,94	10,8	55,6
Rio de Janeiro	8,24	8,4	1,9
Bahia	6,87	7,4	7,7
Paraná	7,05	6,4	-9,2
Ceará	7,3	3,4	-53,4

Fonte: FIPE. Estudo da demanda doméstica, EMBRATUR, 2006.

As cidades mais visitadas pelos turistas brasileiros são: São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Fortaleza e Curitiba (Tabela 13).

Tabela 13 – Cidades mais visitadas no país pelos turistas brasileiros

Cidades	2005
São Paulo	29,0
Rio de Janeiro	27,1
Salvador	7,6
Fortaleza	4,2
Curitiba	4,2

Fonte: FIPE/USP, EMBRATUR, 2006.

Segundo a EMBRATUR/MTur, o Estado de São Paulo tem sido o principal polo turístico do País, sendo, contudo, um mercado emissor líquido (emite mais do que recebe visitantes). O Nordeste, no âmbito do turismo doméstico, caracteriza-se como um mercado receptor líquido (recebe mais do que emite visitantes), com destaque para os estados da Bahia, Ceará, Pernambuco e, ultimamente, o Estado do Rio Grande do Norte.

2.3 – Evolução do Turismo na Região Nordeste

2.3.1 – Evolução do fluxo turístico para as capitais e estados

O fluxo turístico para as capitais e estados do Nordeste mais do que duplicou no período 1998/2008. No conjunto das capitais, passou de 7.130 mil turistas em 1998 para 12.052 mil turistas em 2008, registrando um crescimento médio anual de 5,4%. Já o fluxo turístico receptivo dos estados saltou de 11.474 mil turistas para 20.485 mil turistas, revelando uma taxa média anual de crescimento de 6,0%, no período mencionado (Tabela 14).

Tabela 14 – Evolução do fluxo turístico no nordeste – 1998-2008

Anos	Capitais (FC)			Estado (FE)			Relação (%) FC/FE
	1000 Tur	Índice(%)	Var(%)	1000 Tur	Índice(%)	Var(%)	
1998	7.130	100,0	-	11.474	100,0	-	62
1999	7.487	105,0	5,0	12.403	108,1	8,1	60
2000	8.126	114,0	8,5	13.466	117,4	8,6	60
2001	9.133	128,1	12,4	15.689	136,7	16,5	60
2002	9.398	131,8	2,9	15.932	138,9	1,5	59
2003	9.382	131,6	-0,2	15.883	138,4	-0,3	59
2004	10.050	141,0	7,1	17.096	149,0	7,6	59
2005	10.911	153,0	8,6	18.599	162,1	8,8	59
2006	11.465	160,8	5,1	19.572	170,6	5,2	59
2007	11.826	165,9	3,1	20.109	175,3	2,7	59
2008	12.052	169,0	1,9	20.485	178,5	1,9	59

Fonte: GTP/CTI-NE e Órgãos Oficiais dos Estados do Nordeste, 2009.

As maiores taxas de crescimento, tanto para as capitais quanto para os estados ocorreram no período 1998/2001, superando as respectivas taxas médias de crescimento verificadas no período 2002/2008 (Tabela 15).

Tabela 15 – Taxas de crescimento do fluxo turístico por período

Períodos	Capitais (%)	Estados (%)
1998/2001	8,6	11,0
2002/2008	4,2	4,3
1998/2008	5,4	6,0

Fonte: GTP/CTI-NE, Órgãos Oficiais dos Estados do Nordeste, 2009.

O período de maior crescimento do fluxo turístico (1998/2001) coincide com os investimentos do PRODETUR-NE I, concentrados na infraestrutura turística de transporte, notadamente nos aeroportos das capitais. Segundo o Banco do Nordeste do Brasil, com base nos relatórios e diagnósticos constantes nos Planos de Desenvolvimento Integrado de Turismo Sustentável (PDITS) dos estados, os aeroportos mais beneficiados foram os seguintes:

- Aeroporto Luís Eduardo Magalhães (BA), cuja capacidade instalada passou de 2,0 milhões para 6,0 milhões de pax/ano, em 2002;
- Aeroporto Pinto Martins (CE), cuja capacidade instalada passou de 0,95 milhões para 2,5 milhões de pax/ano, em 1998; e
- Aeroporto Augusto Severo (RN), cuja capacidade instalada passou de 0,5 milhões para 1,2 milhão de pax/ano, em 1998.

O período de menor crescimento do fluxo turístico, principalmente no biênio 2002/03, coincide com a crise mundial decorrente de 11 de setembro de 2001 e face à conjuntura adversa vivenciada pela economia brasileira no período, com baixas taxas de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), aumento da inflação e taxa de câmbio.

O Gráfico 10 explicita o comportamento do fluxo turístico das capitais e dos estados do Nordeste, onde se observa um melhor desempenho para o agregado no âmbito dos estados, provavelmente devido, em parte, aos investimentos financiados pelos fundos e programas oficiais, como o PRODETUR-NE e o FNE/PROATUR, que possibilitaram o crescimento e o surgimento de novos destinos turísticos, tais como: Porto Seguro e Morro de São Paulo na Bahia; Porto de Galinhas em Pernambuco; Praia da Pipa no Rio Grande do Norte; Jericoacoara e Mundaú no Ceará e Lençóis Maranhenses, no Maranhão.

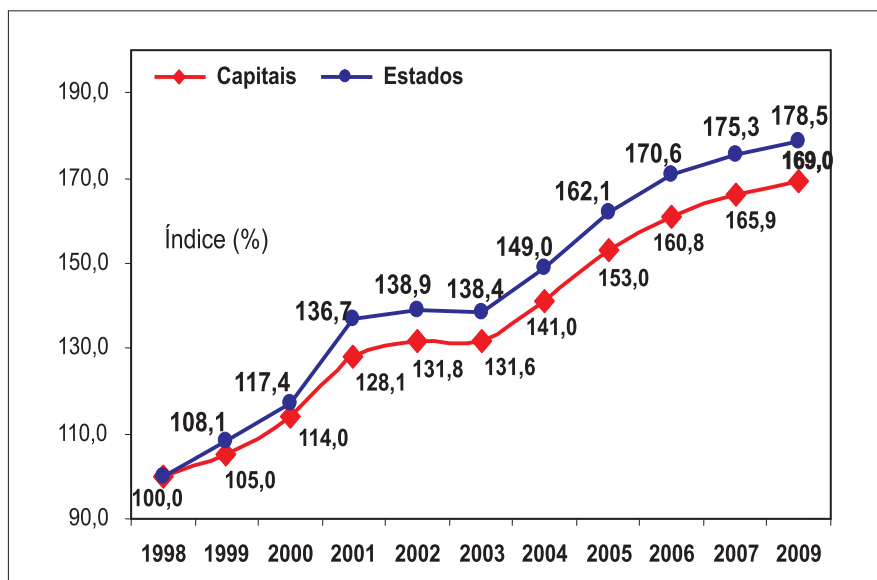


Gráfico 10 – Evolução do fluxo turístico no nordeste (%) – 1998-2008

Fonte: GTP/CTI-NE, Órgãos Oficiais dos Estados do Nordeste, 2009.

Tabela 16 – Evolução do fluxo turístico nas Capitais e Estados do Nordeste – 1996-2008

Capitais	1996 (1000 Turistas)				2008 (1000 Turistas)				Variações(%)	
	Capitais	(%)	Estado	(%)	Capitais	(%)	Estado	(%)	Capital	Estado
. Salvador (PB)	1.633	32,4	2.880	36,7	2.620	21,7	5.502	26,9	60,4	91,0
. Recife (PE)	864	17,2	1.330	16,9	2.214	18,4	3.776	18,4	156,3	183,9
. Fortaleza (CE)	773	15,3	989	12,6	2.178	18,1	3.528	17,2	181,8	256,7
. Natal (AL)	471	9,4	563	7,2	1.391	11,5	2.201	10,7	195,3	290,9
. Maceió (AL)	275	5,5	495	6,3	1.018	8,4	1.527	7,5	270,2	208,5
. São Luís (MA)	355	7,0	605	7,7	959	8,0	1.496	7,3	170,1	147,3
. João Pessoa (PB)	400	7,9	560	7,1	837	6,9	1.194	5,8	109,3	113,2
. Teresina (PI)	81	1,6	108	1,4	413	3,4	661	3,2	409,9	512,0
. Aracaju (SE)	185	3,7	320	4,1	422	3,5	600	2,9	128,1	87,5
Nordeste	5.037	100,0	7.850	100,0	12.052	100,0	20.485	100,0	139,3	161,0

Fonte: GTP/CTI-NE, Órgãos Oficiais dos Estados do Nordeste, PDITS, 2008.

A Tabela 16 contém o fluxo turístico para as capitais e os respectivos estados do Nordeste, em 1996 e 2008, onde se destacam as capitais e os estados da Bahia, Pernambuco e Ceará como os principais destinos turísticos na formação do fluxo

turístico para a região. Deve ser, ainda, observado o acentuado crescimento do fluxo turístico nas capitais dos estados do Piauí, Rio Grande do Norte e Alagoas.

2.3.2 – Viagens e movimentos nos aeroportos

Considerando que o turismo é um fenômeno associado ao deslocamento temporário das pessoas de seu entorno habitual para outra localidade, e que os estados do Nordeste, cujos destinos turísticos estão distantes dos principais mercados emissores turísticos nacionais e internacionais, as viagens aéreas, particularmente, os desembarques de passageiros nos aeroportos nas capitais (principais destinos turísticos), podem ser consideradas como *proxy* na análise do aumento do fluxo turístico na região.

A Tabela 17 mostra os fluxos de desembarques de passageiros nos aeroportos das capitais do Nordeste. As capitais que apresentaram maiores taxas de crescimento, no período 1998/2008, foram São Luís (MA), Salvador (BA), João Pessoa (PB), Aracaju (SE) e Natal (RN). O fluxo de desembarques de passageiros nas capitais do Nordeste passou de 4,1 milhões em 1998 para 9,7 milhões de passageiros em 2008, correspondendo um aumento de 133,3% e uma taxa média anual de 8,8%, semelhante às taxas mensuradas para os fluxos turísticos das capitais e estados do Nordeste. Conforme foi demonstrado na Tabela 16, a taxa média anual de crescimento do fluxo turístico para as capitais foi calculada em 5,4% e em 6,0% para os estados.

Tabela 17 – Desembarques nos Aeroportos das Capitais do Nordeste – 1998/2008

Capitais	Desembarques (pax's)		Var 1998/08	
	1998	2008	Anual	Período
. Salvador	1.038.324	3.039.166	11,3	192,7
. Recife	1.134.416	2.429.826	7,9	114,2
. Fortaleza	844.478	1.673.465	7,1	98,2
. Natal	367.139	818.535	8,3	122,9
. Maceió	253.233	473.787	6,5	87,1
. São Luís	139.334	429.573	11,9	208,3
. Aracaju	146.273	335.213	8,6	129,2
. J. Pessoa	93.906	224.432	9,1	139,0
. Teresina	121.911	234.371	6,8	92,2
Total Geral	4.139.014	9.658.368	8,8	133,3

Fonte: INFRAERO, SETUR-CE, 2009.

A Tabela 18 apresenta os fluxos turísticos e de desembarques de passageiros nas capitais do Nordeste no período 1998/2008. O coeficiente de correlação (r) entre os agregados é de 0,93, revelando uma quase que perfeita relação entre as variáveis (fluxo turístico nas capitais e desembarques).

Tabela 18 – Fluxo turístico e desembarques de passageiros nos aeroporto das capitais do Nordeste – 1998/2008

Anos	Fluxo nas Capitais (FC)			Desembarques (D)			Relação D/FC
	1000 Tur	Índice(%)	Var(%)	1000 Pax	Índice(%)	Var(%)	
1998	7.130	100,0	-	4.139	100,0	-	0,58
1999	7.487	105,0	5,0	4.175	100,9	0,9	0,56
2000	8.126	114,0	8,5	4.509	108,9	8,0	0,55
2001	9.133	128,1	12,4	4.976	120,2	10,4	0,54
2002	9.398	131,8	2,9	6.210	150,0	24,8	0,66
2003	9.382	131,6	-0,2	5.742	138,7	-7,5	0,61
2004	10.050	141,0	7,1	6.817	164,7	18,7	0,68
2005	10.911	153,0	8,6	7.795	188,3	14,3	0,71
2006	11.465	160,8	5,1	9.150	221,1	17,4	0,80
2007	11.826	165,9	3,1	10.087	243,7	10,2	0,85
2008	12.052	169,0	1,9	10.136	244,9	0,5	0,84

Fonte: GTP/CTI-NE, Órgãos Oficiais de Turismo dos Estados do Nordeste, PDITS, 2009.

2.3.3 – Sazonalidade do fluxo

Uma das peculiaridades do fluxo turístico, inerente a qualquer destino turístico, diz respeito à sua sazonalidade, ou seja, variações de intensidade da demanda turística que caracterizam determinadas épocas do ano, daí a ocorrência da alta e da baixa estação turística.

As causas provocadoras desse fenômeno são atribuídas, notadamente, aos seguintes fatores:

- institucionais – férias trabalhistas e escolares que são concentradas e definidas no tempo; e
- climáticos e outros fatores – vinculam as atividades turísticas em determinado período de tempo, tais como: estações climáticas e eventos de massa.

Os efeitos da sazonalidade da demanda sobre os agentes e negócios turísticos, entre outros, são os seguintes:

- degradação da qualidade dos serviços durante o pico da alta estação;
- subutilização dos recursos limitados nos períodos da baixa estação;
- redução da rentabilidade dos negócios turísticos e do nível de emprego; e

d) instabilidade no mercado turístico, com implicações nos demais segmentos da economia receptora, via cadeia produtiva e efeito multiplicador.

Com isso, uma das estratégias visando reduzir a ociosidade temporária dos equipamentos turísticos, principalmente na rede hoteleira, e ao desemprego da mão-de-obra num destino turístico, consiste em desenvolver uma política de promoção e de diversificação do produto turístico, no sentido de atenuar os efeitos da sazonalidade da demanda.

No caso específico do Nordeste, confrontando os extremos do período 1996/2008, observa-se que o desenho da curva de sazonalidade melhorou bastante em relação a 1996. Note-se que, no caso das taxas de ocupação hoteleira, não obstante as curvas apresentarem desenhos semelhantes, a curva de 2008 situa-se acima da curva de 1996, revelando um maior índice de ocupação da capacidade instalada (Gráfico 11).

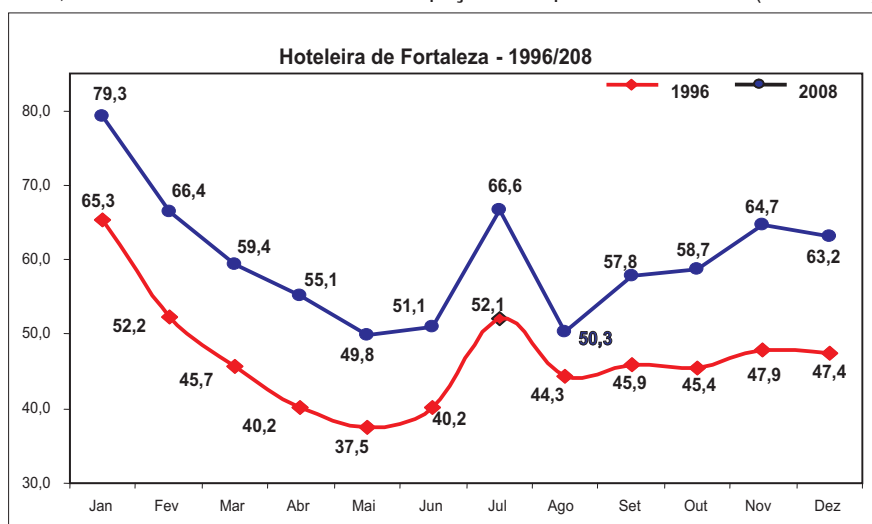


Gráfico 11 – Índice de sazonalidade da taxa de ocupação (%)

Fonte: SETUR/CE.

2.3.4 – Aumento das atividades características do turismo

De acordo com a Tabela 19, o crescimento do número de estabelecimentos nas atividades características do turismo no Nordeste, no período 1994/2008, foi superior ao verificado para o Brasil, com exceção do ramo de transporte rodoviário.

Tabela 19 – Número de estabelecimentos nas atividades características principais do turismo no Nordeste

Segmentos	Nordeste		Var (%)	Brasil		Var (%)
	1994	2008		1994	2008	
. Alojamento	1.935	5.403	179,2	12.646	25.110	98,6
. Alimentação	4.944	17.259	249,1	61.381	141.648	130,8
. Agências	580	3.374	481,7	5.068	19.142	277,7
. Transporte aéreo	90	164	82,2	918	947	3,2
. Transporte rodoviário	589	7.914	1.243,6	4.219	85.995	1.938,3
. Atividade recreativa	1.853	12.449	571,8	17.673	96.354	445,2
. Locadora de veículos	193	1.282	564,2	1.000	4.925	392,5
Total Geral	10.184	47.845	369,8	102.905	374.121	263,6

Fonte: BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. RAIS, 2008.

O crescimento no total de estabelecimentos das atividades relacionadas, no Brasil, foi de 263,6%, enquanto que no Nordeste o aumento foi de 369,8%. Os segmentos que mais cresceram em número de estabelecimentos foram os de transporte rodoviário, atividades recreativas, locadoras de veículos, agências de viagem e alimentação. As atividades com menores crescimentos foram as de transporte aéreo e de alojamento. Embora as taxas de crescimento desses importantes segmentos turísticos (transporte aéreo e alojamento) sejam também significativas (82,2% e 179,2%, respectivamente) deve ser levado em consideração que tais atividades exigem elevado grau de imobilização de capital.

No caso do ramo de alojamento, à proporção que um destino se desenvolve, ocorre o ingresso de capitais na implantação de estabelecimentos hoteleiros de grande porte pertencentes as redes internacionais, provocando um processo de ajuste na capacidade hoteleira instalada no mercado, geralmente, alijando do mercado um número significativo de pequenos e médios estabelecimentos.

2.3.5 – Desempenho da rede hoteleira

No turismo, um dos indicadores relevantes na avaliação de sua evolução, consiste na análise do desempenho revelado pela rede hoteleira instalada em determinado destino.

Tabela 20 – Oferta hoteleira das capitais do Nordeste

Capitais	Unidades Habitacionais				Variações(%)	
	1996		2008		Total	Anual
	Uhs	(%)	Uhs	(%)		
. Salvador (BA)	8.427	27,2	15.841	26,4	88,0	6,5
. Recife (PE)	3.806	12,3	6.841	11,4	79,7	6,0
. Fortaleza (CE)	5.945	19,2	10.365	17,3	74,3	5,7
. Natal (RN)	4.894	15,8	9.021	15,1	84,3	6,3
. Maceió (AL)	1.558	5,0	5.642	9,4	262,1	13,7
. São Luís (MA)	774	2,5	3.443	5,7	344,8	16,1
. Aracaju (SE)	2.329	7,5	4.225	7,1	81,4	6,1
. João Pessoa (PB)	2.259	7,3	2.960	4,9	31,0	2,7
. Teresina (PI)	950	3,1	1.554	2,6	63,6	5,0
Total	30.942	100,0	59.892	100,0	93,6	6,8

Fonte: GTP/CTI-NE, PDITS, Órgãos Oficiais dos Estados do Nordeste, 2008.

Nota: Natal inclui os municípios da grande Natal.

A propósito, a Tabela 20 registra a capacidade instalada na rede hoteleira nas capitais do Nordeste no período 1996/2008, em termos de UHs (apartamentos). Observa-se, então, que a hotelaria nas capitais do Nordeste saltou de 30.942 UHs em 1996 para 59.892 UHs em 2008, registrando um aumento de 93,6% no período, correspondendo a uma taxa anual de crescimento da ordem de 6,8%. De acordo, ainda, com os resultados apresentados constata-se que as capitais com melhores desempenhos foram: São Luís (344,8%), Maceió (262,1%), Salvador (88,0%), Natal (84,3%), Aracaju (81,4%), Recife (79,7%) e Fortaleza (74,3%).

No tocante à distribuição da capacidade instalada, constata-se que as cidades de Salvador (26,4%), Fortaleza (17,3%), Natal (15,1%), Recife (11,4%) e Maceió (9,4%), juntas, respondem por 79,7% da capacidade instalada em 2008 nas capitais nordestinas, quando em 1996 a participação dessas capitais era de 79,6%. Embora tenha permanecido o elevado índice de concentração verifica-se a ocorrência de perdas relativas nos principais destinos (Salvador, Fortaleza, Recife e Natal).

Outro indicador relevante para medir o desempenho e os resultados do turismo num determinado destino, é o grau de utilização da capacidade instalada nos alojamentos, isto é, da taxa de ocupação hoteleira. Neste sentido, a Tabela 21 mostra o comportamento dessas taxas na hotelaria das capitais do Nordeste, no período de 1996/2007. No Nordeste, a taxa média anual evoluiu e variou entre 47,7 e 59,2% no período.

Tabela 21 –Evolução das taxas de ocupação na hotelaria das Capitais do Nordeste (%)

Anos	Capitais do Nordeste									NE
	Salvador	Fortaleza	Natal	Recife	São Luís	J.Pessoa	Maceió	Teresina	Aracaju	
1996	49,6	47,1	47,9	45,5	52,3	54,9	50,5	34,2	47,4	47,7
1997	50,2	51,3	48,4	55,0	54,5	56,0	45,4	35,0	55,7	50,2
1998	51,9	59,4	51,3	57,7	53,9	57,0	56,5	37,2	53,4	53,1
1999	59,6	57,5	51,0	61,1	52,1	52,2	64,7	35,5	46,6	53,4
2000	65,6	58,7	52,6	64,2	53,2	56,7	69,2	39,7	50,2	56,7
2001	61,9	57,7	49,5	65,2	48,4	55,0	68,5	44,0	54,4	56,1
2002	59,1	52,0	46,6	64,5	46,5	56,7	57,0	51,3	55,5	54,4
2003	62,7	51,6	49,1	62,6	49,0	51,5	54,3	47,3	56,9	53,9
2004	62,1	59,3	56,1	62,0	51,5	56,3	61,9	43,3	54,4	56,3
2005	65,2	58,9	60,4	63,7	50,7	58,6	70,4	46,3	58,9	59,2
2006	62,4	57,4	54,0	63,5	49,4	58,8	67,9	49,2	64,5	58,6
2007	63,2	55,4	52,6	65,4	49,2	58,7	62,0	46,3	60,9	57,1

Fonte: GTP/CTI-NE, PDITS, Órgãos Oficiais dos Estados do Nordeste, 2008.

2.3.6 – Emprego nas atividades turísticas

A determinação do nível de emprego gerado pelo turismo é uma tarefa bastante complexa. Além da questão da informalidade, que escapa das estatísticas oficiais das organizações públicas, ligadas ao mercado de trabalho, pelo menos dois outros fatores dificultam consideravelmente sua mensuração: a sazonalidade da demanda turística (alta e baixa estação) e a inexistência de um setor exclusivamente turístico, pois as atividades econômicas não são divididas entre as que produzem para os turistas e as que produzem para os não turistas. Na verdade, por mais dependente que seja uma economia do turismo, sua contribuição será sempre de natureza complementar no atendimento às necessidades e exigências da população de determinado destino turístico.

2.3.7 – Emprego nas atividades características

No tocante à questão do emprego no turismo no Nordeste, serão analisados os níveis de empregos formais nas atividades características do turismo, conforme a Tabela 22.

Tabela 22 – Empregos nas principais atividades características do turismo no Nordeste

Segmentos	Nordeste		Var	Brasil		Var	Relação NE/BR	
	1994	2008	(%)	1994	2008	(%)	1994	2008
Alojamento	26.617	63.355	138,0	161.835	267.789	65,5	16,4	23,7
Alimentação	33.518	142.770	326,0	380.489	1.062.710	179,3	8,8	13,4
Agências	2.919	5.456	86,9	29.478	39.929	35,5	9,9	13,7
Transporte aéreo	2.405	4.489	86,7	52.673	56.312	6,9	4,6	8,0
Transporte rodoviário	77.474	166.495	114,9	495.462	1.293.110	161,0	15,6	12,9
Atividade recreativa	24.987	31.532	26,2	211.922	274.478	29,5	11,8	11,5
Locadoras de veículos	975	10.131	939,1	3.168	36.603	1.055,4	30,8	27,7
Total Geral	168.895	424.228	151,2	1.335.027	3.030.931	127,0	12,7	14,0

Fonte: BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. RAIS, 2008.

Como pode ser observado, o crescimento no nível de emprego nas atividades características do turismo no Nordeste (151,2%) foi superior ao observado no Brasil (127,0%), no período 1994/2008. As atividades onde o nível de emprego formal mais cresceu foram as locadoras e alimentação.

2.3.8 – Empregabilidade

A Tabela 23 apresenta as variações nos índices de empregabilidade nas atividades características do turismo nos extremos do período 1994/2008.

Tabela 23 – Número de empregos por estabelecimentos nas principais atividades características do turismo no Nordeste

Segmentos	Nordeste		Var	Brasil		Var
	1994	2008	Var(%)	1994	2008	Var(%)
. Alojamento	14	12	-14,3	13	11	-15,4
. Alimentação	7	8	14,3	6	8	33,3
. Agências	5	2	-60,0	6	2	-66,7
. Transporte aéreo	27	27	-	57	59	11,3
. Transporte rodoviário	132	21	-84,1	117	15	-87,2
. Atividade recreativa	13	3	-76,9	12	3	-75,0
. Locadora de veículos	5	8	60,0	3	7	133,3
Total Geral	202	80	-60,4	215	105	-51,2

Fonte: BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. RAIS, 2009.

Ressalte-se, que quase todas as atividades reduziram o nível de empregabilidade, provavelmente por conta da informalidade. A propósito, a redução na empregabilidade por estabelecimento no Nordeste (-60,4%) é superior à praticada no Brasil (-51,2%). As exceções ficaram por conta das atividades de alimentação, transporte aéreo e locadora de veículos, que não apresentaram redução no índice de empregabilidade, ao contrário se intensificaram em termos de mão-de-obra.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DA EXECUÇÃO DAS AÇÕES

3.1 – Recursos Orçados e Contratados

No âmbito do PROATUR, observa-se que, no período de 2004 a 2007, os recursos previstos para contratação são em maior volume do que os recursos efetivamente contratados, em todos os anos, com exceção de 2005, ficando os valores contratados, em média, igual a 41,2% da previsão (Tabela 24).

Tal fato justifica-se como suficiente para investigar, a princípio, a atratividade do Programa no mercado, como também, os meios de divulgação do mesmo junto aos agentes turísticos.

Tabela 24 – PROATUR – Recursos orçados e contratados – Período 2004/2008

Ano	Valores (R\$ milhões)		Relação
	Previsto	Contratado	Contratado/Previsto
2004	226,0	33,0	14,6
2005	76,0	93,8	123,4
2006	186,7	87,8	47,0
2007	288,0	46,9	16,3
2008	306,0	184,9	60,4
Média	1082,7	446,4	41,2

Fonte: Programação do FNE – 2004 a 2008 e Relatório de Resultados do FNE – 2004 a 2008

Nota: Os valores previstos não constituem verbas fixas, mas indicações para efeito de planejamento.

3.2 – Evolução dos Financiamentos no Período 1998-2008

A evolução do número de contratos e de concessões de crédito, no âmbito do PROATUR, apresenta elevações significativas, no período 1998/2008, em termos reais. No período foram contratadas 741 operações de crédito, no valor total de R\$ 678,0 milhões, com média de R\$ 915,0 mil por contrato.

No tocante às concessões de crédito, constata-se que mais da metade das concessões foram realizadas no último quinquênio do período, cerca de 68,9% (Tabela 25), o que pode significar um maior posicionamento do Programa no mercado nos últimos anos.

Tabela 25 – Evolução dos financiamentos do PROATUR – 1998/2008

Período	Operações			Valores			Valor Médio (R\$ mil)
	Absoluto	(%)	Índice(%)	R\$ milhões	(%)	Índice(%)	
1998	28	3,8	100,0	19,0	2,8	100,0	680,1
1999	24	3,2	85,7	32,2	4,8	169,3	1.343,2
2000	40	5,4	142,9	30,2	4,5	158,7	755,4
2001	10	1,3	35,7	3,5	0,5	18,4	351,1
2002	27	3,6	96,4	18,7	2,8	98,3	693,5
2003	36	4,9	128,6	66,4	9,8	348,6	1.844,1
2004	40	5,4	142,9	40,7	6,0	214,0	1.018,7
2005	71	9,6	253,6	111,8	16,5	587,2	1.574,9
2006	124	16,7	442,9	102,2	15,1	536,9	824,5
2007	168	22,7	600,0	51,7	7,6	271,5	307,8
2008	173	23,3	617,9	201,4	29,7	1.057,5	1.164,1
Total	741	100,0	-	678,0	100,0	-	915,0

Fonte: BNB, 2008.

Nota: Valores a preços de 2008.

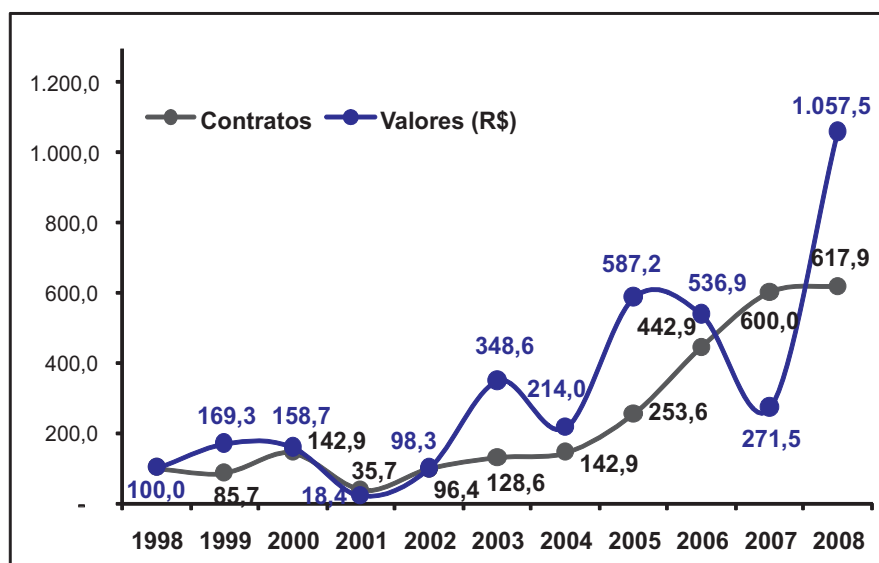


Gráfico 12 – Evolução dos financiamentos do PROATUR

Fonte: BNB, 2008.

O Gráfico 12 mostra os índices de evolução do número de contratos e dos recursos financiados no período. A evolução dessas variáveis apresentou um elevado ritmo de crescimento, evidenciando, dessa forma, uma forte dinâmica no financiamento às atividades turísticas, notadamente a partir de 2004.

A Tabela 26 e o Gráfico 13 mostram a relação entre os recursos do PROATUR e do FNE no período 1998/2008. Observa-se que a participação do PROATUR, no âmbito do FNE, variou entre 0,58%, em 2001, e 4,63%, em 2003, sendo a participação média no período de 2,26%.

Tabela 26 – PROATUR E FNE – Índices de evolução e variações relativas – 1998/2008

Anos	Valores em R\$ milhões						Participação PROATUR/FNE (%)
	FNE	Índice	Var (%)	PROATUR	Índice	Var (%)	
1998	2.240,0	100,0	-	19,0	100,0	-	0,85
1999	1.567,1	70,0	-30,0	32,2	169,3	69,3	2,05
2000	1.223,8	54,6	-21,9	30,2	158,7	-6,3	2,47
2001	603,1	26,9	-50,7	3,5	18,4	-88,4	0,58
2002	428,9	19,1	-28,9	18,7	98,3	433,3	4,36
2003	1.433,1	64,0	234,2	66,4	348,6	254,5	4,63
2004	3.864,6	172,5	169,7	40,7	214,0	-38,6	1,05
2005	5.101,2	227,7	32,0	111,8	587,2	174,4	2,19
2006	5.503,8	245,7	7,9	102,2	536,9	-8,6	1,86
2007	4.840,5	216,1	-12,1	51,7	271,5	-49,4	1,07
2008	7.668,6	342,4	58,4	201,4	1057,6	289,6	2,63
Total	34.474,6			677,80			2,0
Média			35,9			103,0	2,26

Fonte: BNB, 2008.

Nota: Valores a preços de 2008.

Note-se, ainda, que a relação entre as taxas médias das variações do PROATUR e do FNE determina um elevado coeficiente de elasticidade, próximo a 2,3. Significa dizer que entre 1998 e 2008 o crescimento dos valores contratados no PROATUR, em média, apresentou intensidade mais de duas vezes maior se comparado com o crescimento dos valores referentes ao FNE como um todo. Significa, ainda, dizer que as atividades turísticas também apresentam uma dinamicidade expressiva no conjunto do FNE.

O Gráfico 14 estabelece a relação entre os índices de evolução dos recursos do PROATUR e do FNE, determinando um coeficiente de correlação (R^2) igual a 0,620.

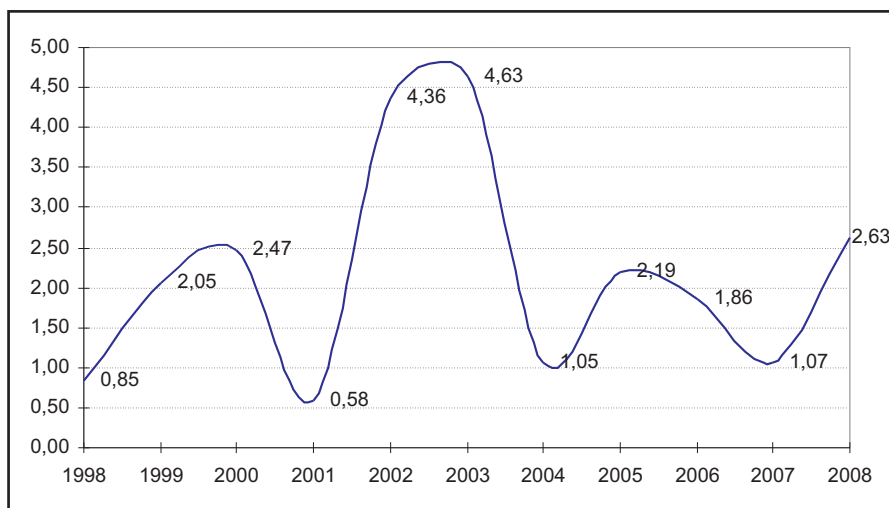


Gráfico 13 – Evolução da relação PROATUR/FNE

Fonte: BNB, 2008.

Nota: Valores a preços de 2008.

Desta feita, significa dizer que cerca de 38,0% do comportamento do PROATUR não está associado ao comportamento do FNE, ou seja, depende de fatores de natureza político-administrativo, de vez que a correlação entre os respectivos índices explica 62,0% dessa relação.

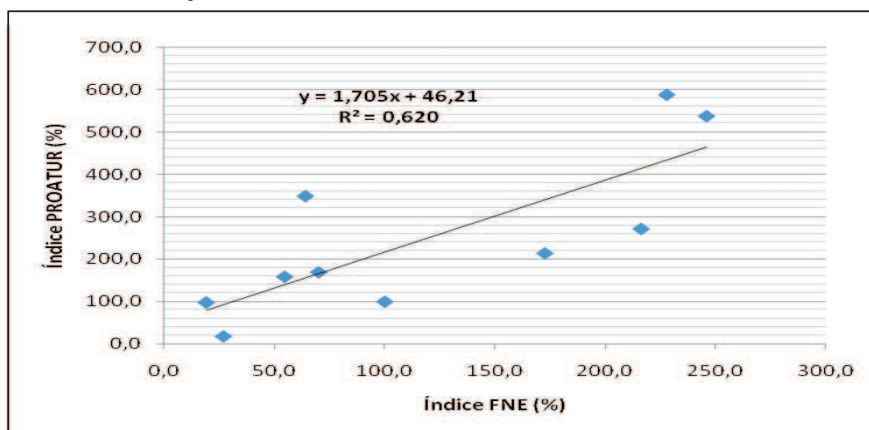


Gráfico 14 – Relação e correlação entre os índices de evolução do PROATUR e do FNE – 1998/2008

Fonte: Banco do Nordeste do Brasil (BNB).

3.3 – Recursos Alocados por Objetivo do Crédito

As operações do PROATUR, no tocante ao objetivo do crédito dos financiamentos, com base no período 1998/2008, em sua maioria, foram destinadas à criação de novas unidades produtivas (Tabela 27 e Gráfico 15).

As operações de crédito para a implantação de novos empreendimentos situaram-se em torno de 73,5%, seguida das operações voltadas para expansão de unidades já existentes com 6,8%. Com efeito, cerca de 80,0% dos recursos do PROATUR foram contratados visando, essencialmente, à ampliação da capacidade física dos negócios turísticos.

É oportuno destacar que 11,3% dos recursos aplicados não foram especificados quanto ao objetivo do crédito.

Tabela 27 – PROATUR – Distribuição dos contratos por objetivo de crédito – 1998/2008

Períodos	Expansão		Implantação		Modernização		Outros		Não especificou		Total	
	Qtd.	R\$ milhões	Qtd.	R\$ milhões	Qtd.	R\$ milhões	Qtd.	R\$ milhões	Qtd.	R\$ milhões	Qtd.	R\$ milhões
1998	9	3,6	16	15,0	2	0,4	-	-	-	-	27	19,0
1999	5	5,3	9	18,4	-	3,5	8	4,5	1	0,5	23	32,2
2000	11	4,7	18	20,6	7	2,2	3	2,7	-	-	39	30,2
2001	4	2,2	5	1,3	1	-	-	-	-	-	10	3,5
2002	8	11,2	8	0,7	5	0,3	-	-	6	6,5	27	18,7
2003	4	7,2	16	45,9	4	5,6	2	1,0	9	6,8	35	66,4
2004	5	1,9	16	24,0	3	0,2	-	-	18	14,6	42	40,7
2005	10	3,1	26	89,8	12	5,9	1	2,4	24	10,7	73	111,8
2006	6	0,8	48	64,4	24	10,7	4	0,3	42	26,1	124	102,2
2007	15	3,1	46	44,5	33	3,7	4	0,4	-	-	98	51,7
2008	9	3,6	51	164,5	38	21,9	3	1,2	-	10,2	101	201,4
Total	86,0	46,5	259,0	489,0	129,0	54,4	25,0	12,5	100,0	75,4	599,0	678,0
(%)	14,4	6,9	43,2	72,1	21,5	8,0	4,2	1,9	16,7	11,1	100,0	100,0

Fonte: BNB, 2008.

Nota: Valores a preços de 2008.

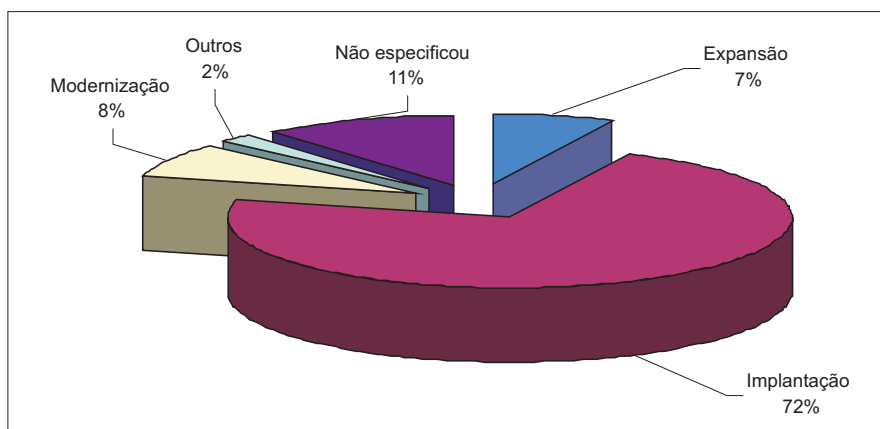


Gráfico 15 – Distribuição dos recursos segundo o objetivo de crédito dos financiamentos (%)

Fonte: Banco do Nordeste do Brasil (BNB).

3.4 – Recursos Alocados por Finalidade

No tocante à alocação dos financiamentos segundo a finalidade (Tabela 28), observa-se que, embora o montante de recursos alocados como não especificado seja expressivo, po-de-se deduzir que a maior parte dos contratos de crédito foi destinada para investimento, notadamente visando à ampliação da capacidade física de produção (investimento fixo mais capital de giro). Note-se que, em 1998, todo o financiamento foi destinado ao capital de giro e ao custeio.

Tabela 28 – PROATUR – Financiamentos contratados por finalidade do crédito – 1998/2008

Período	Capital Giro	Custeio	Investimentos fixo e semi fixo							Outros	Não Especificado	Total
			Fixo e Semi	Aquisição máquinas e veículos	Fixo e Capital de giro	Fixo	Mistos	Semi Fixos	Total			
1998	15,4	3,6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	19,0
1999	13,2	-	-	-	12,7	5,6	-	-	18,3	0,8	-	32,2
2000	0,3	-	-	-	19,1	7,6	-	-	26,7	0,8	2,4	30,2
2001	-	-	-	-	0,8	2,7	-	-	3,5	-	-	3,5
2002	-	-	-	0,5	1	14,1	1,0	0,2	16,8	0,1	1,7	18,7
2003	-	-	-	0,1	-	23,4	25,3	0,9	49,7	-	16,7	66,4
2004	-	-	0,2	0,4	-	9,9	12,4	0,1	23,1	-	17,6	40,7
2005	-	-	3,6	0,7	-	15,6	43,4	0,8	64,0	-	47,8	111,8
2006	0,3	-	0,7	1,0	-	34,4	52,2	-	88,2	-	13,6	102,2
2007	1,1	-	-	3,6	-	8,5	32,2	0,9	45,2	-	5,5	51,7
2008	-	-	-	-	-	35,8	88,2	22,3	146,3	-	55,1	201,4
Total	30,3	3,6	4,5	6,3	33,6	157,6	254,7	25,1	481,8	1,6	160,4	678
(%)	4,5	0,5	0,7	0,9	5,0	23,3	37,6	3,7	71,1	0,2	23,7	100,0

Fonte: BNB, 2008. Nota: Valores a preços de 2008 (em R\$ milhões).

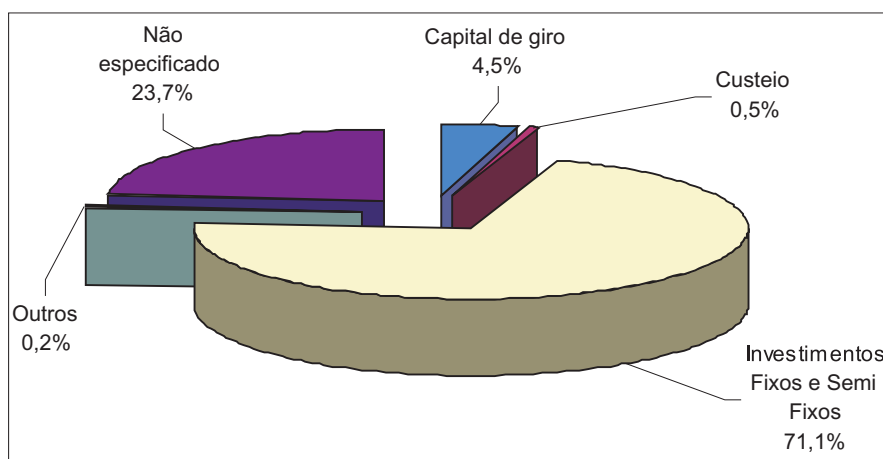


Gráfico 16 – PROATUR: distribuição dos financiamentos dos contratos

Fonte: Banco do Nordeste do Brasil (BNB).

3.5 – Recursos Alocados por Atividade

A análise da alocação dos recursos por atividade revela que sua aplicação foi majoritariamente destinada para empreendimentos de alojamento, da ordem de R\$ 602,8 milhões, através de 400 contratos, o que corresponde a 95,2% dos recursos e a 54,0% dos contratos (Tabela 29).

Tabela 29 – Evolução dos financiamentos por atividade – 1998/2008

Período	Alojamento		Alimentação		Transporte		Agências		Locadoras		Outros		Total			
	Abs.	R\$ milhões	Abs.	R\$ milhões	Abs.	R\$ milhões	Abs.	R\$ milhões	Abs.	R\$ milhões	Abs.	R\$ milhões	Abs.	(%)	R\$ milhões	(%)
1998	15	12,7	2	0,2	2	0,2	2	1,3	-	-	7	4,7	28	3,8	19,0	2,8
1999	15	29,3	2	0,2	-	-	4	0,4	-	-	3	2,3	24	3,2	32,2	4,8
2000	23	21,9	6	1,5	2	0,3	2	2,9	-	-	7	3,6	40	5,4	30,2	4,5
2001	5	2,8	-	-	1	0	-	-	-	-	4	0,7	10	1,3	3,5	0,5
2002	18	13,0	2	0,3	3	0,2	3	0,6	-	-	1	4,6	27	3,6	18,7	2,8
2003	29	64,3	1	0,0	2	0,9	-	-	-	-	4	1,2	36	4,9	66,4	9,8
2004	26	33,0	6	0,3	1	0,1	2	0,4	2	0,8	3	6,2	40	5,4	40,7	6
2005	52	105,6	4	1,8	6	0,7	5	1,0	1	0,2	3	2,5	71	9,6	111,8	16,5
2006	70	90,1	17	3,2	7	0,4	9	1,5	5	0,9	16	6,2	124	16,7	102,2	15,1
2007	65	39,3	21	2,6	16	2,5	15	1,6	33	3,8	18	1,8	168	22,7	51,7	7,6
2008	82	190,9	15	1,3	18	3,7	18	1,5	26	2,8	14	1,3	173	23,3	201,4	29,7
Total	400	602,8	76	11,4	58	9,1	60	11,2	67	8,4	80	35,2	741	100,0	678,0	100,0
Par (%)	54,0	95,2	10,3	1,8	7,8	1,4	8,1	1,8	9,0	1,3	10,8	5,6	100,0	-	107,1	-
Desvio	26,2	55,8	7,3	1,1	6,2	1,2	6,0	0,9	11,8	1,3	5,9	2,0	-	-	57,6	-
CV(%)	-	101,8	-	109,3	-	145,7	-	84,3	-	169,0	-	62,3	-	-	93,4	-

Fonte: BNB, 2008. Nota: Valores a preços de dez./2008.

Vale ressaltar que as atividades de locadoras de veículos, de alojamento e de transporte apresentam os maiores índices de variabilidade, de vez que revelaram os maiores coeficientes de variação (CV), enquanto que as demais atividades (alojamento, de agência de viagem e outras) os menores índices de variabilidade, apresentando, portanto, uma maior estabilidade na demanda por financiamento.

Os Gráficos 17 a 22 apresentam o comportamento dos contratos e dos recursos alocados por atividade, com base nos respectivos índices de evolução, com destaque para os ritmos obtidos nos últimos anos pelas atividades de alojamento e de transporte. Ressalte-se, ainda, que as atividades denominadas de *outras* apresentam ciclos, aparentemente, voláteis, revelando tratar-se de uma variável de natureza residual.

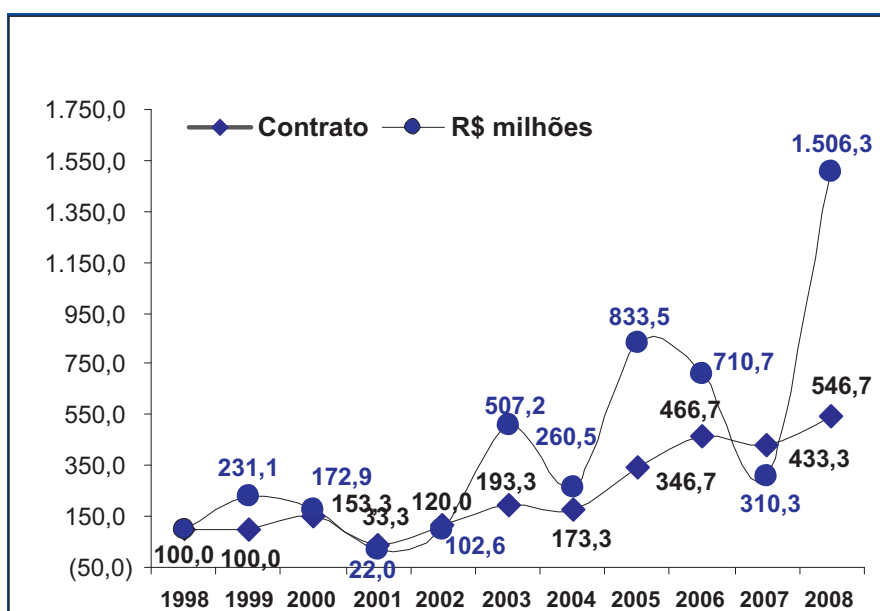


Gráfico 17 – PROATUR: Índice de evolução – Alojamento

Fonte: Banco do Nordeste do Brasil (BNB).

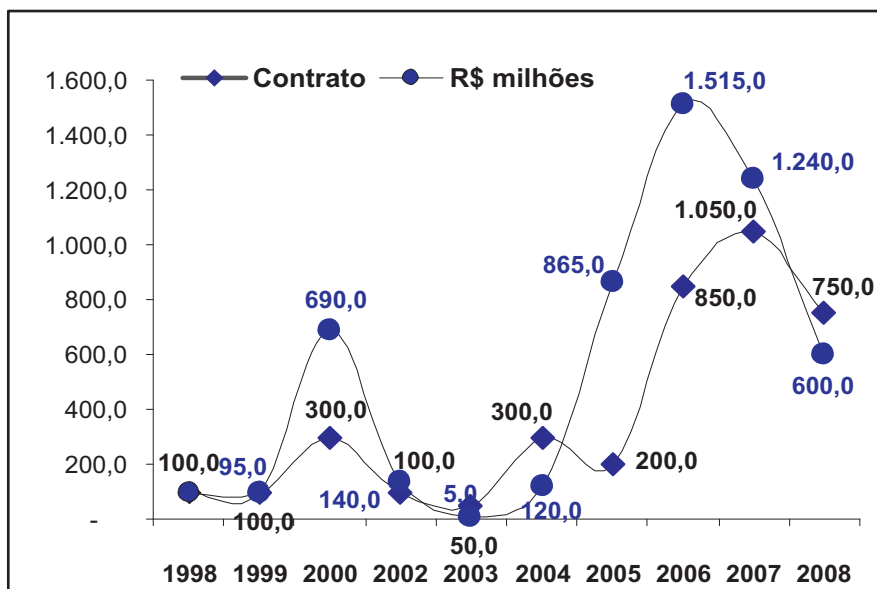


Gráfico 18 – PROATUR: Índice evolução – Alimentação

Fonte: Banco do Nordeste do Brasil (BNB).

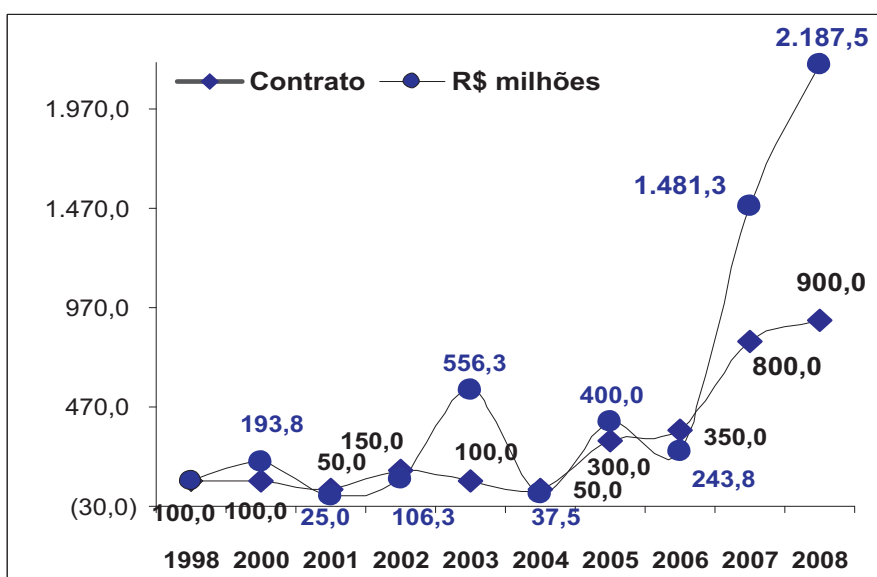


Gráfico 19 – PROATUR: Índice evolução – Transportes

Fonte: Banco do Nordeste do Brasil (BNB).

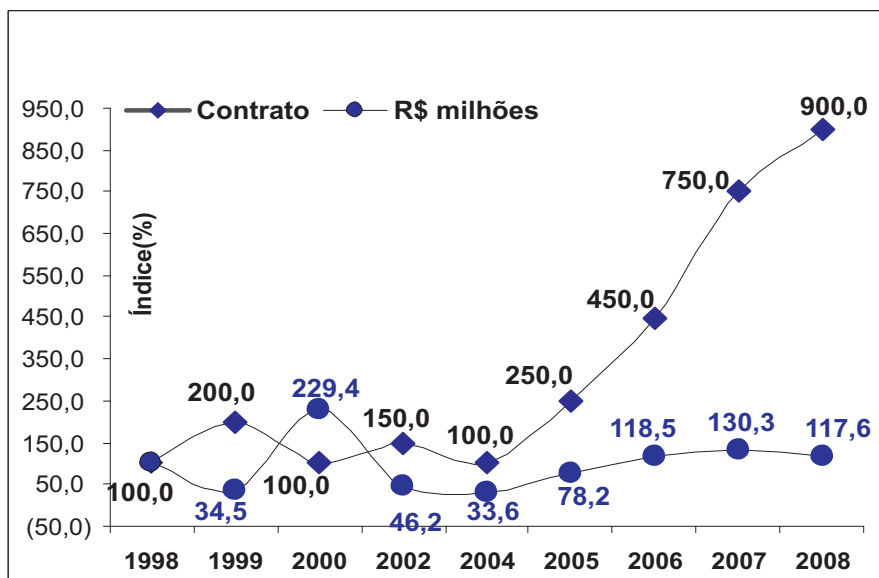


Gráfico 20 – PROATUR: Índice de evolução – Agência Viagens

Fonte: Banco do Nordeste do Brasil (BNB).

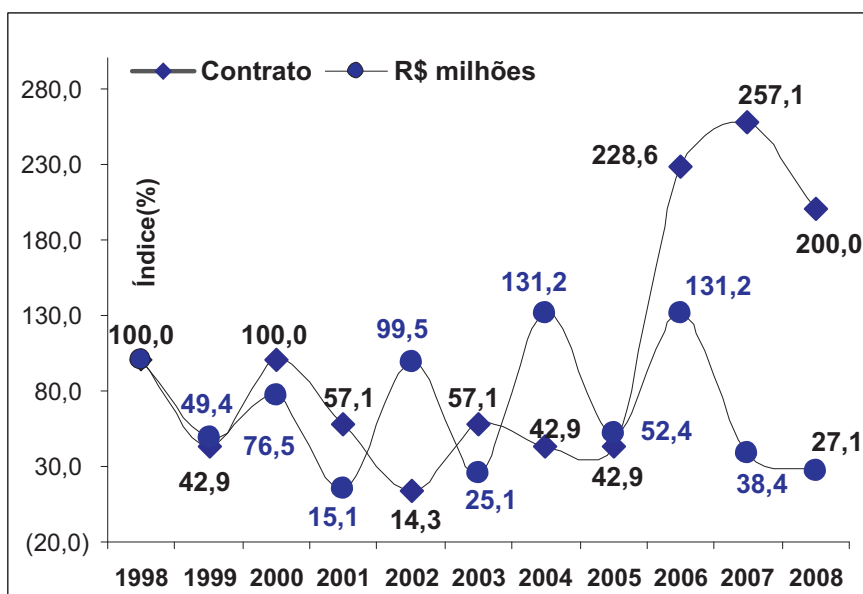


Gráfico 21 – PROATUR: Índice evolução – Locadoras de veículos

Fonte: Banco do Nordeste do Brasil (BNB).

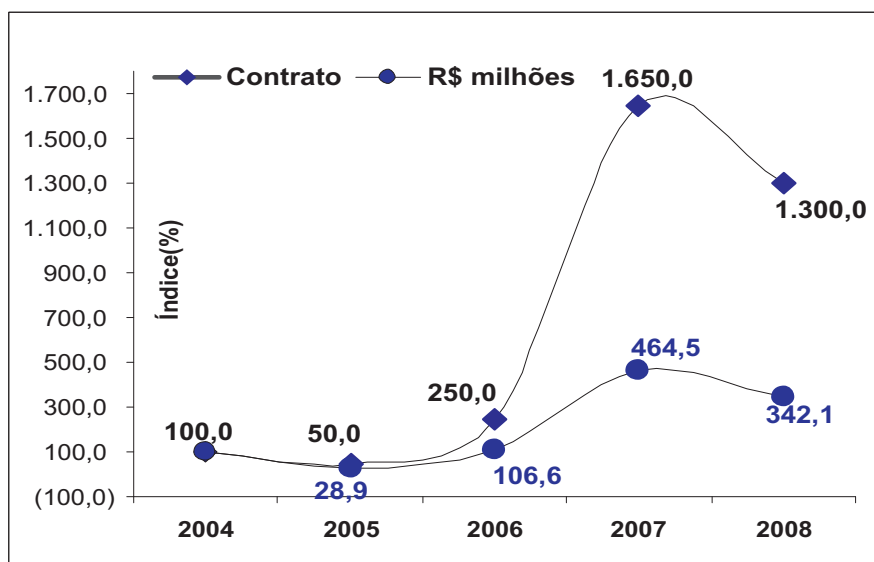


Gráfico 22 – PROATUR: Índice de evolução – Outras

Fonte: BNB.

Nota: Valores a preços de 2008.

3.6 – Recursos Alocados por Porte dos Beneficiários

A Tabela 30 mostra a evolução dos financiamentos segundo o porte dos beneficiários. A propósito, embora a maioria dos contratos (81,1%) esteja concentrada nos micros e pequeno beneficiários, constata-se que 81,8% dos recursos foram destinados aos médios e grandes tomadores.

Observando o coeficiente de variação (CV), constata-se que os micro e pequenos negócios apresentam maior estabilidade na demanda, por recursos, em relação aos médios e grandes empreendimentos.

Tabela 30 – Evolução dos financiamentos segundo o porte dos beneficiados: 1998/2008

Período	Micro		Pequeno		Médio		Grande		Total	
	Qtd.	R\$ milhões	Qtd.	R\$ milhões	Qtd.	R\$ milhões	Qtd.	R\$ milhões	Qtd.	R\$ milhões
1998	10	1,5	18	17,5	-	-	-	-	28	19
1999	8	1,4	5	1,5	6	6,2	5	23,2	24	32,2
2000	10	1,4	21	8,8	7	11,4	2	8,6	40	30,2
2001	2	0,2	5	1,3	3	2,1	-	0	10	3,5
2002	15	0,8	5	2,0	5	2,6	2	13,3	27	18,7
2003	7	0,5	13	5,6	11	31,6	5	28,7	36	66,4
2004	15	1,5	13	3,5	11	21,1	1	14,6	40	40,7
2005	32	2,2	27	9,0	10	61,1	2	39,5	71	111,8
2006	64	3,8	35	13,9	22	76,6	3	7,9	124	102,2
2007	80	4,5	71	16,6	16	29,6	1	1	168	51,7
2008	60	2,9	85	23,2	26	134,4	2	40,8	173	201,3
Total	303	20,8	298	102,9	117	376,8	23	177,6	741	678,0
Par (%)	40,9	3,1	40,2	15,2	15,8	55,6	3,1	26,2	100,0	100,0
Desvio	27,5	1,4	27,1	7,5	8,0	41,6	1,7	15,0	59,4	57,6
CV(%)	-	72,5	-	80,2	-	121,3	-	92,9	-	93,4

Fonte: BNB, 2008.

Nota: Valores a preços de 2008.

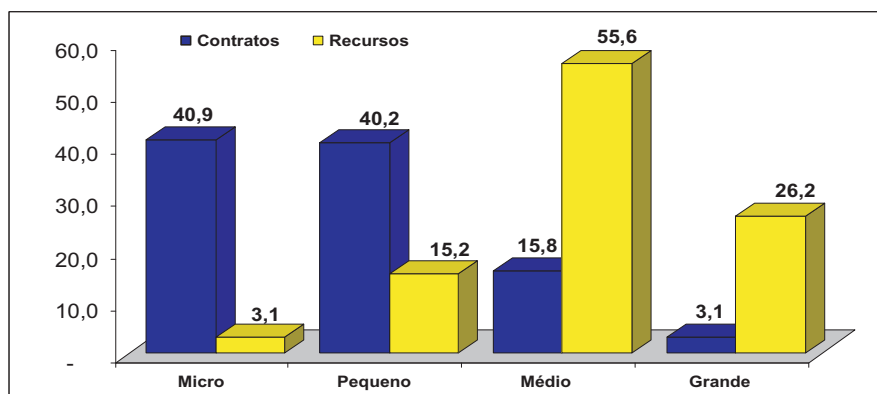


Gráfico 23 – PROATUR: distribuição dos financiamentos por porte dos beneficiados

Fonte: Banco do Nordeste do Brasil (BNB).

3.7 – Recursos Alocados por Área

De acordo com a distribuição dos financiamentos do PROATUR por área, os projetos com localização fora do semiárido aparecem como os maiores beneficiados, com 75,8% dos contratos e com 92,7% dos recursos alocados no período 1998/2008 (Tabela 31 e Gráfico 24).

Tabela 31 – PROATUR: evolução dos financiamentos por área (Semiárido e fora do Semiárido)

Período	Fora do Semiárido		Semiárido		Total	
	Contratos	R\$ milhões	Contratos	R\$ milhões	Contratos	R\$ milhões
1998	23	17,9	5	1,1	28	19,0
Participação (%)	82,1	94,2	17,9	3,9	100,0	100,0
1999	19	31,2	5	1,1	24	32,3
Participação (%)	79,2	96,6	20,8	4,6	100,0	100,0
2000	32	28,3	8	1,9	40	30,2
Participação (%)	80,0	93,7	20,0	4,8	100,0	100,0
2001	8	2,7	2	0,8	10	3,5
Participação (%)	80,0	77,8	20,0	7,7	100,0	100,0
2002	18	17,0	9	1,7	27	18,7
Participação (%)	66,7	90,9	33,3	6,3	100,0	100,0
2003	30	64,5	6	1,9	36	66,4
Participação (%)	83,3	97,1	16,7	5,3	100,0	100,0
2004	29	38,2	11	2,5	40	40,7
Participação (%)	72,5	93,9	27,5	6,3	100,0	100,0
2005	52	102,5	19	9,4	71	111,9
Participação (%)	73,2	91,6	26,8	13,2	100,0	100,0
2006	92	99,6	32	2,6	124	102,2
Participação (%)	74,2	97,5	25,8	2,1	100,0	100,0
2007	129	45,6	39	6,1	168	51,7
Participação (%)	76,8	88,2	23,2	3,6	100,0	100,0
2008	130	181,2	43	20,2	173	201,4
Participação (%)	75,1	90,0	24,9	11,7	100,0	100,0
Total	562	628,7	179	49,3	741	678,0
(%)	75,8	92,7	24,2	6,6	100,0	100,0

Fonte: BNB, 2008.

Nota: Valores a preços de 2008.

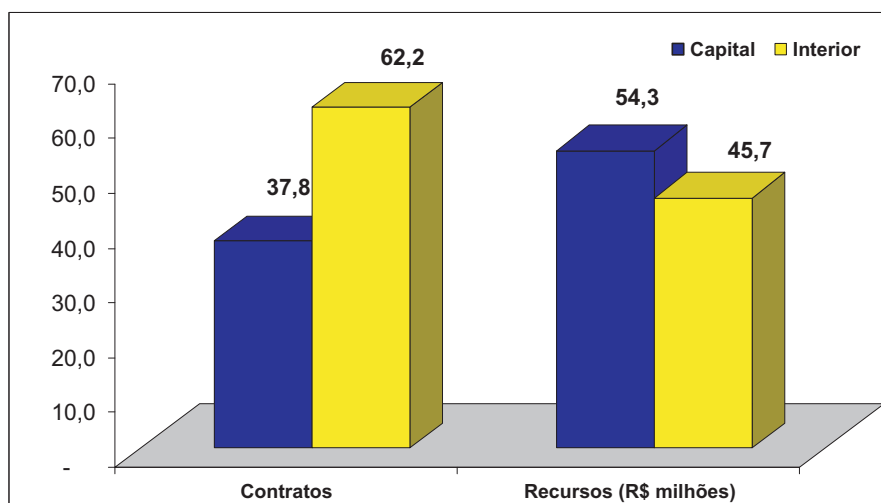


Gráfico 24 – PROATUR: distribuição dos financiamentos segundo as áreas

Fonte: BNB, 2008.

Nota: Valores a preços de 2008.

A concentração dos recursos fora da Região do Semiárido deve-se, fundamentalmente, aos seguintes fatores:

- a) os principais destinos turísticos estão localizados no litoral, onde estão situadas todas as capitais (com exceção de Teresina) e onde está concentrada grande parte da população e da oferta de infraestrutura e dos serviços de apoio ao turismo; e
- b) o segmento sol e mar é o principal responsável pela sustentabilidade do turismo na Região.

Vale, ainda, lembrar que outros importantes destinos turísticos também estão localizados no litoral, tais como, Porto Seguro (BA), Porto de Galinhas (PE), Canoa Quebrada (CE), Jericoacoara (CE), Morro de São Paulo (BA) e Ilhéus (BA).

A propósito, a Tabela 32 mostra que só nas capitais foram alocados 54,3% e os empreendimentos fora das capitais (inclusive outros destinos situados no litoral) absorveram 45,7% dos recursos disponibilizados no período 1998/2008.

Tabela 32 – PROATUR: financiamentos segundo a área de localização

Período	Capitais			Interior			Total	
	Qtd.	R\$ milhões	(%)	Qtd.	R\$ milhões	(%)	Qtd.	R\$ milhões
Recursos Alocados	280	368,4	100,0	461	309,6	100,0	741	678,0
(%)	37,8	54,3	-	62,2	45,7	-	100,0	100,0

Fonte: BNB, 2008. Nota: Valores a preços de 2008.

3.8 – Recursos Alocados por Unidades da Federação

De acordo com a Tabela 33, a distribuição dos recursos alocados por Unidade da Federação no período 1998/2008, favoreceu os seguintes Estados: Bahia (35,4%), Ceará (14,0%), Pernambuco (11,6%), Sergipe (10,9%), Maranhão (9,6%) e Rio Grande do Norte (8,7%). Os estados da região Sudeste, incluídos como pertencentes à área do semiárido, absorveram apenas 1,1% no período.

Tabela 33 – PROATUR: recursos alocados por Unidade da Federação 1998/2008

Período	Total			
	Contratos	(%)	R\$ milhões	(%)
Nordeste	706	95,3	670,9	98,9
Alagoas	33	4,5	35,7	5,3
Bahia	173	23,3	240,1	35,4
Ceará	113	15,2	95,0	14,0
Maranhão	62	8,4	65,3	9,6
Paraíba	75	10,1	15,4	2,3
Pernambuco	38	5,1	78,4	11,6
Piauí	44	5,9	8,6	1,3
Rio Grande Norte	110	14,8	58,8	8,7
Sergipe	58	7,8	73,6	10,9
Sudeste	35	4,7	7,1	1,1
Espírito Santo	6	0,8	2,8	0,4
Minas Gerais	29	3,9	4,3	0,6
Total	741	100,0	678,0	100,0

Fonte: BNB, 2008.

Nota: Valores a preços de 2008.

3.8.1 – Evolução dos financiamentos por UF

As Tabelas 34 e 35 apresentam, respectivamente, os valores absolutos e relativos no tocante à evolução dos recursos alocados por Unidade da Federação no período 1998/2008.

Tabela 34 – PROATUR: evolução dos financiamentos alocados por Unidade da Federação – 1998/2008

Estados	Em R\$ milhões																									
	1998		1999		2000		2001		2002		2003		2004		2005		2006		2007		2008		Total			
	Qtd.	R\$	Qtd.	R\$	Qtd.	R\$	Qtd.	R\$	Qtd.	R\$	Qtd.	R\$	Qtd.	R\$	Qtd.	R\$	Qtd.	R\$	Qtd.	R\$	Qtd.	R\$	Qtd.	R\$	(%)	(%)
Nordeste	27	18,7	24	32,1	38	29,8	10	3,6	26	17,8	35	65,5	38	40,4	70	111,8	114	99,2	162	51,2	162	200,7	706	95,3	670,9	98,9
Alagoas	-	-	2	1,1	1	1,3	-	-	6	2,2	2	6,4	2	0,3	3	0,4	3	4,4	10	4,5	4	15,2	33	4,5	35,7	5,3
Bahia	6	2,3	5	16,6	11	3,8	2	0,4	8	13,9	12	17,3	5	21,9	19	42,0	23	44,0	36	18,7	46	58,9	173	23,3	240,1	35,4
Ceará	5	1,3	5	6,9	5	9,9	2	0,9	5	0,5	3	3,2	8	5,7	11	43,5	19	3,8	29	2,0	21	17,2	113	15,2	95	14,0
Maranhão	4	10,1	-	-	3	1,2	-	-	1	0,3	3	1,2	5	3,6	9	1,3	13	11,1	13	5,5	11	31,1	62	8,4	65,3	9,6
Paraíba	1	1,1	1	0,2	1	0,1	-	-	-	-	2	0,2	-	-	5	1,5	17	5,7	24	1,4	24	5,1	75	10,1	15,3	2,3
Pernambuco	1	1,0	2	0,3	2	0,5	-	-	-	-	3	10,0	3	2,2	5	9,3	7	9,7	6	3,6	9	41,8	38	5,1	78,4	11,6
Piauí	2	1,4	2	3	2	0,1	3	0,4	2	0,1	-	-	3	0,4	7	1,6	8	0,4	5	0,2	10	0,9	44	5,9	8,5	1,3
Rio G. Norte	3	0,7	2	1	10	9,9	2	1,7	-	-	5	2,7	9	5,7	8	11,9	19	9,1	26	5,9	26	10,2	110	14,8	58,8	8,7
Sergipe	5	0,9	5	3,1	3	3	1	0,2	4	0,6	5	24,6	3	0,4	3	0,3	5	10,9	13	9,4	11	20,4	58	7,8	73,7	10,9
Sudeste	1	0,2	-	-	2	0,5	-	-	1	1,1	1	0,6	2	0,2	1	0,1	10	3,2	6	0,5	11	0,7	35	4,7	7,2	1,1
Espírito Santo	-	-	-	-	1	0,1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	2,7	-	-	1	0	6	0,8	2,8	0,4
Minas Gerais	1	0,2	-	-	1	0,4	-	-	1	1,1	1	0,6	2	0,2	1	0,1	6	0,5	6	0,5	10	0,6	29	3,9	4,4	0,6
Total	28	18,9	24	32,1	40	30,3	10	3,6	27	18,8	36	66,2	40	40,6	71	111,9	124	102	168	51,7	173	201,4	741	100,0	678,0	100,0

Fonte: BNB, 2008

Nota: Valores a preços de 2008.

a) Qtd = número de contratos; e b) R\$ = recursos alocados (a preços de 2008).

Tabela 35 – PROATUR: distribuição percentual dos financiamentos alocados por Unidade da Federação – 1998/2008

Estados	Em percentuais																								Desvio Padrão		CV
	1998		1999		2000		2001		2002		2003		2004		2005		2006		2007		2008						
	Qtd	R\$	Qtd	R\$	Qtd	R\$	Qtd	R\$	Qtd	R\$	Qtd	R\$	Qtd	R\$	Qtd	R\$	Qtd	R\$	Qtd	R\$	Qtd	R\$					
Nordeste	96,4	98,9			95,0	98,2			96,3	94,4	97,2	99,0	95,0	99,5	98,6	99,9	91,9	96,9	96,4	99,0	93,6	99,7	2,5	1,7	1,7		
Alagoas	-	-	8,3	3,3	2,5	4,2	-	-	22,2	11,9	5,6	9,6	5,0	0,8	4,2	0,4	2,4	4,3	6,0	8,6	2,3	7,6	6,2	4,2	115,6 92,1		
Bahia	21,4	12,4	20,8	51,7	27,5	12,6	20,0	11,8	29,6	74,0	33,3	26,2	12,5	53,9	26,8	37,5	18,5	43,0	21,4	36,2	26,6	29,3	5,9	19,7	24,9 55,8		
Ceará	17,9	6,7	20,8	21,5	12,5	32,6	20,0	23,5	18,5	2,8	8,3	4,8	20,0	14,1	15,5	38,9	15,3	3,7	17,3	3,9	12,1	8,6	3,9	12,7	24,1 86,5		
Maranhão	14,3	53,4	-	-	7,5	3,9	-	-	3,7	1,7	8,3	1,8	12,5	8,9	12,7	1,1	10,5	10,8	7,7	10,7	6,4	15,4	4,9	15,4	63,9 157,1		
Paraíba	3,6	5,6	4,2	0,7	2,5	0,4	-	-	-	-	-	5,6	0,3	-	7,0	1,3	13,7	5,6	14,3	2,7	13,9	2,5	5,7	2,1	96,3 123,3		
Pernambuco	3,6	5,1	8,3	1,0	5,0	1,8	-	-	-	-	-	8,3	15,1	7,5	5,5	7,0	8,3	5,6	9,5	3,6	7,0	5,2	20,8	3,0	6,6 59,9 97,6		
Piauí	7,1	7,3	8,3	9,3	5,0	0,4	30,0	11,8	7,4	0,6	-	-	7,5	1,0	9,9	1,4	6,5	0,4	3,0	0,4	5,8	0,4	7,7	4,3	93,7 142,7		
Rio G. Norte	10,7	3,9	8,3	3,0	25,0	32,6	20,0	47,1	-	-	13,9	4,0	22,5	14,1	11,3	10,6	15,3	8,9	15,5	11,3	15,0	5,0	6,9	14,4	48,4 112,4		
Sergipe	17,9	4,5	20,8	9,6	7,5	9,8	10,0	5,9	14,8	3,4	13,9	37,1	7,5	1,0	4,2	0,3	4,0	10,6	7,7	18,1	6,4	10,1	5,6	10,3	53,8 102,9		
Sudeste	3,6	1,1	-	-	5,0	1,8	-	-	3,7	5,6	2,8	1,0	5,0	0,5	1,4	0,1	8,1	3,1	3,6	1,0	6,4	0,3	2,5	1,7	69,9		
Espírito Santo	-	-	-	-	2,5	0,4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3,2	2,6	-	-	0,6	0,0	1,2	0,8	201,8 289,2		
Minas Gerais	3,6	1,1	-	-	2,5	1,4	-	-	3,7	5,6	2,8	1,0	5,0	0,5	1,4	0,1	4,8	0,5	3,6	1,0	5,8	0,3	1,9	1,6	63,9 151,1		
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	-	-	-		

Fonte: BNB, 2008.

Nota: Valores a preços de 2008.

a) Qtd = distribuição percentual do número de contratos; e b) R\$ = distribuição percentual dos recursos alocados (a preços de 2008).

Os Gráficos 25 a 34 (plotadas com base nos valores percentuais contidos na Tabela 35) mostram o comportamento e a tendência da participação de cada estado ao longo do período e permitem uma melhor visualização no tocante à distribuição dos recursos segundo as Unidades da Federação.

Ao visualizar as tendências projetadas, constata-se que os estados de Pernambuco, Bahia, Sergipe e Paraíba, apresentam as tendências de inclinação ascendentes. Já os demais estados, apresentam as tendências decrescentes, principalmente, os estados do Piauí, Maranhão e Minas Gerais. Com base nos coeficientes de variação (CV), também contidos no Quadro 37, constata-se que as Unidades da Federação com maior estabilidade na demanda relativa por financiamento foram os estados da Bahia, Ceará e Pernambuco, enquanto os que possuem maior instabilidade são os estado do Maranhão, Piauí e Paraíba.

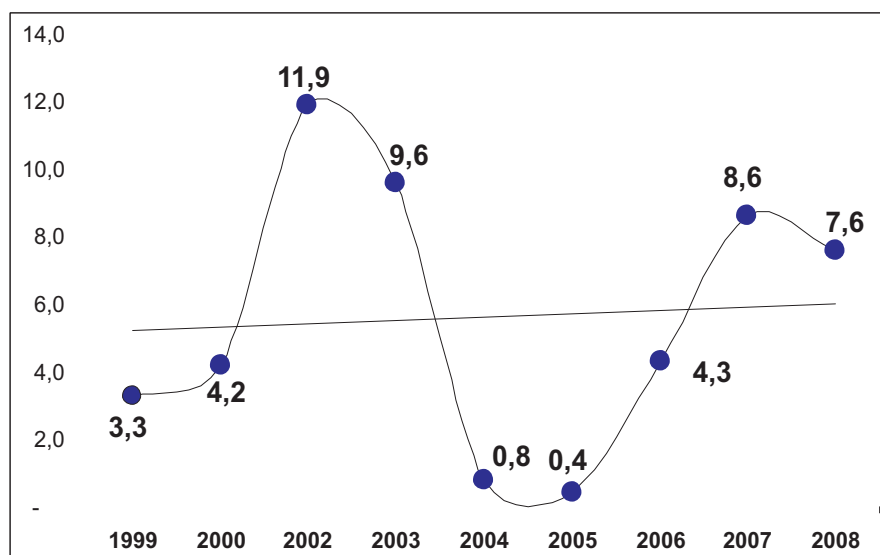


Gráfico 25 – Distribuição dos financiamentos alocados em Alagoas

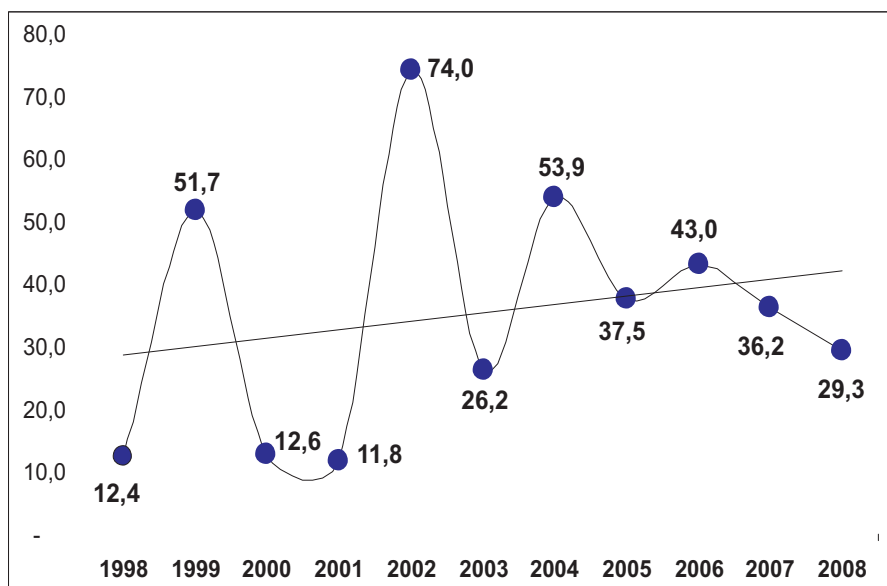


Gráfico 26 – Distribuição dos financiamentos alocados na Bahia

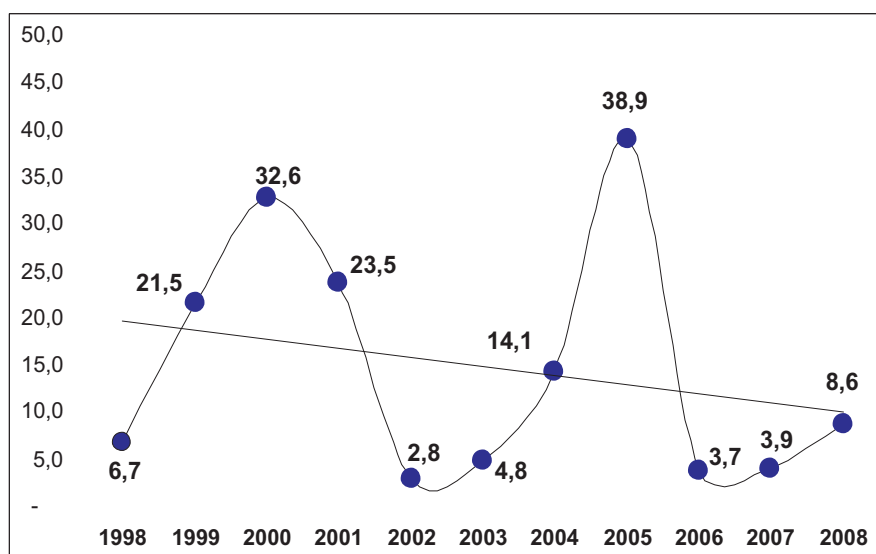


Gráfico 27 – Distribuição dos financiamentos alocados no Ceará

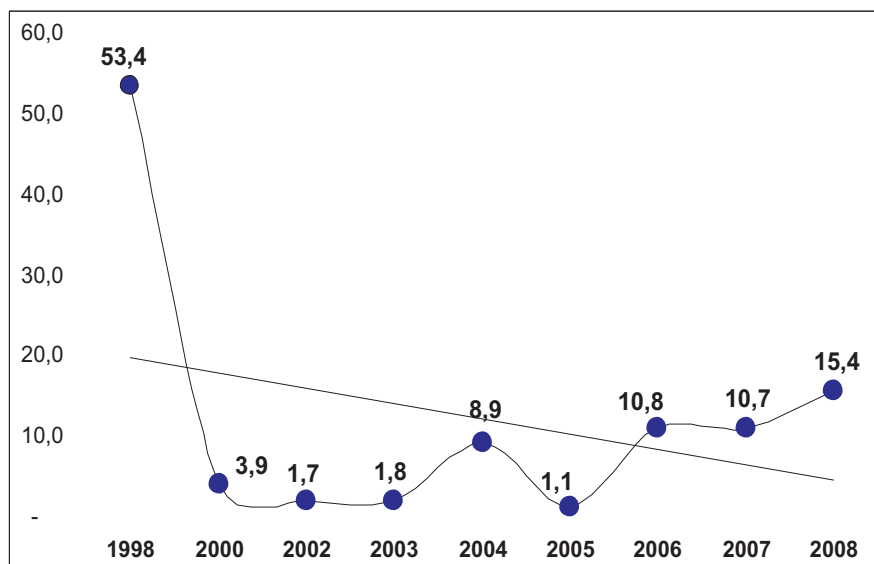


Gráfico 28 – Distribuição financiamentos alocados no Maranhão

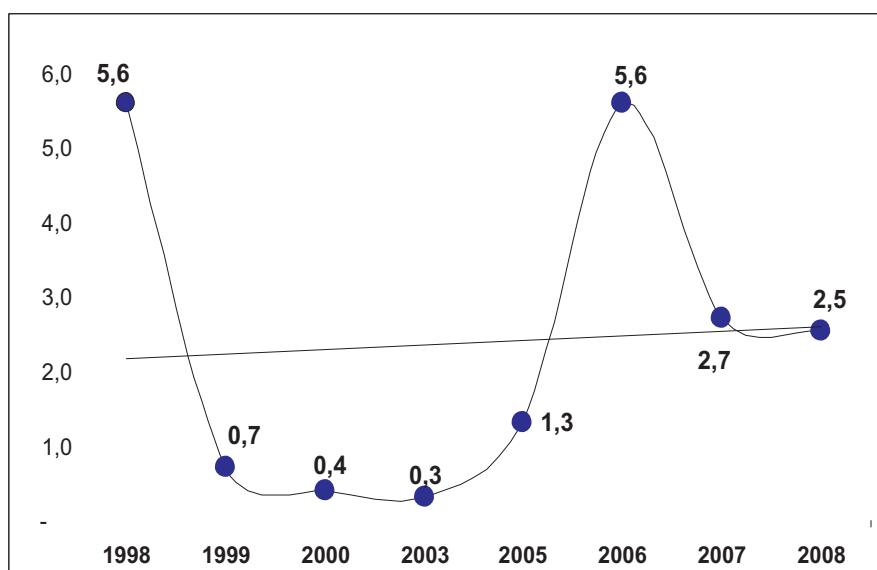


Gráfico 29 – Distribuição dos financiamentos alocados na Paraíba

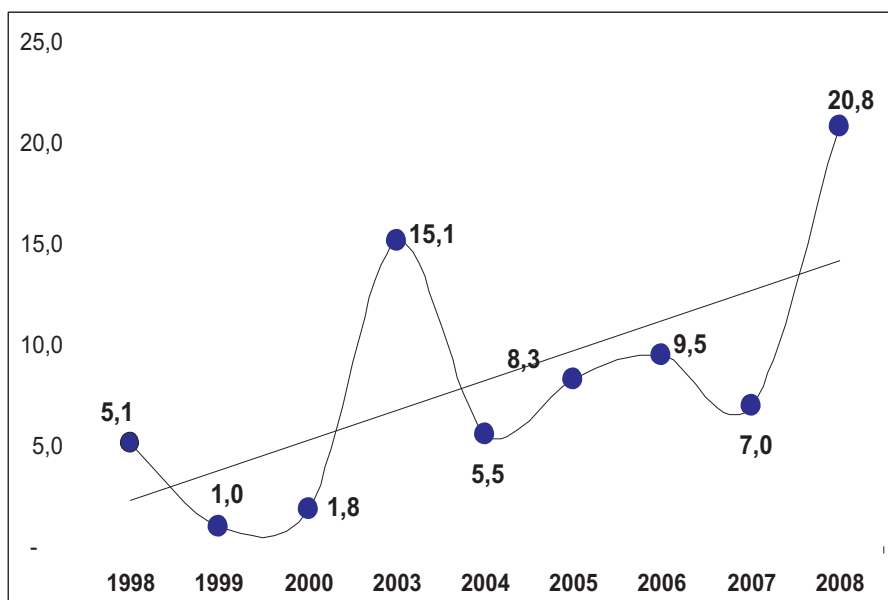


Gráfico 30 – Distribuição dos financiamentos alocados em Pernambuco

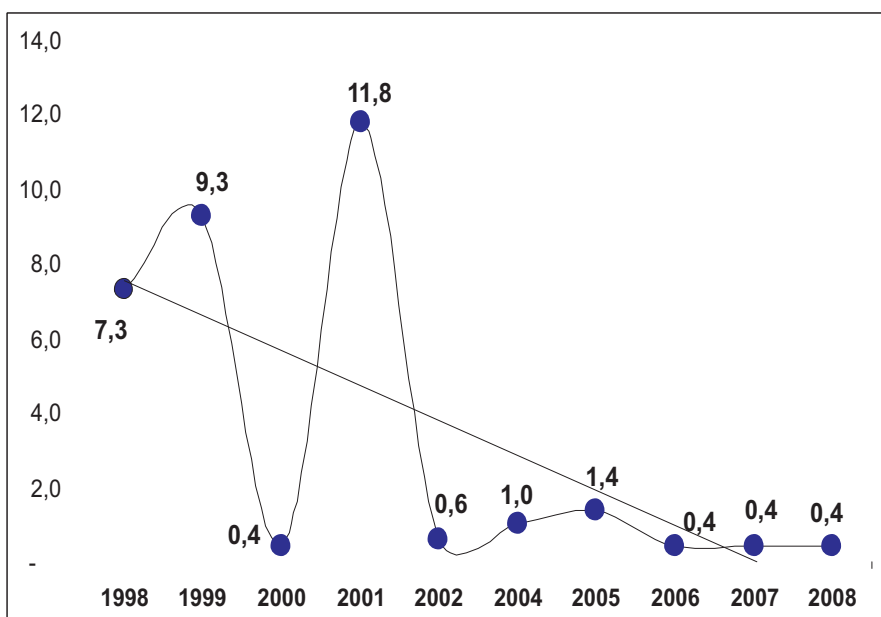


Gráfico 31 – Distribuição dos financiamentos alocados no Piauí

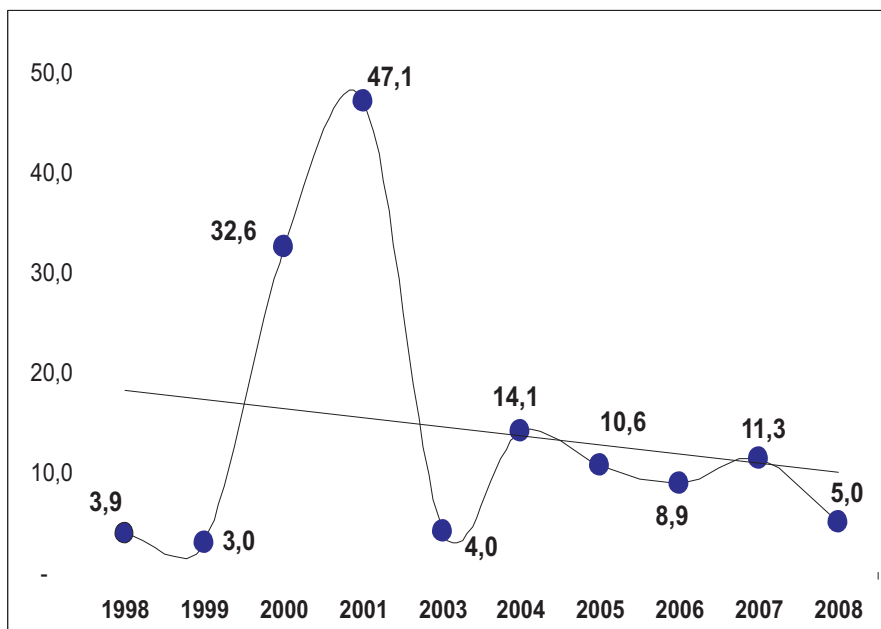


Gráfico 32 – Distribuição financiamentos alocados Rio Grande do Norte

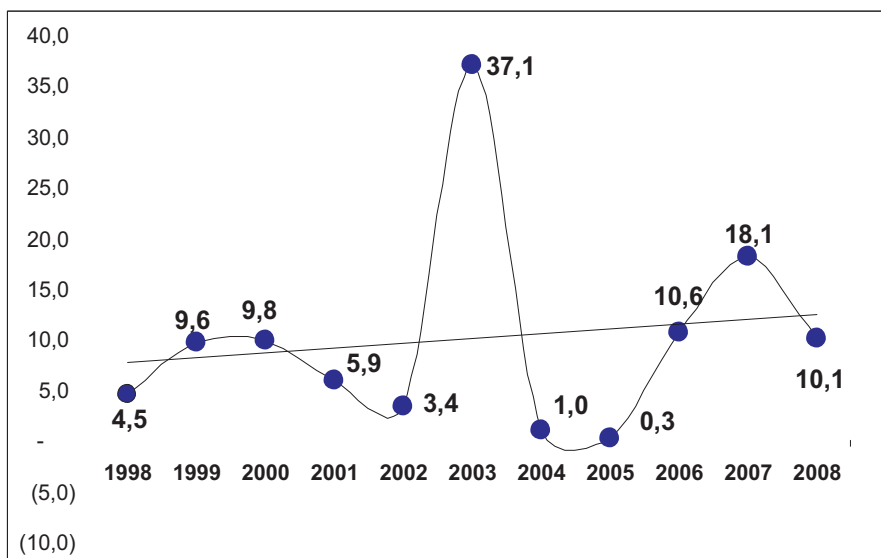


Gráfico 33 – Distribuição dos financiamentos alocados em Sergipe

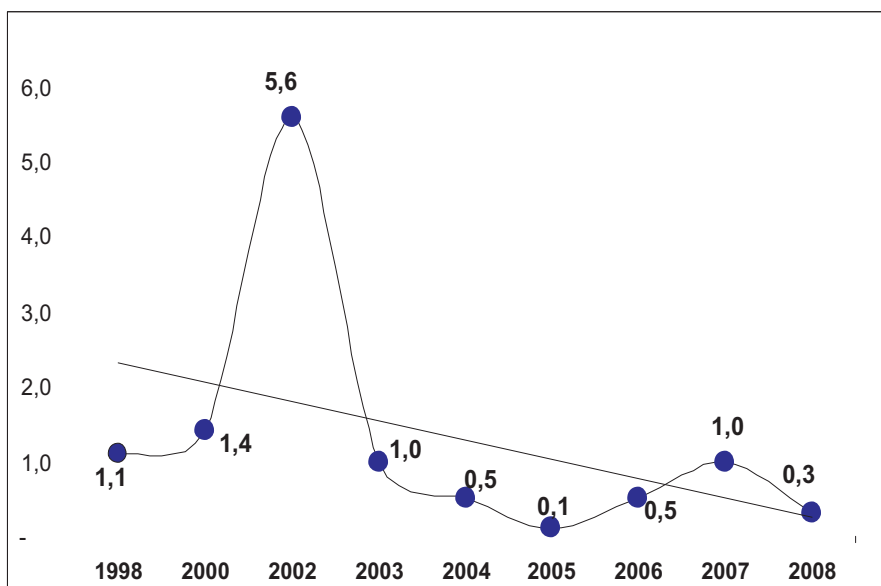


Gráfico 34 – Distribuição financiamentos alocados Minas Gerais

Fonte: BNB. Valores em %.

3.8.2 – Financiamentos por UF segundo as áreas

A Tabela 36 e o Gráfico 35 mostram a distribuição dos recursos por Unidade da Federação, partilhados entre as Regiões do Semiárido e fora do Semiárido. Na Região do Semiárido, os maiores índices na distribuição dos recursos do PROATUR reportam-se aos estados do Ceará, Pernambuco e Rio Grande do Norte, principais estados receptores turísticos do Nordeste, e que apresentam o turismo religioso da região do Cariri (CE), notadamente a cidade de Juazeiro do Norte, o Polo Comercial de Caruaru (PE), com a tradicional Feira da Sulanca e a cidade de Mossoró (RN) cuja exploração de petróleo, a extração de sal e a produção de frutas irrigadas são as principais atividades econômicas da cidade, que atrai turistas por suas águas termais e festas juninas. Todavia, no geral, observa-se que a concentração das operações ocorreu na região fora do semiárido, onde estão localizados os principais destinos turísticos, de sol e mar, com 75,8% dos contratos e com 92,7% dos recursos alocados.

Tabela 36 – PROATUR: financiamentos por UF segundo as áreas (Semiárido e fora do Semiárido) – acumulado no período 1998-2008

Período	Fora do Semiárido			Semiárido			Total	
	Qtd	R\$ milhões	(%)	Qtd	R\$ milhões	(%)	Qtd	R\$ milhões
Alagoas	31	35,4	5,6	2	0,3	0,6	33	35,7
(%)	93,9	99,2	-	6,1	0,8	-	100,0	100,0
Bahia	153	237,1	37,7	20	3,0	6,1	173	240,1
(%)	88,4	98,8	-	11,6	1,2	-	100,0	100,0
Ceará	56	72,0	11,5	57	23,0	46,6	113	95,0
(%)	49,6	75,8	-	50,4	24,2	-	100,0	100,0
Maranhão	62	65,3	10,4	-	-	-	62	65,3
(%)	100,0	100,0	-	-	-	-	100,0	100,0
Paraíba	63	14,5	2,3	12	0,9	1,7	75	15,4
(%)	84,0	94,2	-	16,0	5,8	-	100,0	100,0
Pernambuco	22	65,9	10,5	16	12,5	25,3	38	78,4
(%)	57,9	84,1	-	42,1	15,9	-	100,0	100,0
Piauí	25	6,9	1,1	19	1,7	3,5	44	8,6
(%)	56,8	80,2	-	43,2	19,8	-	100,0	100,0
Rio G. Norte	71	53,1	8,4	39	5,7	11,7	110	58,8
(%)	64,5	90,3	-	35,5	9,7	-	100,0	100,0
Sergipe	57	73,5	11,7	1	0,1	0,2	58	73,6
(%)	98,3	99,9	-	1,7	0,1	-	100,0	100,0
Espírito Santo	6	2,8	0,4	-	-	-	6	2,8
(%)	100,0	100,0	-	-	-	-	100,0	100,0
Minas Gerais	16	2,2	0,4	13	2,1	4,3	29	4,3
(%)	55,2	51,2	-	44,8	48,8	-	100,0	100,0
Total	562	628,7	100,0	179	49,3	100,0	741	678,0

Fonte: BNB, 2008.

Nota: Valores a preços de 2008.

a) Qtd = número de contratos; e b) R\$ = recursos alocados a preços de 2008.

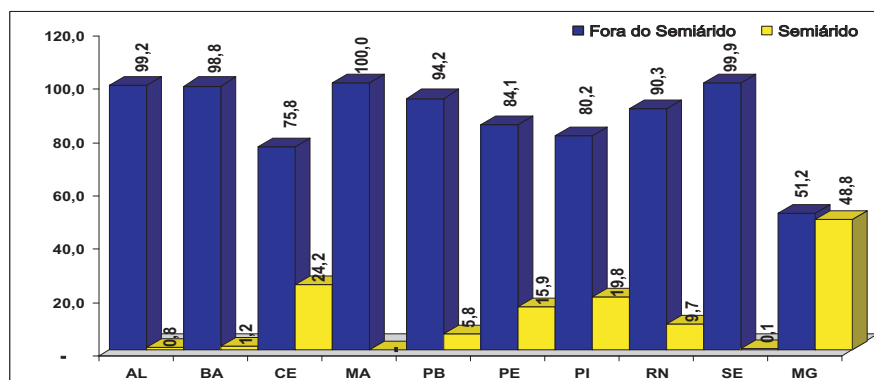


Gráfico 35 – PROATUR: distribuição dos recursos por Região

Fonte: BNB.

A distribuição dos financiamentos entre as capitais e o interior é apresenta na Tabela 37.

Tabela 37 – PROATUR: financiamentos por UF segundo a área de localização do empreendimento (capital e interior) – acumulado no período 1998/2008

Período	Capitais			Outras localidades (Interior)			Total	
	Qtd	R\$ milhões	(%)	Qtd	R\$ milhões	(%)	Qtd	R\$ milhões
Alagoas	14	31,2	8,0	19	4,5	2,2	33	35,7
(%)	42,4	87,4	-	57,6	12,6	-	100,0	100,0
Bahia	39	116,6	30,1	134	123,5	50,2	173	240,1
(%)	22,5	48,6	-	77,5	51,4	-	100,0	100,0
Ceará	35	60,7	15,7	78	34,3	9	113	95,0
(%)	31,0	63,9	-	69,0	36,1	-	100,0	100,0
Maranhão	23	52,2	13,5	39	13,1	5,3	62	65,3
(%)	37,1	79,9	-	62,9	20,1	-	100,0	100,0
Paraíba	55	12,7	3,3	20	2,7	1,2	75	15,4
(%)	73,3	82,5	-	26,7	17,5	-	100,0	100,0
Pernambuco	9	11,1	2,9	29	67,3	12,5	38	78,4
(%)	23,7	14,2	-	76,3	85,8	-	100,0	100,0
Piauí	10	4,6	1,2	34	4,0	1,7	44	8,6
(%)	22,7	53,5	-	77,3	46,5	-	100,0	100,0
Rio G. Norte	55	43,6	11,2	55	15,2	5,8	110	58,8
(%)	50,0	74,1	-	50,0	25,9	-	100,0	100,0
Sergipe	40	55,1	14,2	18	18,5	8,9	58	73,6
(%)	69,0	74,9	-	31,0	25,1	-	100,0	100,0
Espírito Santo	-	0	-	6	2,8	1,4	6	2,8
(%)	-	-	-	100,0	100,0	-	100,0	100,0
Minas Gerais	-	0	-	29	4,3	1,8	29	4,3
(%)	-	-	-	100,0	100,0	-	100,0	100,0
Total	280	387,8	100	461	290,2	100	741	678,0
(%)	37,8	57,2	-	62,2	42,8	-	100,0	100,0

Fonte: BNB, 2008. Nota: Valores a preços de 2008.

a) Qtd = número de contratos; e b) R\$ = recursos alocados a preços de 2008.

No período 1998/2008, as localidades do interior atraíram 62,2% dos contratos e 42,8% dos recursos alocados, com a média de R\$ 629,5 mil por contrato, enquanto que as Capitais atraíram cerca de 37,8% dos contratos e de 57,2% dos recursos, com a média por contrato de R\$ 1.385,0 mil, neste caso, beneficiando os empreendimentos com maior escala de produção.

3.8.3 – Financiamentos por UF Segundo as Atividades

Analisando a distribuição dos financiamentos por Unidades da Federação no tocante às atividades do turismo (Tabelas 38 e 39), constata-se que a atividade de destaque foi a de alojamento que absorveu, em média, 88,9% dos recursos alocados no âmbito dos estados.

Tabela 38 – Evolução dos financiamentos por UF segundo as atividades – 1998/2008

Período	Alojamento		Alimentação		Transporte		Agências		Locadoras		Outros		Total			
	Qtd.	R\$ mi-lhões	Qtd.	R\$ mi-lhões	Qtd.	R\$ mi-lhões	Qtd.	R\$ mi-lhões	Qtd.	R\$ mi-lhões	Qtd.	R\$ mi-lhões	Qtd.	(%)	R\$ mi-lhões	(%)
Nordeste	378	597,4	76	11,6	52	8,6	58	11,2	64	7,8	78	34,3	706	95,3	670,8	98,9
Alagoas	22	33,5	3	0,9	4	0,2	4	1,2	-	-	-	-	33	4,5	35,7	5,3
Bahia	108	220,0	8	1,2	10	0,6	12	1,3	17	0,9	18	16,1	173	23,3	240,1	35,4
Ceará	65	84,6	6	1,6	6	1,6	4	0,6	7	1,1	25	5,5	113	15,2	95	14
Maranhão	40	54,7	3	0,2	8	3,3	4	0,4	3	2	4	4,7	62	8,4	65,3	9,6
Paraíba	15	11,5	31	1,6	3	0,2	8	0,4	12	0,9	6	0,8	75	10,1	15,4	2,3
Pernambuco	21	70,2	5	4,3	2	0,2	6	1,8	2	0,1	2	1,8	38	5,1	78,4	11,6
Piauí	25	6,8	4	0,3	5	0,3	5	0,9	1	-	4	0,2	44	5,9	8,5	1,3
Rio Grande do Norte	52	48,1	8	0,6	10	2	7	0,9	19	2,6	14	4,6	110	14,8	58,8	8,7
Sergipe	30	68,0	8	1	4	0,1	8	3,7	3	0,3	5	0,6	58	7,8	73,7	10,9
Sudeste	22	5,7	-	-	6	0,5	2	-	3	0,5	2	0,4	35	4,7	7,2	1,1
Espírito Santo	6	2,8	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	0,8	2,8	0,4
Minas Gerais	16	2,9	-	-	6	0,5	2	-	3	0,5	2	0,4	29	3,9	4,4	0,6
Total	400	603,0	76	11,6	58	9,1	60	11,2	67	8,3	80	34,7	741	100,0	678,0	100,0

Fonte: BNB, 2008

Nota: Valores a preços de 2008.

a) Qtd = número de contratos; e b) R\$ = recursos alocados a preços de 2008.

Tabela 39 – PROATUR: Distribuição percentual financiamentos por UF segundo as atividades – 1998/2008

Período	Alojamento		Alimentação		Transporte		Agências		Locadoras		Outros		Total	
	Abs.	R\$ milhões	Abs.	R\$ milhões	Abs.	R\$ milhões	Abs.	R\$ milhões	Abs.	R\$ milhões	Abs.	R\$ milhões	Abs.	(%)
Nordeste	53,5	89,1	10,8	1,7	7,4	1,3	8,2	1,7	9,1	1,2	11,0	5,1	-	-
Alagoas	66,7	93,8	9,1	2,4	12,1	0,6	12,1	3,3	-	-	-	-	100,0	100,0
Bahia	62,4	91,7	4,6	0,5	5,8	0,3	6,9	0,5	9,8	0,4	10	6,7	100,0	100,0
Ceará	57,5	89,1	5,3	1,7	5,3	1,7	3,5	0,7	6,2	1,1	22	5,8	100,0	100,0
Maranhão	64,5	83,7	4,8	0,3	12,9	5	6,5	0,7	4,8	3,1	6,5	7,2	100,0	100,0
Paraíba	20,0	74,7	41,3	10,4	4,0	1,4	10,7	2,8	16,0	5,5	8,0	5,2	100,0	100,0
Pernambuco	55,3	89,6	13,2	5,4	5,3	0,3	15,8	2,3	5,3	0,1	5,3	2,3	100,0	100,0
Piauí	56,8	80,0	9,1	3,8	11,4	3,8	11,4	10,0	2,3	-	9,1	2,5	100,0	100,0
Rio Grande do Norte	47,3	81,8	7,3	1,1	9,1	3,4	6,4	1,4	17,3	4,3	13	7,8	100,0	100,0
Sergipe	51,7	92,3	13,8	1,3	6,9	0,1	13,8	5,1	5,2	0,4	8,6	0,8	100,0	100,0
Sudeste	62,9	79,2	-	-	17,1	7,4	5,7	-	8,6	7,4	5,7	5,9	-	-
Espírito Santo	100,0	100,0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	100,0	100,0
Minas Gerais	55,2	66,1	-	-	20,7	12,1	69,9	-	10,3	12,1	6,9	9,7	100,0	100,0
Total	54,0	88,9	10,3	-	7,8	1,3	8,1	1,6	9,0	1,2	11	5,1	-	-

Fonte: BNB, 2008.

Nota: Valores a preços de 2008.

Note-se que o setor de alimentação teve maior representatividade nos estados de Paraíba e Pernambuco. As demais atividades tiveram pouca expressividade, com exceção do Estado da Bahia, onde se verifica uma maior diversificação.

3.8.4 – Quocientes de localização

A Tabela 40 e o Gráfico 36 mostram os quocientes de localização espacial (QL) dos recursos do PROATUR, alocados por Unidades da Federação.

Tabela 40 – Quociente de localização por UF – 1998/2007

Estados	PROATUR		FNE		Quocientes Localização
	R\$ milhões	(%)	R\$ milhões	(%)	
Sergipe	50,1	11,2	1.160,6	4,7	2,38
Rio G.Norte	45,7	10,2	1.301,9	5,3	1,92
Bahia	170,3	38,0	7.345,7	29,9	1,27
Ceará	73,1	16,3	3.394,4	13,8	1,18
Alagoas	19,3	4,3	1.254,4	5,1	0,84
Pernambuco	34,4	7,7	2.796,0	11,4	0,68
Maranhão	32,2	7,2	2.762,3	11,2	0,64
Espírito Santo	2,6	0,6	353,4	1,4	0,43
Paraíba	9,6	2,1	1.463,9	6,0	0,35
Piauí	7,2	1,6	1.620,8	6,6	0,24
Minas Gerais	3,5	0,8	1.117,5	4,6	0,17
Total Geral	448,0	100,0	24.570,9	100,0	-

Fonte: BNB, 2007.

Nota: Valores a preços de 2007.

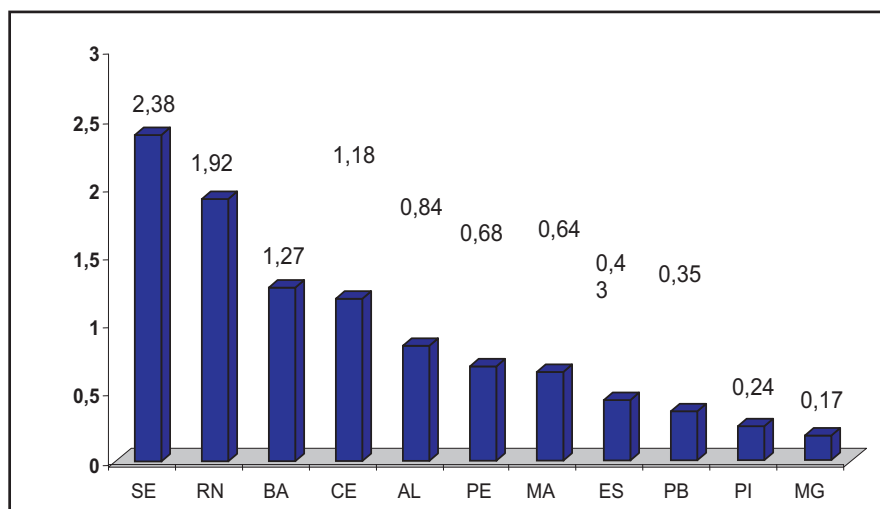


Gráfico 36 – Quociente de localização por Unidade da Federação – 1998/2007

O QL é uma medida de concentração, estimado pela relação entre a participação de determinada UF nos recursos do PROATUR e a participação dessa mesma UF no FNE. Quanto maior o valor do QL, maior o grau de concentração. No caso específico,

destacam-se os estados de Sergipe, do Rio Grande do Norte, da Bahia e do Ceará com maiores valores e acima de 1,00.

3.9 – Distribuição por Município

A Tabela 41 relaciona os principais municípios beneficiados com os financiamentos do PROATUR no período 1998/2007. Observa-se que entre os dezesseis municípios mais contemplados, nove são capitais, sendo oito delas localizadas no litoral.

Vale ressaltar que, entre os dezesseis municípios mais beneficiados, consta pelo menos um município de cada estado do Nordeste, destacando-se: a Bahia com quatro, Pernambuco com três, Sergipe e Ceará com dois municípios cada.

Tabela 41 – *Ranking* dos principais municípios beneficiados pelo PROATUR – 1998/2007

Municípios	UF	Contratos		Valores R\$		Ranking
		Qtd.	%	Milhões	(%)	
. Salvador	BA	31	5,5	74,0	16,5	1
. Fortaleza	CE	32	5,6	55,8	12,4	2
. Itacaré	BA	12	2,1	38,9	8,7	3
. Porto Seguro	BA	14	2,5	35,4	7,9	4
. Natal	RN	40	7,0	34,6	7,7	5
. Aracaju	SE	32	5,6	33,0	7,4	6
. São Luís	MA	17	3,0	22,0	4,9	7
. Maceió	AL	11	1,9	15,0	3,3	8
. Barra dos Coqueiros	SE	2	0,3	12,9	2,9	9
. Ipojuca	PE	4	0,7	11,0	2,5	10
. Recife	PE	7	1,2	10,3	2,3	11
. João Pessoa	PB	35	6,1	7,3	1,6	12
. Gravatá	PE	4	0,7	6,4	1,4	13
. Marau	BA	4	0,7	5,9	1,3	14
. Teresina	PI	8	1,4	4,1	0,9	15
. Beberibe	CE	3	0,5	4,0	0,9	16
. SUBTOTAL	-	256	45,1	370,5	82,7	-
. Outros	-	312	54,9	77,5	17,3	-
Total	-	568	100,0	448,0	100,0	-

Fonte: BNB, 2007.

Nota: Valores a preços de 2007.

Uma visão mais abrangente da distribuição dos financiamentos no âmbito dos municípios da Região é apresentada na Tabela 42.

Tabela 42 – Distribuição dos financiamentos segundo os municípios – 1998/2007

Estados / Municípios	Contratos			Valores (milhões)			Estados / Municípios	Contratos			Valores (milhões)		
	Qtd	(%)	(%)	R\$	(%)	(%)		Qtd	(%)	(%)	R\$	(%)	(%)
Alagoas	29	5,11	100,00	19,3	4,32	100,00	Pernambuco	29	5,11	100,00	34,4	7,68	100,00
Maceió	11	1,94	37,93	15,0	3,34	77,32	Recife	7	1,23	24,14	10,3	2,31	30,03
Barra de São Miguel	2	0,35	6,90	2,0	0,45	10,31	Ipojuca	4	0,70	13,79	11,0	2,46	31,99
Marechal Deodoro	3	0,53	10,34	1,1	0,24	5,48	Gravata	4	0,70	13,79	6,4	1,42	18,51
Coruripe	2	0,35	6,90	0,4	0,09	2,11	Serra Talhada	3	0,53	10,34	2,8	0,62	8,02
Maragogi	2	0,35	6,90	0,2	0,05	1,27	Cabo de Santo Agostinho	1	0,18	3,45	1,6	0,37	4,77
Arapiraca	1	0,18	3,45	0,2	0,04	0,96	Pesqueira	1	0,18	3,45	1,1	0,25	3,29
Delmiro Gouveia	1	0,18	3,45	0,2	0,04	0,81	Salgueiro	1	0,18	3,45	0,3	0,06	0,74
Pilar	1	0,18	3,45	0,1	0,03	0,67	Bezerros	1	0,18	3,45	0,3	0,06	0,73
Piacaibu	3	0,53	10,34	0,1	0,02	0,40	Tamandaré	1	0,18	3,45	0,2	0,04	0,58
Barra de Santo Antonio	1	0,18	3,45	0,1	0,01	0,32	Petrolina	2	0,35	6,90	0,2	0,04	0,58
São Miguel Milagres	1	0,18	3,45	0,1	0,01	0,26	Outros	4	0,70	13,79	0,3	0,06	0,76
Outros	1	0,18	3,45	0,0	0,00	0,09	Piauí	34	5,99	100,00	7,2	1,62	100,00
Bahia	127	22,36	100,00	170,3	38,02	100,00	Teresina	8	1,41	23,53	4,1	0,90	55,91
Salvador	31	5,46	24,41	74,0	16,53	43,47	Campo Maior	1	0,18	2,94	1,0	0,23	14,02
Itacaré	12	2,11	9,45	38,9	8,69	22,85	Parnaíba	8	1,41	23,53	0,8	0,17	10,45
Porto Seguro	14	2,46	11,02	35,4	7,89	20,76	Picos	2	0,35	5,88	0,6	0,13	8,02
Marau	4	0,70	3,15	5,9	1,32	3,47	Oeiras	2	0,35	5,88	0,2	0,04	2,55
Camacari	9	1,58	7,09	3,1	0,69	1,80	Bom Jesus	3	0,53	8,82	0,2	0,04	2,43
Santa Cruz Cabralia	2	0,35	1,57	2,1	0,46	1,21	Floriano	1	0,18	2,94	0,2	0,04	2,16
Mucuri	3	0,53	2,36	1,8	0,41	1,07	Cajueiro da Praia	2	0,35	5,88	0,1	0,02	1,49
Mata de São João	3	0,53	2,36	1,3	0,30	0,78	São Raimundo Nonato	3	0,53	8,82	0,1	0,02	1,34
Itaparica	6	1,06	4,72	1,1	0,25	0,65	Eliseu Martins	1	0,18	2,94	0,1	0,01	0,71
Luis Eduardo Magalhães	1	0,18	0,79	0,6	0,14	0,36	Outros	3	0,53	8,82	0,1	0,01	0,92
Paulo Afonso	2	0,35	1,57	0,6	0,13	0,33	Rio Grande do Norte	84	14,79	100,00	45,7	10,20	100,00
Jacobina	4	0,70	3,15	0,5	0,12	0,31	Natal	40	7,04	47,62	34,6	7,73	75,81
Ilhéus	7	1,23	5,51	0,5	0,12	0,30	Extremoz	1	0,18	1,19	2,5	0,55	5,37
Nova Viçosa	1	0,18	0,79	0,4	0,10	0,26	Tibau do Sul	5	0,88	5,95	2,1	0,46	4,49
Santo Amaro	2	0,35	1,57	0,4	0,09	0,24	Maxaranguape	5	0,88	5,95	2,1	0,46	4,49
Outros	26	4,58	20,47	3,6	0,81	2,16	São José de Mipibu	1	0,18	1,19	0,9	0,21	2,08
Ceará	92	16,20	100,00	73,1	16,32	100,00	Parnamirim	1	0,18	1,19	0,7	0,16	1,58
Fortaleza	32	5,63	34,78	55,8	12,45	76,26	Canguaretama	1	0,18	1,19	0,5	0,10	1,00
Beberibe	3	0,53	3,26	4,0	0,88	5,41	Touros	3	0,53	3,57	0,3	0,08	0,76
Aquiraz	1	0,18	1,09	3,6	0,81	4,94	Pau dos Ferros	2	0,35	2,38	0,3	0,07	0,64
Juazeiro do Norte	6	1,06	6,52	1,8	0,39	2,40	Guamaré	3	0,53	3,57	0,3	0,06	0,63
Trairi	1	0,18	1,09	1,4	0,32	1,95	Campo Redondo	2	0,35	2,38	0,2	0,05	0,48
Crato	5	0,88	5,43	1,2	0,26	1,61	Caicó	5	0,88	5,95	0,2	0,04	0,35
Guaramiranga	2	0,35	2,17	0,8	0,19	1,14	Tibau	1	0,18	1,19	0,1	0,03	0,32

(continua)

Tabela 42 – Distribuição dos financiamentos segundo os municípios – 1998/2007

(conclusão)

Estados / Municípios	Contratos			Valores (milhões)			Estados / Municípios	Contratos			Valores (milhões)		
	Qtd	(%)	(%)	R\$	(%)	(%)		Qtd	(%)	(%)	R\$	(%)	(%)
Quixadá	5	0,88	5,43	0,8	0,18	1,12	Lagoa Nova	1	0,18	1,19	0,1	0,03	0,32
Quixeramobim	3	0,53	3,26	0,6	0,12	0,75	Currais Novos	2	0,35	2,38	0,1	0,03	0,31
Crateús	2	0,35	2,17	0,5	0,12	0,71	Outros	11	1,94	13,10	0,6	0,14	1,35
Barbalha	1	0,18	1,09	0,4	0,09	0,57	Sergipe	47	8,27	100,00	50,1	11,18	100,00
Jijoca de Jericoacoara	6	1,06	6,52	0,4	0,09	0,56	Aracaju	32	5,63	68,09	33,0	7,37	65,99
Cascavel	2	0,35	2,17	0,4	0,08	0,50	Barra dos Coqueiros	2	0,35	4,26	12,9	2,88	25,74
Pentecoste	1	0,18	1,09	0,3	0,06	0,37	Laranjeiras	3	0,53	6,38	2,9	0,65	5,85
Itapipoca	2	0,35	2,17	0,2	0,04	0,27	Neópolis	1	0,18	2,13	0,4	0,08	0,75
Outros	20	3,52	21,74	1,1	0,24	1,45	Estância	5	0,88	10,64	0,3	0,07	0,60
Maranhão	51	8,98	100,00	32,2	7,18	100,00	Umbaúba	1	0,18	2,13	0,2	0,05	0,45
São Luis	17	2,99	33,33	22,0	4,91	68,45	Boquim	1	0,18	2,13	0,2	0,03	0,30
Caxias	2	0,35	3,92	3,7	0,83	11,57	Indiaroba	1	0,18	2,13	0,1	0,02	0,16
São José de Ribamar	1	0,18	1,96	1,5	0,33	4,64	Nossa Senhora da Glória	1	0,18	2,13	0,1	0,02	0,16
Barreirinhas	6	1,06	11,76	1,0	0,23	3,22	Espírito Santo	5	0,88	100,00	2,6	0,58	100,00
Imperatriz	3	0,53	5,88	0,9	0,19	2,67	Linhares	2	0,35	40,00	1,9	0,43	73,25
Santa Inês	2	0,35	3,92	0,7	0,16	2,26	São Mateus	1	0,18	20,00	0,3	0,08	13,23
Peritoro	1	0,18	1,96	0,5	0,11	1,58	São Gabriel da Palha	1	0,18	20,00	0,3	0,07	12,48
Carolina	1	0,18	1,96	0,4	0,10	1,34	Conceição da Barra	1	0,18	20,00	0,0	0,01	1,05
Tutóia	3	0,53	5,88	0,3	0,06	0,88							
Barrado Corda	3	0,53	5,88	0,3	0,06	0,88							
Outros	12	2,11	23,53	0,8	0,18	2,51							
Paraíba	51	8,98	100,00	9,6	2,15	100,00	Minas Gerais	19	3,35	100,00	3,5	0,78	100,00
João Pessoa	35	6,16	68,63	7,3	1,62	75,34	Diamantina	5	0,88	26,32	1,1	0,25	32,17
Conde	1	0,18	1,96	1,1	0,24	11,24	Espinosa	1	0,18	5,26	1,0	0,22	27,82
Campina Grande	2	0,35	3,92	0,4	0,09	4,41	Januária	1	0,18	5,26	0,4	0,08	10,35
Cabedelo	3	0,53	5,88	0,3	0,07	3,19	Montes Claros	3	0,53	15,79	0,3	0,08	9,82
Pilar	1	0,18	1,96	0,1	0,03	1,45	Carbonita	1	0,18	5,26	0,2	0,04	5,06
Mataraca	1	0,18	1,96	0,1	0,02	1,07	Salinas	1	0,18	5,26	0,1	0,03	4,11
Pombal	2	0,35	3,92	0,1	0,02	0,75	Capelinha	1	0,18	5,26	0,1	0,03	3,29
Cajazeiras	1	0,18	1,96	0,1	0,01	0,58	Monte Azul	2	0,35	10,53	0,1	0,02	2,82
Ibiara	1	0,18	1,96	0,1	0,01	0,55	Itacarambi	1	0,18	5,26	0,1	0,01	1,50
Santa Luzia	1	0,18	1,96	0,1	0,01	0,52	Montezuma	1	0,18	5,26	0,1	0,01	1,46
Outros	3	0,53	5,88	0,1	0,02	0,91	Outros	2	0,35	10,53	0,1	0,01	1,60

Fonte: BNB, 2007.

Nota: Valores a preços de 2007.

a) Qtd = número de contratos; e b) R\$ = recursos alocados a preços de 2008.

CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS RESULTADOS E IMPACTOS

4.1 – RESULTADOS DA PESQUISA

4.1.1 – Aspectos institucionais

A composição da amostra efetiva, como se observa no Gráfico 37, abrange as principais atividades características, com o predomínio do segmento alojamento (74,4%), em seguida dos segmentos de transporte (8,9%) e alimentação e agências de viagem, ambas com 7,8%.

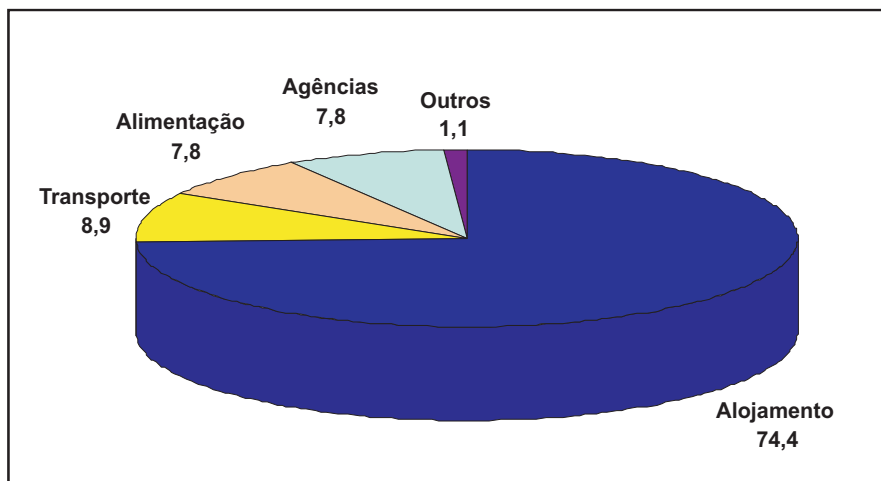


Gráfico 37 – Distribuição segundo ramo de atividade (%)

No tocante à situação funcional dos empreendimentos na época da pesquisa, constata-se que 82,2% dos empreendimentos pesquisados se encontravam em funcionamento e que 17,8% restante correspondem ao somatório das seguintes situações: 8,9% dos empreendimentos em ampliação; 5,6% dos empreendimentos paralisados e 3,3% em outras situações.

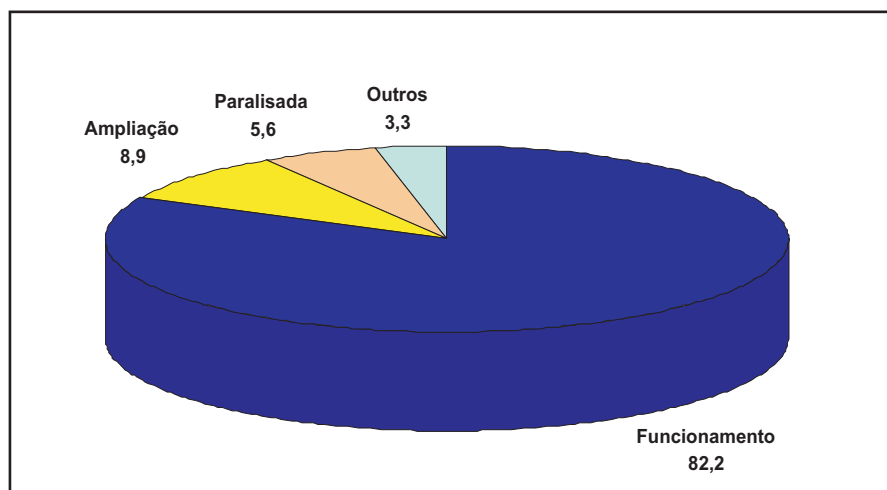


Gráfico 38 – Distribuição segundo a situação atual (%)

A Tabela 43 mostra a composição agregada dos portfólios das atividades desenvolvidas nos empreendimentos em funcionamento na época da pesquisa. O relevante a destacar é a constatação de uma maior diversificação do portfólio após o financiamento do PROATUR.

Tabela 43 – Atividades desenvolvidas nos empreendimentos

Segmentos	Antes do financiamento		Informação no Projeto		Situação em 2008	
	Absl	(%)	Absl	(%)	Absl	(%)
Alojamento	46	39,7	73	42,2	73	42,7
Alimentação	33	28,4	50	28,9	50	29,2
Organização Evento	10	8,6	16	9,2	16	9,4
Agência de Viagens	12	10,3	12	6,9	11	6,4
Transportes	9	7,8	9	5,2	8	4,7
Parque Temático	2	1,7	5	2,9	5	2,9
Ecoturismo	3	2,6	4	2,3	4	2,3
Casa Espetáculo		-	2	1,2	2	1,2
Marinas		-	1	0,6	1	0,6
Casas de Câmbio	1	0,9	1	0,6	1	0,6
Total	116	100,0	173	100,0	171	100,0

Fonte: BNB. Pesquisa direta, ago./2009.

Segundo a Tabela 44, embora se observe o predomínio dos empreendimentos no segmento de alojamento, constata-se que o processo de diversificação das atividades contemplou os segmentos de transporte, agência de viagem e alimentação, com a predominância quantitativa dos empreendimentos de micro e pequeno porte.

Tabela 44 – Estabelecimentos segundo o porte e atividade

Segmentos	Grande		Médio		Pequeno		Micro		Total		
	Absl	(%)	Absl	(%)	Absl	(%)	Absl	(%)	(%)	Absl	(%)
Alojamento	4	6,0	12	17,9	26	38,8	25	37,3	100,0	67	74,4
Alimentação	1	14,3	1	14,3	3	42,9	2	28,6	100,0	7	7,8
Transportes	-	-	1	12,5	3	37,5	4	50,0	100,0	8	8,9
Agência Viagem	-	-	-	-	4	57,1	3	42,9	100,0	7	7,8
Organização Eventos	-	-	-	-	1	100,0	-	-	100,0	1	1,1
Total Geral	5	5,6	14	15,6	37	41,1	34	37,8	100,0	90	100,0

Fonte: BNB. Pesquisa direta, ago./2009.

A Tabela 45 mostra a distribuição dos empreendimentos em funcionamento por Unidade da Federação e segundo o objetivo dos projetos financiados.

A propósito, constata-se que a maioria dos empreendimentos está concentrada nos principais destinos turísticos do Nordeste (Bahia, Ceará e Rio Grande do Norte), a exceção é o estado do Piauí, com 12,22% dos estabelecimentos da amostra. A pesquisa não obteve retorno de resposta dos empreendimentos no estado do Espírito Santo. No geral, observa-se um predomínio dos empreendimentos financiados visando à expansão e à modernização, com 58,89% do total da amostra (Tabela 45).

Tabela 45 – Estabelecimentos por Unidade da Federação e objetivo do financiamento

Estados	Implantação		Outros (Expansão e Modernização)			Total Geral	
	Contratos	(%)	Contratos	(%)	(%)	Contratos	(%)
Bahia	6	31,58	13	68,42	100,00	19	21,11
Ceará	9	56,25	7	43,75	100,00	16	17,78
Piauí	3	27,27	8	72,73	100,00	11	12,22
Rio Grande Norte	2	22,22	7	77,78	100,00	9	10,00
Sergipe	5	62,50	3	37,50	100,00	8	8,89
Alagoas	4	57,14	3	42,86	100,00	7	7,78
Maranhão	3	50,00	3	50,00	100,00	6	6,67
Minas Gerais	2	40,00	3	60,00	100,00	5	5,56
Pernambuco	1	20,00	4	80,00	100,00	5	5,56
Paraíba	2	50,00	2	50,00	100,00	4	4,44
Total Geral	37	41.11	53	58.89	100.00	90	100.00

Fonte: BNB. Pesquisa direta, ago./2009.

4.1.2 – Aspectos operacionais

A Tabela 46 contém as principais variáveis e relações pertinentes à estrutura produtiva das atividades turísticas financiadas pelo Programa e existentes em 2008. A propósito, merecem destaque as atividades de alojamento e de alimentação. Nesse particular, como foi observado na Tabela 1, constante no Capítulo 1, a representatividade desses segmentos no universo dos empreendimentos financiados pelo PRO-ATUR, no período 1998/2005, concentra 74,6% dos contratos e na amostra 82,2% dos entrevistados.

Tabela 46 – Estrutura produtiva e relações de resultados nos empreendimentos pesquisados segundo o objetivo do financiamento

Indicadores	Implantação			Outros			Total		
	Qtd	2008	Relação	Qtd	2008	Relação	Qtd	2008	Relação
	A	B	C=B/A	D	E	F=E/D	G	H	I=H/G
Alojamento									
UHs (apartamentos)	33	1.886	57	42	2.424	58	75	4.310	57
Leitos	31	3.235	104	41	5.205	127	72	8.440	117
Hóspedes	20	27.653	1.383	31	89.762	2.896	51	117.415	2.302
Taxa ocupação	32	1.820	56,9	35	2.071	59,2	67	3.891	58,1
Empregos	31	1.936	62	35	1.382	39	66	3.318	50
Receitas (R\$ milhões)	24	21,2	0,9	24	57,4	2,4	48	78,6	1,6
Alimentação									
Mesas	23	1.300	57	24	1.045	44	47	2.345	50
Lugares	22	5.054	230	23	3.063	133	45	8.117	180
Empregos	5	390	78	3	55	18	8	445	56
Receitas (R\$ milhões)	5	18,1	3,6	2	1,99	1,0	7	20,1	2,9
Transportes									
Veículos	5	5	1	13	69	5	18	74	4
Empregos	1	6	6	6	61	10	7	67	10
Receitas (R\$ milhões)	-	-	-	5	5,35	1,1	5	5,35	1,1
Agências de viagens									
Pacotes turísticos	-	-	-	4	519	-	4	519	130
Receptivos (pessoas)	2	1.080	540	3	4.080	1.360	5	5.160	1.032
Emissão bilhetes	-	-	-	6	3.870	-	6	3.870	645
Empregos	-	-	-	6	141	23	6	141	24
Receitas (R\$ milhões)	-	-	-	2	1,99	1,0	2	1,99	1,0
Outros									
Eventos	7	3.048	435	4	1.597	399	11	4.645	422
Empregos	-	-	-	1	15	15	1	15	15
Receitas (R\$ milhões)	-	-	-	1	1,02	1,0	1	1,02	1,0
Empregos	37	2.332	63	51	1.654	32	88	3.986	45
Receita (R\$ milhões)	29	39,4	1,4	34	67,7	2,0	63	107,01	1,7

Fonte: BNB. Pesquisa direta, ago. 2009.

Nota: a) os resultados reportam ao ano de 2008; e b) as variáveis estoque, tais como, nível de empregos refletem a posição existente no final de 2008.

É oportuno ressaltar que as relações estabelecidas entre as variáveis que compõem a Tabela 46 serão utilizadas na expansão dos indicadores de avaliação do Programa.

Ressaltam-se as seguintes constatações:

- a) o tamanho médio dos alojamentos pesquisados é de 57 UHs;
- b) o conjunto dos empreendimentos pesquisados define uma média de emprego de 45 pessoas;
- c) a receita bruta média gerada em 2008 por empreendimento financiado foi de R\$ 1,7 milhão.

A Tabela 47 estabelece os indicadores para as variáveis de emprego e da receita nos estabelecimentos pesquisados, em situações distintas, porém correlacionadas ao processo de financiamento pelo Programa (antes e após), conforme analisadas a seguir.

Estabelecem-se a relação entre os benefícios propostos nos projetos dos financiamentos contratados junto ao Programa e o *status quo* (situação nos empreendimentos pesquisados antes do financiamento). Com base nas informações obtidas, os benefícios propostos nos projetos, em termos de emprego e receita, registram acréscimos de 146% e de 129%, respectivamente, com referência à situação existente nos empreendimentos no ano anterior aos financiamentos contratados.

Tabela 47 – FNE PROATUR – geração de emprego e renda

Itens	Indicadores								
	Qtd	Antes	Qtd	Projeto	Qtd	Situação em 2008	D/B	F/D	F/B
	A	B	C	D	E	F	G	H	I
Emprego	52	1.196	90	2.939	90	3.976	2,46	1,35	3,32
Receita (R\$ milhões)	41	37,4	70	85,5	70	107,0	2,29	1,25	2,86

Fonte: BNB. Pesquisa direta, ago./2009.

Verifica-se um acréscimo de 35% no nível de emprego e de 25% no montante da receita dos empreendimentos quando são relacionados os resultados obtidos com os previstos nos projetos.

A comparação entre os resultados obtidos e a situação *status quo*, ou seja, com e sem o PROATUR apontam para mensuração de acréscimos da ordem de 232% e de 186%, para o nível de emprego e para o montante de receitas geradas nos empreendimentos pesquisados, respectivamente.

As Tabelas 48, 49 e 50 apresentam os indicadores no tocante ao nível de emprego e da receita nos estabelecimentos pesquisados nos aspectos: porte dos beneficiários, áreas prioritárias e Unidades da Federação.

Segundo o porte dos beneficiários, verifica-se que os empreendimentos de grande porte apresentam as maiores taxas, seguidos dos micros e pequenos portes. Os indicadores apresentados pelos estabelecimentos de grande porte ficaram nove vezes acima da situação existente antes do financiamento. Os acréscimos observados nas variáveis emprego e receita, neste segmento, foram de 986,2% e de 827,3%, respectivamente.

Tabela 48 – Indicadores de emprego e renda por porte dos beneficiários

Porte	Situação		Resultados		Relação
	Antes do financia- mento	Situação em 2008	Absoluto	Var (%)	
	A	B	C=A-B	D	
Grande					
Empregos	152	1.651	1.499	986,2	10,86
Receita (R\$ milhões)	2,97	27,54	24,57	827,3	9,27
Médio					
Empregos	484	922	438	90,5	1,90
Receita (R\$ milhões)	19,74	44,77	25,03	126,8	2,27
Pequeno					
Empregos	403	919	516	128,0	2,28
Receita (R\$ milhões)	11,68	26,78	15,10	129,3	2,29
Micro					
Empregos	157	494	337	214,6	3,15
Receita (R\$ milhões)	3,04	7,92	4,88	160,5	2,61
Total					
Empregos	1196	3986	2790	233,3	3,33
Receita (R\$ milhões)	37,43	107,01	69,58	185,9	2,86

Fonte: BNB. Pesquisa direta, ago./2009.

No tocante às variáveis consideradas de emprego e de receita, quanto ao aspecto por Região, verifica-se um predomínio para os empreendimentos localizados na Região *Fora do Semiárido* (onde estão situados os principais destinos turísticos do Nordeste, inclusive as capitais de oito dos nove estados).

Contudo, os indicadores apresentados pela Região *do Semiárido* foram bastante significativos. As relações foram de 2,73 e 2,49 para as variáveis de emprego e de receita, respectivamente.

Tabela 49 – Indicadores de emprego e renda por Região

Porte	Situação		Resultados		Relação
	Antes do financiamento	Situação em 2008	Absoluto	Var (%)	
	A	B	C=A-B	D=B/A	
Semiárido					
Empregos	330	900	570	172,7	2,73
Receita (R\$ milhões)	9,18	22,88	13,70	149,2	2,49
Fora Semiárido					
Empregos	866	3.086	2.220	256,4	3,56
Receita (R\$ milhões)	28,25	84,13	55,88	197,8	2,98
Total					
Empregos	1196	3986	2790	233,3	3,33
Receita (R\$ milhões)	37,43	107,01	69,58	185,9	2,86

Fonte: BNB. Pesquisa direta, ago./2009.

A Tabela 50 apresenta os indicadores dos empreendimentos pesquisados no âmbito das Unidades da Federação (Estados), onde se observam magnitudes diversas no tocante às variáveis de emprego e de receita entre os estados considerados.

Nesse aspecto, vale destacar o estado do Ceará que apresenta os maiores indicadores de geração de emprego (17,30) e o estado do Sergipe em termos de geração de receita (13,40). Todavia, devem ser ressaltadas, ainda, as seguintes constatações:

a) Quanto à variável emprego

Além do Ceará, são bastante significativos os indicadores pertinentes aos estados de Sergipe (11,53) e Pernambuco (4,81). O indicador mensurado para o Nordeste foi de 3,37.

b) Quanto à variável receita

Além de Sergipe, vale ressaltar os estados de Alagoas (4,64), Ceará (4,18), Paraíba (3,85), Maranhão (3,82) e Rio Grande do Norte (3,46). A relação para esse indicador revelada para o Nordeste foi de 2,86.

É oportuno lembrar que as mesmas constatações são pertinentes quando se observam as taxas de variações ou de acréscimos quanto às variáveis consideradas no âmbito dos respectivos estados.

Tabela 50 – Indicadores de emprego e renda por Unidade da Federação

Estado	Situação		Resultados		Relação
	Antes do financia- mento	Situação em 2008	Absoluto	Var (%)	
	A	B	C=A-B	D=B/A	
Nordeste					
Empregos	1.153	3.891	2.738	237,5	3,37
Receita (R\$ milhões)	36,34	104,08	67,74	186,4	2,86
Alagoas					
Empregos	253	404	151	59,7	1,60
Receita (R\$ milhões)	4,08	18,94	14,86	364,2	4,64
Bahia					
Empregos	379	563	184	48,5	1,49
Receita (R\$ milhões)	15,83	23,95	8,12	51,3	1,51
Ceará					
Empregos	102	1.765	1.663	1.630,4	17,30
Receita (R\$ milhões)	6,06	25,31	19,25	317,7	4,18
Maranhão					
Empregos	63	153	90	142,9	2,43
Receita (R\$ milhões)	0,97	3,71	2,74	282,5	3,82
Paraíba					
Empregos	40	85	45	112,5	2,13
Receita (R\$ milhões)	0,65	2,50	1,85	284,6	3,85
Pernambuco					
Empregos	43	207	164	381,4	4,81
Receita (R\$ milhões)	2,70	5,42	2,72	100,7	2,01
Piauí					
Empregos	159	302	143	89,9	1,90
Receita (R\$ milhões)	2,95	7,56	4,61	156,3	2,56
Rio Grande Norte					
Empregos	95	193	98	103,2	2,03
Receita (R\$ milhões)	2,50	8,65	6,15	246,0	3,46
Sergipe					
Empregos	19	219	200	1.052,6	11,53
Receita (R\$ milhões)	0,60	8,04	7,44	1.240,0	13,40
Sudeste					
Empregos	43	95	52	120,9	2,21
Receita (R\$ milhões)	1,12	2,94	1,82	162,5	2,63
Minas Gerais					
Empregos	43	95	52	120,9	2,21
Receita (R\$ milhões)	1.12	2,94	1.82	162,5	2,63

Fonte: BNB. Pesquisa direta, ago./2009.

Nota: O Estado do Espírito Santo por possuir apenas um estabelecimento financiado pelo Programa no período de abrangência da pesquisa deixou de ser incluído (sigilo de informação).

Finalmente, a Tabela 51 e o Gráfico 39 revelam a importância dos insumos utilizados na estrutura produtiva dos empreendimentos financiados pelo Programa. Vale destacar a expressividade e a importância dos insumos de uso característico dos segmentos dominantes no universo e na pesquisa (alojamento e alimentação), tais como, alimentos e bebidas, cama, mesa e banho.

Tabela 51 – Principais insumos utilizados pelos empreendimentos

Insumos	Total	
	Absl	(%)
Alimentos e bebidas	82	44,5
Material limpeza	29	15,8
Cama-mesa-banho	16	8,7
Energia elétrica	12	6,5
Comunicações	7	3,8
Combustível	7	3,8
Pneus-Peças	6	3,3
Lavanderia	5	2,7
Manutenção	5	2,7
Eletro-eletrônico	4	2,2
Outros	11	6,0
Total	184	100,0

Fonte: BNB. Pesquisa direta, ago./2009.

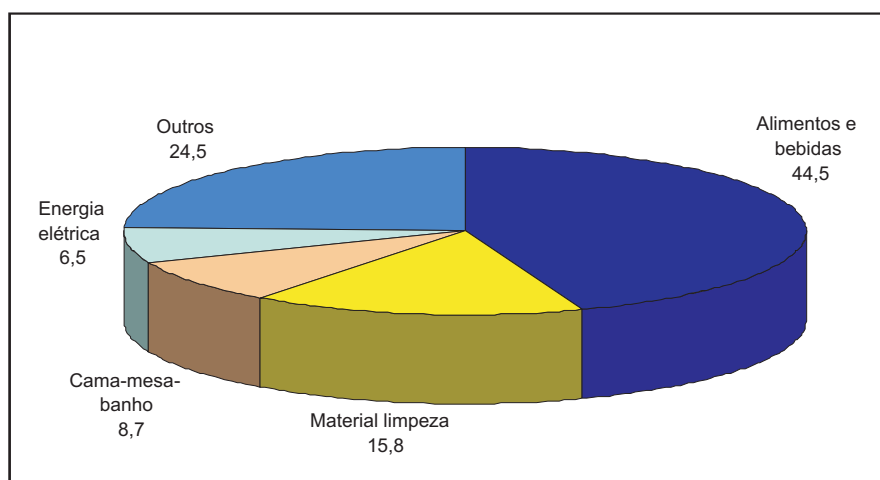


Gráfico 39 – Principais insumos utilizados (%)

4.1.3 – Aspectos gerenciais

Os aspectos gerenciais abordados na pesquisa estão contidos nas Tabelas 52 a 55, envolvendo os seguintes aspectos: associativismo, certificação dos produtos e serviços prestados, responsabilidade social e outros aspectos relacionados com a gestão ambiental e a modernização dos processos de produção e de mercado.

a) Associativismo

Os empreendimentos que declaram não pertencer a nenhum tipo de associação, a entidade de classe ou órgão oficial do setor de turismo representam 43,6% do total pesquisado, basicamente composto pelos empreendimentos de micro e pequeno porte, em torno de 92,7%. Entre as entidades preferidas na questão associativismo destaca-se a ABIH com 12,8%. Note-se que apenas 3,2% dos entrevistados estavam associados à EMBRATUR/Ministério do Turismo (Tabela 52).

Tabela 52 – Associativismo dos empreendimentos

Segmentos	Grande		Médio		Pequeno		Micro		Total		
	Absl	(%)	Absl	(%)	Absl	(%)	Absl	(%)	(%)	Absl	(%)
Não Participa	–	–	3	7,3	16	39,0	22	53,7	100,0	41	43,6
ABIH	1	8,3	4	33,3	5	41,7	2	16,7	100,0	12	12,8
CDL	1	20,0	–	–	3	60,0	1	20,0	100,0	5	5,3
EMBRATUR	–	–	2	66,7	1	33,3	–	–	100,0	3	3,2
ABAV	–	–	–	–	2	66,7	1	33,3	100,0	3	3,2
ABRASEL	–	–	1	50,0	–	–	1	50,0	100,0	2	2,1
Outros	3	10,7	4	14,3	12	42,9	9	32,1	100,0	28	29,8
Total Geral	5	5,3	14	14,9	39	41,5	36	38,3	100,0	94	100,0

Fonte: BNB. Pesquisa direta, ago./2009.

Nota: Outros (APL – Turismo, ASHONÓVI, Montreal, ACIAC, Grupo OASIS, Marvel Hotéis, AMHT, Associação Grupo de Desenvolvimento do Turismo de Icapuí, Fórum de Turismo, SINDHESUL, ABRASEL, PIEMTUR, AETRE, Associação dos Empreendimentos de Turismo Diamantina, SINDPAT, AMIPI e ACINPI).

b) Certificação

Mais de 55% dos empreendimentos não detêm nenhum tipo de certificação. Apenas 3,3% possuíam a certificação ISO 9001. Entre as entidades certificadoras preferidas pelos empreendimentos destaca o SEBRAE com 11,1%. Analisando por porte dos empreendimentos, observa-se que 33,3% dos empreendimentos de grande porte e 66,7% das empresas de médio porte possuem a certificação ISO 9001 (Tabela 53).

Tabela 53 – Certificação dos empreendimentos

Segmentos	Grande		Médio		Pequeno		Micro		Total		
	Absl	(%)	Absl	(%)	Absl	(%)	Absl	(%)	(%)	Absl	(%)
Não Possui	1	2,0	7	14,0	23	46,0	19	38,0	100,0	50	55,6
SEBRAE	1	10,0	–	–	5	50,0	4	40,0	100,0	10	11,1
ISO 9001	1	33,3	2	66,7	–	–	–	–	100,0	3	3,3
EMBRATUR	–	–	–	–	1	50,0	1	50,0	100,0	2	2,2
Outros	2	8,0	4	16,0	9	36,0	10	40,0	100,0	25	27,8
Total Geral	5	5,6	13	14,4	38	42,2	34	37,8	100,0	90	100,0

Fonte: BNB. Pesquisa direta, ago./2009.

c) Responsabilidade social

Observa-se que 25% dos empreendimentos desenvolve algum tipo de ação de cunho social. No entanto, é importante destacar que 58,9% não possuem ação ou programa de responsabilidade social (Tabela 54).

Tabela 54 – A responsabilidade social dos empreendimentos

Segmentos	Grande		Médio		Pequeno		Micro		Total		
	Absl	(%)	Absl	(%)	Absl	(%)	Absl	(%)	(%)	Absl	(%)
Não Informou	2	14,3	3	21,4	3	21,4	6	42,9	100,0	14	15,6
Não Possui	1	1,9	5	9,4	24	45,3	23	43,4	100,0	53	58,9
Possui	–	–	7	30,4	11	47,8	5	21,7	100,0	23	25,6
Total Geral	3	3,3	15	16,7	38	42,2	34	37,8	100,0	90	100,0

Fonte: BNB. Pesquisa direta, ago./2009.

d) Outros aspectos gerenciais

A Tabela 55 mostra as ações desenvolvidas pelos empreendimentos na gestão ambiental e tecnológica (modernização).

Tabela 55 – Outros aspectos gerenciais dos empreendimentos

Aspectos	Antes do financiamento		Situação em 2008	
	Sim	Não	Sim	Não
Gestão ambiental	22,5	77,5	36,1	63,9
Realiza ação de programa de gestão ambiental	26,3	73,7	46,5	53,5
Realiza coleta seletiva de lixo	39,3	60,7	58,0	42,0
Possui certificado ISO 14000?	3,6	96,4	5,8	94,2
Possui licenças ambientais?	47,5	52,5	67,5	32,5
Possui tratamento dos fluentes líquidos?	21,4	78,6	35,8	64,2
Possui tratamento dos resíduos sólidos?	12,3	87,7	28,9	71,1
Realiza controles de emissões atmosféricas	7,3	92,7	10,1	89,9
Aspectos Tecnológicos (modernização)	50,3	49,7	74,1	25,9
Negócios pela Internet (compra/venda)	46,9	53,1	79,8	20,2
Sistema Informatizado Gestão	49,2	50,8	78,9	21,1
Utiliza sistema de controle de qualidade	41,7	58,3	64,4	35,6
Participa de feiras e exposições	54,8	45,2	67,4	32,6
Oferece programa de capacitação para funcionários	58,7	41,3	80,2	19,8

Fonte: BNB. Pesquisa direta, ago./2009.

Vale ressaltar uma significativa melhoria em todos os aspectos quando se efetua uma comparação entre os cenários antes e depois dos financiamentos do PROA-TUR. Entre tais aspectos merecem destaques as seguintes ações ou procedimentos: capacitação de funcionários, realização de negócios pela *internet*, informatização de sistema de gestão, licenças ambientais, participação em feiras e exposições, sistema de controle de qualidade, coleta de lixo.

4.1.4 – Aspectos mercadológicos

Os aspectos mercadológicos (Tabela 56) tratam da abrangência geopolítica dos mercados dos produtos e dos insumos e sobre os mecanismos de *marketing* adotados pelos empreendimentos pesquisados.

Tabela 56 – Mercado de atuação dos empreendimentos

Mercados	Grande		Médio		Pequeno		Micro		Total		
	Absl	(%)	Absl	(%)	Absl	(%)	Absl	(%)	(%)	Absl	(%)
Não informou	1	8,3	3	25	4	33,3	4	33,3	100	12	13,3
Local	–	–	3	8,8	16	47,1	15	44,1	100	34	37,8
Estadual	–	–	2	11,8	7	41,2	8	47,1	100	17	18,9
Nacional	4	16	5	20	10	40	6	24	100	25	27,8
Internacional	–	–	1	50	–	–	1	50	100	2	2,22
Total Geral	5	5,6	14	15,6	37	41,1	34	37,8	100	90	100

Fonte: BNB. Pesquisa direta, ago./2009.

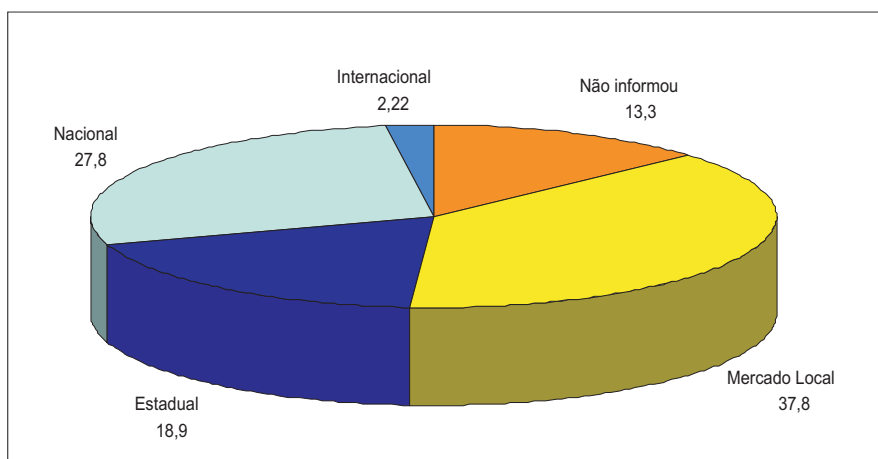


Gráfico 40 – Mercado de atuação dos empreendimentos (%)

Como se observa nas Tabelas 56 e 57 e nos Gráficos 40 e 41 a maioria dos tomadores de financiamento do PROATUR está voltada para o mercado interno, tanto na questão de aquisição de insumos como na venda de produtos, sendo inexpressiva a participação do mercado internacional nesse contexto.

Tabela 57 – Principal mercado fornecedor de insumos aos empreendimentos

Mercados	Grande		Médio		Pequeno		Micro		Total		
	Absl	(%)	Absl	(%)	Absl	(%)	Absl	(%)	(%)	Absl	(%)
Não informou	1	5,3	2	10,5	8	42,1	8	42,1	100	19	21,1
Local	3	5,6	9	16,7	19	35,2	23	42,6	100	54	60,0
Estadual	1	12,5	1	12,5	3	37,5	3	37,5	100	8	8,9
Nacional	–	–	2	22,2	7	77,8	–	–	100	9	10,0
Total Geral	5	5,6	14	15,6	37	41,1	34	37,8	100	90	100,0

Fonte: BNB. Pesquisa direta, ago./2009.

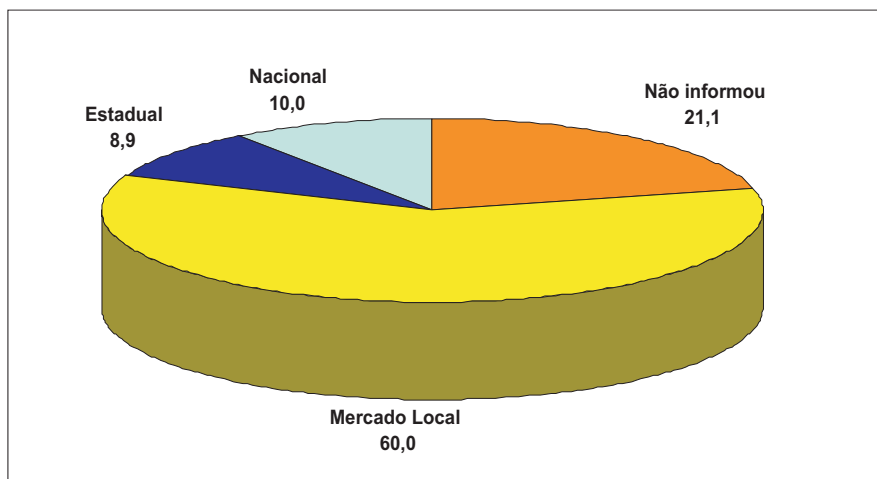


Gráfico 41 – Principais mercados fornecedores de insumos (%)

No tocante aos instrumentos e mecanismos de divulgação e de relacionamento nos mercados e com os clientes, destaca-se uma variedade de opções, tais como: a distribuição de folhetos promocionais e os meios de comunicação de massa (jornal, revista, televisão e rádio). A *internet* participa com 12% (Tabela 58).

Tabela 58 – Mecanismos de divulgação e de relacionamento dos empreendimentos no mercado

Tipos	Grande		Médio		Pequeno		Micro		Total	
	Absl	(%)	Absl	(%)	Absl	(%)	Absl	(%)	(%)	Absl (%)
Folhetos promocionais	2	5,3	9	23,7	16	42,1	11	28,9	100,0	38 16,8
Jornal	3	10,0	6	20,0	13	43,3	8	26,7	100,0	30 13,3
Revistas	3	10,0	7	23,3	15	50,0	5	16,7	100,0	30 13,3
Outdoor	3	10,3	6	20,7	11	37,9	9	31,0	100,0	29 12,8
Internet	1	3,6	5	17,9	10	35,7	12	42,9	100,0	28 12,4
Televisão	2	10,0	5	25,0	11	55,0	2	10,0	100,0	20 8,8
Rádio	3	20,0	1	6,7	5	33,3	6	40,0	100,0	15 6,6
Direta	-	-	-	-	5	50,0	5	50,0	100,0	10 4,4
Operadora/Agências	-	-	2	40,0	2	40,0	1	20,0	100,0	5 2,2
Outros	2	9,5	5	23,8	7	33,3	7	33,3	100,0	21 9,3
Total Geral	19	8,4	46	20,4	95	42,0	66	29,2	100,0	226 100,0

Fonte: BNB. Pesquisa direta, ago./2009.

4.1.5 – Outros aspectos

Neste item, são analisadas as questões pertinentes à percepção revelada pelos clientes tomadores de financiamento no tocante à relevância do FNE/PROATUR para seus empreendimentos. Esses aspectos são de extrema importância para o BNB, uma vez que possibilitam uma visão crítica de aprendizagem e de aperfeiçoamento no processo de gestão do Programa.

Como se observa na Tabela 59, a maioria dos empreendimentos pesquisados considera que o FNE/PROATUR é importante para o desenvolvimento dos negócios: fundamental para o crescimento dos negócios, com 25,0%; seguido de 19,4% dos entrevistados que consideraram o Programa importante para ampliação dos negócios; 16,7% concordaram que é importante para a implantação de novos empreendimentos; e 7,4% para a estruturação dos empreendimentos.

Tabela 59 – A importância do FNE/PROATUR para os empreendimentos

Fatores	Implantação		Expansão		Modernização			Total	
	Absl	(%)	Absl	(%)	Absl	(%)	(%)	Absl	(%)
Fundamental para crescimento	15	55,6	10	37,0	2	7,4	100,0	27	25,0
Ampliação do empreendimento	1	4,8	16	76,2	4	19,0	100,0	21	19,4
Implantação de projetos	14	77,8	4	22,2	-	-	100,0	18	16,7
Estruturação do empreendimento	3	37,5	5	62,5	-	-	100,0	8	7,4
Compra de equipamentos	5	33,3	8	53,3	2	13,3	100,0	15	13,9
Importante para a região	3	42,9	3	42,9	1	14,3	100,0	7	6,5
Melhora a competitividade	1	20,0	4	80,0	-	-	100,0	5	4,6
Outros	1	14,3	4	57,1	2	28,6	100,0	7	6,5
Total Geral	43	39,8	54	50,0	11	10,2	100,0	108	100,0

Fonte: BNB. Pesquisa direta, ago./2009.

Quanto aos instrumentos de disseminação e de influência na divulgação do Programa, o meio de comunicação direta entre as pessoas, como por exemplo indicações de amigos, a publicidade e a propaganda aparecem como principais indutores de disseminação do Programa com 44,4%, seguidos pelo SEBRAE e as empresas de consultorias, ambos com 2,2%. Note-se que, para os micros e pequenos empreendimentos, os comentários de amigos, com 47,5% e 42,5%, respectivamente, têm sido o principal fator de promoção do Programa no mercado (Tabela 60).

Tabela 60 – Instrumentos de propagação do FNE/PROATUR no mercado de financiamento

Meios	Grande		Médio		Pequeno		Micro			Total	
	Absl	(%)	Absl	(%)	Absl	(%)	Absl	(%)	(%)	Absl	(%)
Amigos	-	-	4	10,0	19	47,5	17	42,5	100,0	40	44,4
Publicidade	3	7,5	7	17,5	15	37,5	15	37,5	100,0	40	44,4
SEBRAE	-	-	-	-	-	-	2	100,0	100,0	2	2,2
Consultoria	-	-	1	50,0	1	50,0	-	-	100,0	2	2,2
Não Informou	1	16,7	3	50,0	2	33,3	-	-	100,0	6	6,7
Total Geral	4	4,4	15	16,7	37	41,1	34	37,8	100,0	90	100,0

Fonte: BNB. Pesquisa direta, ago./2009.

Nota: Outros (falta estrutura ou mudou de atividade).

Vale destacar que, entre os entrevistados (Tabela 61), 24,4% desconheciam outra fonte alternativa de créditos no mercado, na época do financiamento, enquanto que 75,6% tinham conhecimento de fontes alternativas e, mesmo assim, optaram pelo FNE/PROATUR.

Tabela 61 – A opção pelo FNE/PROATUR e o conhecimento do cliente da existência de fontes alternativas de crédito no mercado na época do financiamento

Opções	Implantação		Expansão		Modernização			Total	
	Absl	(%)	Absl	(%)	Absl	(%)	(%)	Absl	(%)
Sim	32	47,1	30	44,1	6	8,8	100,0	68	75,6
Não	7	31,8	12	54,5	3	13,6	100,0	22	24,4
Total Geral	39	43,3	42	46,7	9	10,0	100,0	90	100,0

Fonte: BNB. Pesquisa direta, ago./2009.

A Tabela 62 e o Gráfico 42 revelam que, de acordo com os entrevistados que optaram pelo PROATUR e que sabiam da existência de outras fontes alternativas de créditos no mercado na época do financiamento, a principal razão para a preferência pelo Programa foram os juros competitivos com 39,1%.

Tabela 62 – Razões da preferência pelo FNE/PROATUR

Segmentos	Implantação		Expansão		Modernização		Total		
	Absl	(%)	Absl	(%)	Absl	(%)	(%)	Absl	(%)
Juros competitivos	13	36,1	20	55,6	3	8,3	100,0	36	39,1
Relação com BNB	7	50,0	5	35,7	2	14,3	100,0	14	15,2
Fácil acesso	11	78,6	3	21,4	-	-	100,0	14	15,2
Boas condições	5	50,0	5	50,0	-	-	100,0	10	10,9
Prazo de carência	3	42,9	3	42,9	1	14,3	100,0	7	7,6
Capacidade liquidez	2	33,3	4	66,7	-	-	100,0	6	6,5
Prazo de pagamentos	2	40,0	3	60,0	-	-	100,0	5	5,4
Total Geral	43	46,7	43	46,7	6	6,5	100,0	92	100,0

Fonte: BNB. Pesquisa direta, ago./2009.

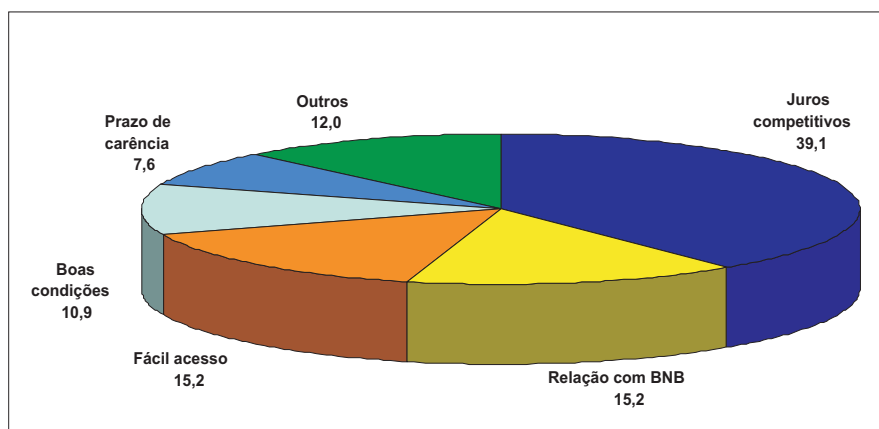


Gráfico 42 – Distribuição das Razões da preferência pelo FNE/PROATUR (%)

Entre os demais fatores surgem os seguintes: os que tinham alguma relação com o BNB ou que consideraram o Programa como de fácil acesso, ambos com 15,2% cada; e, em seguida, aparecem os que consideram o produto ofertado pelo Programa como de boas condições, inclusive com relação aos prazos de carência e de pagamento.

É interessante também observar que 66,7% dos empreendimentos pesquisados se manifestaram como satisfeitos em razão das condições do financiamento FNE/PROATUR. Note-se, que o Programa foi mais satisfatório entre os clientes que obtiveram financiamento para expansão de seus negócios com 55,0% de satisfação por parte dos clientes (Tabela 63).

Tabela 63 – Satisfação dos clientes com as condições de financiamento do FNE/PROATUR

Respostas	Implantação		Expansão		Modernização			Total	
	Absl	(%)	Absl	(%)	Absl	(%)	(%)	Absl	(%)
Não Informou	2	25,0	4	50,0	2	25,0	100,0	8	8,9
Sim	22	36,7	33	55,0	5	8,3	100,0	60	66,7
Não	13	59,1	6	27,3	3	13,6	100,0	22	24,4
Total Geral	37	41,1	43	47,8	10	11,1	100,0	90	100,0

Fonte: BNB. Pesquisa direta, ago./2009.

No tocante aos fatores positivos das condições de financiamento revelados pelos entrevistados, aparecem: a) os juros reais adequados, as condições de pagamento e a carência de pagamento adequada, todas com 16,5% respectivamente; e b) o atendimento às necessidades com 15,2% (Tabela 64 e Gráfico 43).

Tabela 64 – Fatores positivos nas condições de financiamento do FNE/PROATUR

Segmentos	Implantação		Expansão		Modernização			Total	
	Absl	(%)	Absl	(%)	Absl	(%)	(%)	Absl	(%)
Juros reais adequados	2	15,4	11	84,6	-	-	100,0	13	16,5
Condições de pagamento adequadas	4	30,8	9	69,2	-	-	100,0	13	16,5
Atendimento às necessidades	6	50,0	5	41,7	1	8,3	100,0	12	15,2
Carência de pagamento adequada	7	53,8	6	46,2	-	-	100,0	13	16,5
Prazo maturação adequada	3	42,9	3	42,9	1	14,3	100,0	7	8,9
Condições de garantias adequadas	-	-	2	66,7	1	33,3	100,0	3	3,8
Pouca burocracia	-	-	2	100,0	-	-	100,0	2	2,5
Outros	9	56,3	7	43,8	-	-	100,0	16	20,3
Total Geral	31	39,2	45	57,0	3	3,8	100,0	79	100,0

Fonte: BNB. Pesquisa direta, ago./2009.

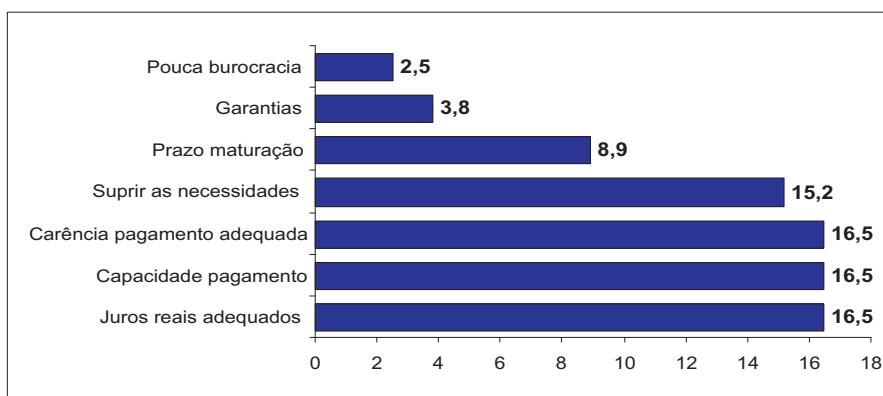


Gráfico 43 – Distribuição dos fatores positivos nas condições de financiamento do FNE/PROATUR (%)

Já entre os fatores negativos e as principais dificuldades enfrentadas na época do financiamento pelos tomadores de financiamentos, são destacados, na Tabela 65, os seguintes: a) a falta de orientação adequada (25,5%); b) mercado local deficiente (17,3%); c) dificuldade para pagar o financiamento (12,2%); e a lentidão na tramitação e outros fatores de ordem burocrática (34,7%).

Tabela 65 – Fatores negativos: as principais dificuldades enfrentadas segundo os clientes

Dificuldades	Implantação		Expansão		Modernização			Total	
	Absl	(%)	Absl	(%)	Absl	(%)	(%)	Absl	(%)
Falta de orientação adequada	12	48,0	13	52,0	-	-	100,0	25	25,5
Mercado local deficiente	9	52,9	5	29,4	3	17,6	100,0	17	17,3
Dificuldade para pagar	5	41,7	7	58,3	-	-	100,0	12	12,2
Lentidão na análise	5	45,5	5	45,5	1	9,1	100,0	11	11,2
Excesso de burocracia	4	40,0	6	60,0	-	-	100,0	10	10,2
Exigências repetitivas	1	11,1	6	66,7	2	22,2	100,0	9	9,2
A elaboração do projeto	3	75,0	1	25,0	-	-	100,0	4	4,1
Outros	4	40,0	5	50,0	1	10,0	100,0	10	10,2
Total Geral	43	43,9	48	49,0	7	7,1	100,0	98	100,0

Fonte: BNB. Pesquisa direta, ago./2009.

Finalmente, entre os fatores sugeridos pelos entrevistados para a melhoria do desempenho do FNE/PROATUR ressaltam-se: a) a diminuição da burocracia (21,2%); b) maior agilidade nos procedimentos (19,2%); e c) adoção de uma política preferen-

cial de incentivos mais efetiva para os micros e pequenos empresários (11,1%), entre outros (Tabela 66).

Tabela 66 – Mudanças sugeridas pelos clientes para a melhoria do Programa FNE/PROATUR

Segmentos	Implantação		Expansão		Modernização			Total	
	Absl	(%)	Absl	(%)	Absl	(%)	(%)	Absl	(%)
Menos burocracia	10	47,6	11	52,4	-	-	100,0	21	21,2
Mais agilidade nos procedimentos	7	36,8	11	57,9	1	5,3	100,0	19	19,2
Mais incentivo (pequeno empresário)	6	54,5	5	45,5	-	-	100,0	11	11,1
Maior prazo de carência	5	55,6	4	44,4	-	-	100,0	9	9,1
Juros menores	4	44,4	5	55,6	-	-	100,0	9	9,1
Maior fiscalização técnica	5	71,4	1	14,3	1	14,3	100,0	7	7,1
Menos garantias	3	50,0	3	50,0	-	-	100,0	6	6,1
Maior prazo reembolso	2	40,0	2	40,0	1	20,0	100,0	5	5,1
Acompanhamento gerencial	3	75,0	1	25,0	-	-	100,0	4	4,0
Outros	3	37,5	3	37,5	2	25,0	100,0	8	8,1
Total Geral	48	48,5	46	46,5	5	5,1	100,0	99	100,0

Fonte: BNB. Pesquisa direta, ago./2009.

4.2 – Avaliação

Os indicadores utilizados na avaliação do Programa foram derivados da matriz contida no Anexo 2 e explicitados no Anexo 3. A mensuração desses indicadores foi pautada nos resultados da pesquisa, realizada entre março e agosto de 2009, junto aos empreendimentos financiados pelo Programa no período 1998/2008 e complementadas com informações disponíveis no BNB e em outros órgãos oficiais de estatísticas.

4.2.1 – Análise dos resultados do Programa

A Tabela 67 apresenta os indicadores do PROATUR, expandidos e estimados considerando-se o total de 741 empreendimentos beneficiados com recursos financiados pelo Programa no período 1998/2008.

a) Alojamento: no segmento alojamento, foram financiados 400 empreendimentos, com capacidade média de 57 UHs e de 117 leitos por estabelecimento, que demandaram um total de recursos do Programa de R\$ 602,9 milhões. Segundo, ainda, dados estimados, observa-se que, no final de 2008, este segmento mantinha cerca de 23.615 empregos e gerou uma receita de R\$ 677,4 milhões, que corresponde a 70,8%

da receita gerada em 2008 pelos empreendimentos beneficiados pelo FNE/PROATUR no período 1998/2008.

Tabela 67 – Indicadores de Resultados do PROATUR

Indicadores	Valores
Alojamento	
. Empreendimentos beneficiados no período	400
. UHs por estabelecimento hoteleiro (2008)	57
. Leitos por estabelecimento hoteleiro (2008)	117
. Valor financiado no período (R\$ milhões de 2008)	602,9
. Nível de empregos no final de 2008	23.615
. Receita gerada em 2008 (R\$ milhões de 2008)	677,4
Alimentação	
. Empreendimentos beneficiados no período	76
. Valor financiado no período (R\$ milhões de 2008)	11,4
. Total de mesas em 2008	2.345
. Total de lugares em 2008	8.117
. Nível de empregos no final de 2008	5.025
. Receita gerada em 2008 (R\$ milhões de 2008)	277,2
Transportadora turística	
. Empreendimentos beneficiados no período	58
. Valor financiado (R\$ milhões de 2008)	9,0
. Total de veículos financiados	74
. Nível de empregos no final de 2008	685
. Receita gerada em 2008 (R\$ milhões de 2008)	63,8
Agência de viagem e turismo	
. Empreendimentos beneficiados no período	60
. Valor financiado no período (R\$ milhões de 2008)	11,3
. Receptivo em 2008 (pessoas)	5.160
. Emissão de bilhetes em 2008	3.870
. Nível de empregos no final de 2008	1.417
. Receita gerada em 2008 (R\$ milhões de 2008)	24,3
Outros	147
. Empreendimentos beneficiados no período	147
. Valor financiado no período 1998/08 (R\$ milhões de 2008)	43,5
. Nível de empregos no final de 2008	2.604
. Receita gerada em 2008 (R\$ milhões de 2008)	217,0
Total financiado no período 1998/08 (R\$ milhões de 2008)	678,0

Fonte: BNB. Pesquisa direta, ago./2009.

Nota: Os valores monetários estão a preços de 2008.

b) Alimentação: no segmento alimentação, foram beneficiados 76 empreendimentos com capacidade de produção (dimensionada no final de 2008) de 2.345 mesas, com um total de 8.117 lugares. O montante de financiamento pelo PROATUR, no período 1998/2008, foi de R\$ 11,4 milhões (a valores constantes de 2008). Com base nos resultados estimados, observa-se, ainda, que este segmento mantinha, no final de 2008, um nível de 5.025 empregos gerando uma receita de R\$ 277,2 milhões, que corresponde a 15,1% da receita gerada em 2008 pelos empreendimentos beneficiados pelo FNE/PROATUR, no período 1998/2008.

c) Transportadoras turísticas: estima-se que cerca de 74 veículos foram financiados pelo PROATUR, beneficiando 58 empreendimentos com o montante de R\$ 9,0 milhões. Segundo, ainda, se observa no Quadro 69, este segmento mantinha, no final de 2008, um nível de 685 empregos e a receita gerada no exercício foi de R\$ 63,8 milhões, que corresponde a 2,1% da receita total gerada em 2008 pelos empreendimentos beneficiados pelo FNE-PROATUR.

d) Agência de viagem e turismo: Nessa atividade turística, foi alocado nos 60 empreendimentos financiados o montante de R\$ 11,3 milhões (a valores constantes de 2008). Observa-se, ainda, que este segmento mantinha um nível de 1.417 empregos e a receita gerada no exercício de R\$ 24,3 milhões, que corresponde a 4,2% da receita total gerada em 2008 pelos empreendimentos beneficiados pelo FNE/PROATUR.

e) Outras atividades: As demais atividades turísticas, no total de 147 empreendimentos, absorveram um montante de R\$ 43,5 milhões (a valores constantes de 2008). Note-se, ainda, que este segmento detinha um nível de 2.604 empregos e a receita gerada no exercício foi de R\$ 217,0 milhões (a preços de 2008), que corresponde a 7,8% da receita total gerada em 2008 pelos empreendimentos beneficiados pelo FNE/PROATUR no período 1998/2008.

4.2.2 – Análise dos impactos do Programa

A Tabela 68 apresenta os impactos do PROATUR, cujos valores monetários estão a preços de 2008:

a) Produção: O setor de alojamento dos empreendimentos turísticos financiados no período de 1998 a 2008, possibilitou, em 2008, um fluxo de 920.800 hóspedes (400 empreendimentos financiados com fluxo médio de 2.302 hóspedes por estabelecimento) mediante a ampliação da oferta de 22.800 UHs com 46.800 leitos, considerando-se a média de 57 UHs e de 117 leitos por alojamento financiado (Tabelas 46 e 68).

b) Emprego: os recursos aplicados pelo Programa nos 741 empreendimentos permitiram a geração e a manutenção de 33.345 empregos diretos em 2008, correspondendo a 7,9% do nível de empregos formais, existente, na época, nas atividades características do turismo (ACT), no Nordeste (correspondentes às financiadas pelo Programa), estimado em 424.228 empregos (Veja Tabela 22). O valor unitário (expresso pela relação entre receita bruta dos estabelecimentos financiados e o total dos postos de trabalho) é estimado em R\$ 37.778.

c) Renda: a receita bruta dos empreendimentos beneficiados pelo Programa, no exercício de 2008, foi de R\$ 1.259,7 milhões e a renda gerada na economia regional pelo fluxo de hóspedes no setor de alojamento foi estimada em 1,9 bilhão, equivalente a 0,55% do PIB do Nordeste de 2007 (no valor de R\$ 347,8 bilhões, segundo o IBGE).

Tabela 68 – Indicadores de Impactos do PROATUR

Indicadores	Valores
Produção	
. Fluxo de hóspedes no setor de alojamento em 2008	920.800
. Total de UHs em 2008 (apartamentos)	22.800
. Total de leitos em 2008	46.800
Produtividade	
. Taxa média de ocupação em 2008 (%)	58,1
. Receita bruta em 2008 pelo valor total financiado no período (R\$)	1,4
Empregos	
. Nível de empregos nos 741 estabelecimentos no final de 2008	33.345
. (%) do nível de emprego no total de empregos nas ACT no NE em 2008	7,9
. Valor do emprego: receita bruta por emprego (a preços de 2008)	37.778
Renda (R\$ milhões de 2008)	
. Receita bruta dos empreendimentos em 2008	1.259,7
. Renda gerada na economia pelo fluxo de hóspedes em 2008	1.933,4
. (%) da Renda gerada pelo público de hóspedes no PIB do NE de 2007	0,55
Preservação ambiental	
. (%) de empresas com programa de preservação ambiental	46,5
. (%) de empresas com certificação ISO 14000	5,8
Modernização	
. (%) empresas com programa de capacitação	80,2
. (%) empresas com sistema informatizado de gestão	78,9
. (%) de empresas com sistema de controle de qualidade	64,4

Fonte: CTI-NE, BNB. Pesquisa direta, ago./2009

Nota: Na estimativa da renda gerada na economia admitiu-se um gasto per capita de R\$ 1.200,00 (a preços de 2008) e um multiplicador para a renda de 1,75.

d) Produtividade: a produtividade média expressa pela taxa média anual de ocupação na rede hoteleira beneficiada foi de 58,1% em 2008. Já a produtividade expressa pela relação entre receita bruta dos empreendimentos, em 2008, e o valor total dos financiamentos pelo Programa no período 1998/2008 (a preços de 2008) foi de 1,86 (significa, em outras palavras, que cada unidade monetária aplicada pelo programa contribui para a geração anual de 1,4 unidades monetárias de receita bruta nos empreendimentos).

e) Preservação ambiental: de acordo com os resultados da pesquisa, cerca de 46,5% dos empreendimentos declararam adotar programas de preservação ambiental. Apenas 5,8% declararam possuir certificação da ISO 14.000.

f) Modernização: no tocante à modernização das estruturas e dos processos produtivos, constata-se que 80,2% dos empreendimentos declararam possuir programas de capacitação de empregados, 78,9% tinham informatização do sistema de gestão e 64,4 declararam possuir sistemas de controle de qualidade.

4.3 – A Distribuição dos Impactos

A seguir serão analisadas as repercussões dos impactos do PROATUR, em termos de emprego e renda, no tocante aos aspectos definidos na metodologia adotada pelo FNE (Unidade da Federação, atividade, porte do beneficiário e região).

a) Distribuição por unidade da federação

Tabela 69 – Distribuição dos impactos do PROATUR (emprego e renda) por Unidade da federação

Estados	Universo (1998/2008)		Relações por estabelecimento em 2008 (1)		Variáveis auxiliares (2)				Expansão (3)	
					Empregos		Receitas			
	Qtd.	(%)	Emprego	Receita	Qtd.	(%)	R\$ milhões	(%)	Empregos (2008)	Receita em 2008 (R\$ milhões)
	A	B	C	D	D=C*A	E	F=F*A	G	H	I
Nordeste	706	95,3	32	1,15	23.565	97,6	776,44	97,8	32.533	1.232,4
Alagoas	33	4,5	46	2,77	1.503	6,2	91,48	11,5	2.076	145,2
Bahia	173	23,3	24	1,10	4.077	16,9	189,81	23,9	5.628	301,3
Ceará	113	15,2	86	1,54	9.764	40,4	174,40	22,0	13.479	276,8
Maranhão	62	8,4	20	0,91	1.266	5,2	56,23	7,1	1.748	89,3
Paraíba	75	10,1	22	0,91	1.650	6,8	68,57	8,6	2.277	108,8
Pernambuco	38	5,1	32	0,79	1.224	5,1	30,02	3,8	1.690	47,6
Piauí	44	5,9	24	0,69	1.037	4,3	30,25	3,8	1.431	48,0
Rio G. Norte	110	14,8	16	0,79	1.814	7,5	86,89	10,9	2.505	137,9
Sergipe	58	7,8	21	0,84	1.230	5,1	48,79	6,1	1.698	77,4
Sudeste	35	4,7	20	0,61	588	2,4	17,21	2,2	812	27,3
Espírito Santo	6	0,8	26	0,78	156	0,6	4,70	0,6	215	7,5
Minas Gerais	29	3,9	15	0,43	433	1,8	12,51	1,6	598	19,9
Total Geral	741	100,0	33	1,07	24.153	100,0	793,65	100,0	33.345	1.259,7

Fonte: BNB. Pesquisa direta, ago./2009

Notas: a) valores a preços de 2008; b) para o estado do Espírito Santo foram utilizadas as relações técnicas médias gerais (emprego e renda). (1) valores definidos com base nos resultados da pesquisa; (2) Valores obtidos com base nas relações setoriais visando definir a distribuição percentual para rateio dos totais expandidos para as variáveis de emprego e de receita, a partir das respectivas relações para o conjunto dos segmentos; e (3) A expansão dos resultados foi obtida pelo produto da relação média e com o total de empreendimentos e o rateio respectivo com base na distribuição relativa definida no item anterior (2).

A Tabela 69 contém a distribuição dos impactos dos benefícios do Programa, gerados em 2008, no âmbito das Unidades da Federação. Como se pode observar, os estados mais impactados, no que tange à variável emprego, foram: Ceará (13.479),

Bahia (5.628), Rio Grande do Norte (2.505) e Alagoas (2.076). Já no que se refere à receita gerada pelos empreendimentos financiados tem-se: Bahia (R\$ 301,3 milhões), Ceará (R\$ 276,8 milhões), Alagoas (R\$ 145,2 milhões) e Rio Grande do Norte (R\$ 137,9 milhões).

b) Distribuição por atividade

Tabela 70 – Distribuição dos impactos do PROATUR (emprego e renda) por atividade

Segmento	Universe (1998/2008)		Relações por estabelecimento em 2008 (1)		Variáveis auxiliares (2)				Expansão (3)	
	Qtd.	(%)	Emprego	Receita (%)	Empregos		Receitas		Qtd.	Receita
					Qtd.	(%)	Emprego	Receita (%)		
	A	B	C	D	D=C*A	E	F=F*A	G	H	I
Alojamento	400	54,0	43	1,07	17.105	70,8	426,76	53,8	23.615	677,4
Alimentação	76	10,3	48	2,30	3.640	15,1	174,64	22,0	5.025	277,2
Transportes	58	7,8	9	0,69	496	2,1	40,20	5,1	685	63,8
Agências	60	8,1	17	0,26	1.026	4,2	15,32	1,9	1.417	24,3
Outros	147	19,8	13	0,93	1.886	7,8	136,73	17,2	2.604	217,0
Total Geral	741	100,0	33	1,07	24.153	100,0	793,65	100,0	33.345	1.259,7

Fonte: BNB. Pesquisa direta, ago./2009

Obs: Para o estado do Espírito Santo foram utilizadas as relações técnicas médias gerais (emprego e renda).

Notas: (1) valores definidos com base nos resultados da pesquisa; (2) Valores obtidos com base nas relações setoriais visando definir a distribuição percentual para rateio dos totais expandidos para as variáveis de emprego e de receita, a partir das respectivas relações para o conjunto dos segmentos; e (3) A expansão dos resultados foi obtida pelo produto da relação média e com o total de empreendimentos e o rateio respectivo com base na distribuição relativa definida no item anterior (2).

A Tabela 70 mostra a distribuição dos impactos, gerados em 2008, segundo as atividades dos empreendimentos financiados pelo Programa. Os destaques são os segmentos de alojamento e de alimentação, tanto no nível de emprego quanto na geração de receita em 2008. O setor de alojamento foi responsável por 70,8% do nível de emprego e por 53,8% da receita total gerada em 2008.

c) Distribuição por porte dos beneficiários

No tocante à distribuição dos impactos gerados em 2008 segundo o porte dos beneficiários do Programa, constata-se uma certa equidade entre os empreendimentos de pequeno, médio e grande porte, tanto no tocante ao nível de emprego quanto na geração da receita, conforme se verifica no Tabela 71.

Tabela 71 – Distribuição dos impactos do PROATUR (emprego e renda) por porte dos beneficiários

Porte	Universe (1998/2008)		Relationships by establishment in 2008 (1)		Auxiliary variables (2)				Expansion (3)	
					Employment		Revenues			
	Qty.	(%)	Employment	Revenue	Qty.	(%)	R\$ millions	(%)	Emple- gos (2008)	Revenue in 2008 (R\$ mi- llions)
	A	B	C	D	D=C*A	E	F=F*A	G	H	I
Grande	23	3,1	292	9,59	6.713	27,8	220,60	27,8	9.268	350,1
Médio	117	15,8	58	1,92	6.830	28,3	224,43	28,3	9.429	356,2
Pequeno	298	40,2	22	0,73	6.590	27,3	216,53	27,3	9.097	343,7
Micro	303	40,9	13	0,44	4.020	16,6	132,10	16,6	5.550	209,7
Total Geral	741	100,0	33	1,07	24.153	100,0	793,65	100,0	33.345	1.259,7

Fonte: BNB. Pesquisa direta, ago./2009.

Notas: Para o estado do Espírito Santo, foram utilizadas as relações técnicas médias gerais (emprego e renda). Notas: (1) valores definidos com base nos resultados da pesquisa; (2) valores obtidos com base nas relações setoriais visando definir a distribuição percentual para rateio dos totais expandidos para as variáveis de emprego e de receita, a partir das respectivas relações para o conjunto dos segmentos; e (3) a expansão dos resultados foi obtida pelo produto da relação média e com o total de empreendimentos e o rateio respectivo com base na distribuição relativa definida no item anterior (2).

d) Distribuição por região

Finalmente, quanto à distribuição dos impactos gerados em 2008, por região, observa-se que para a região do semiárido os impactos foram mais positivos do que para a região fora do semiárido, com um nível de 17.051 empregos e de geração de receita da ordem de R\$ 724,5 milhões, o que corresponde a 51,1% e 48,9%, respectivamente (Tabela 72).

Tabela 72 – Distribuição dos impactos do PROATUR por região

Área	Universo (1998/2008)		Relações por estabelecimento em 2008 (1)		Variáveis auxiliares (2)				Expansão (3)	
					Empregos		Receitas			
	Qtd.	(%)	Emprego	Receita	Qtd.	(%)	R\$ milhões	(%)	Empregos (2008)	Receita em 2008 (R\$ milhões)
	A	B	C	D	D=C*A	E	F=F*A	G	H	I
Fora Semiárido	562	75,8	21	0,60	11.802	48,9	337,20	42,5	16.294	535,2
Semiárido	179	24,2	69	2,55	12.351	51,1	456,45	57,5	17.051	724,5
Total Geral	741	100,0	33	1,07	24.153	100,0	793,65	100,0	33.345	1.259,7

Fonte: BNB. Pesquisa direta, ago./2009.

Obs: Para o Estado do Espírito Santo foram utilizadas as relações técnicas médias gerais (emprego e renda). Notas: (1) valores definidos com base nos resultados da pesquisa; (2) valores obtidos com base nas relações setoriais visando definir a distribuição percentual para rateio dos totais expandidos para as variáveis de emprego e de receita, a partir das respectivas relações para o conjunto dos segmentos; e (3) a expansão dos resultados foi obtida pelo produto da relação média e com o total de empreendimentos e o rateio respectivo com base na distribuição relativa definida no item anterior (2).

4.4 – Impactos do PROATUR a partir da Matriz de Insumo-Produto

A Tabela 73 apresenta uma estimativa dos impactos ocasionados pelos financiamentos do PROATUR, no período de 1998 a 2008, com base na Matriz de Insumo-Produto do Nordeste.

Calcula-se que do total de R\$ 678,0 milhões contratados no período de 1998 a 2008, seja pelos efeitos diretos ou pelos efeitos indiretos, repercutiram na geração de, aproximadamente, R\$ 2,8 bilhões em termos de produção bruta na área de atuação do Banco e R\$ 1,7 bilhão, no que se refere ao valor adicionado na economia da Região.

Quanto ao mercado de trabalho da Região, estima-se que os investimentos na atividade turística tenham sido responsáveis pela geração de cerca de 5.766 ocupações formais e informais, mantidos, em média anualmente, o que significa um impacto sobre o pagamento de salários da ordem de R\$ 376,0 milhões no período em foco.

No que se refere à geração de receitas decorrente de tributação, a arrecadação foi estimada em R\$ 457,0 milhões.

A atividade turística está distribuída em todos os estados da área de atuação do Banco, destacando-se a Bahia que absorveu 35% dos recursos alocados, no período em estudo.

Tabela 73 – PROATUR – Repercussões Econômicas das Contratações no Nordeste – 1998 a 2008⁽¹⁾

Em R\$ milhões ⁽²⁾

Estado	Valor Contratado	Produção	Valor Adicionado (Renda)	Empregos (Média Anual) ³	Salário	Tributação
Alagoas	35,7	146,1	451,1	284	16,1	19,8
Bahia	240,1	1.038,6	492,4	2.106	145,5	173,2
Ceará	95	418,7	196,4	902	58,2	70,8
Espírito Santo	2,8	12,1	5,7	25	1,7	2
Maranhão	65,3	227,0	107,8	473	30,6	37,5
Minas Gerais	4,4	19,0	9,0	39	2,7	3,2
Paraíba	15,3	61,0	28,4	128	8,4	10,4
Pernambuco	78,4	319,0	149,8	765	41,7	53,7
Piauí	8,5	37,5	17,6	77	5,3	6,4
Rio G. Norte	58,8	229,5	106,3	480	30,4	38,1
Sergipe	73,7	254,9	121,1	489	35,4	42,2
Total	678,0	2.763,4	1.685,6	5.766	376,1	457,3

Fonte: BNB-ETENE.

Nota: (1) Impactos estimados a partir da matriz de insumo-produto do Nordeste, base 2004, contemplando os efeitos diretos, indiretos e de renda, que serão alcançados no ciclo de maturação dos investimentos e de seus respectivos impactos ao longo de toda a cadeia produtiva da Região, ou seja, a partir de 2008 e podendo prolongar-se pelos anos seguintes. (2) Valores a preços de 2008 (IGP-DI). (3) Em número de pessoas.

CAPÍTULO 5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

5.1 – Destaques

O PROATUR aplicou, no período 1998/2008, o montante de R\$ 678,0 milhões a valores constantes de dezembro de 2008, através de 741 operações, com média de R\$ 915,0 mil por contrato.

Cerca de 95,2% das aplicações foram destinadas à atividade de alojamento, por meio de 54,0% dos contratos efetuados no período.

Embora 81,1% dos contratos tenham sido realizados para o micro e os pequenos beneficiários, a participação dos médios e grandes beneficiários foi de 87,6% dos recursos aplicados no período.

Os empreendimentos localizados fora da zona do semiárido absorveram 92,7% do total dos recursos destinados pelo Programa no período.

Os estados que mais se beneficiaram com os recursos do Programa, no período, foram: Bahia, Ceará, Sergipe, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Maranhão. Juntos concentraram 90,2% do total financiado.

As capitais dos estados do Nordeste absorveram mais da metade dos recursos alocados no período, cerca de 54,3%.

5.2 – Conclusões

O PROATUR, embora tenha apresentado flutuações significativas na sua relação com o FNE, cuja participação variou entre 0,60% e 4,75%, apresentou um crescimento mais intenso do que o FNE como um todo e revelou um grau de elasticidade de 2,5 no período 1998/2008. Isto significa que o turismo se estabelece como uma atividade dinâmica entre as atividades contempladas pelo Programa. Ademais, a tendência projeta uma maior elevação da participação do Programa PROATUR no FNE.

Os recursos do Programa concentraram-se na atividade de alojamento, carecendo, portanto, de uma maior diversificação visando adequá-lo à estratégia de induzir à formação de arranjos produtivos.

Embora a legislação que regula as aplicações do FNE estabeleça que 50% dos recursos devam ser alocados na Região do Semiárido, no caso específico do PROATUR, o não atendimento a tal critério deve-se ao fato de a demanda dos investimentos estar concentrada nos principais destinos turísticos da região Nordeste, situados no litoral, onde, também, estão concentrados os investimentos do PRODETUR, principalmente, em infraestrutura de apoio ao turismo. Contudo, não significa uma ilegalidade, pois o critério é estabelecido para o FNE como um todo; todavia, a contribuição do Programa

para o cumprimento desse critério ocorrerá com a interiorização e com a diversificação dos segmentos turísticos na Região.

Com base no exposto, evidencia-se que o PROATUR tem exercido importante contribuição para o desenvolvimento do turismo e da região Nordeste. Essa constatação se expressa de forma mais contundente quando foram analisados o comportamento dos fluxos turísticos na região (Capítulo 2) e os indicadores de avaliação das ações e dos objetivos do Programa no período 1998/2008, conforme foi observado nas Tabelas 67 a 72, principalmente, de onde ressalta-se o seguinte (Capítulo 4):

- a) geração e manutenção, em 2008, de 33.345 empregos pelos 741 empreendimentos financiados pelo Programa no período 1998/2008, correspondendo a 7,9% do nível de emprego existente, na época, na região Nordeste, nas atividades turísticas correspondentes às financiadas pelo Programa;
- b) o total de receita gerada, em 2008, pelos 741 estabelecimentos financiados pelo Programa foi de R\$ 1.259,7 milhões;
- c) renda gerada na economia regional, em 2008, pelo fluxo de hóspedes no setor de alojamento beneficiado pelo Programa foi de R\$ 1,9 bilhão;
- d) os impactos dos benefícios gerados abrangeram a todas as Unidades da Federação abraçadas pelo Programa, com destaques para os estados da Bahia, Ceará, Alagoas, Rio Grande do Norte.

Quanto às lições apreendidas, em função da percepção e das contribuições dos tomadores de financiamento do Programa e detectadas pela pesquisa de campo, destacam-se:

- a) o principal instrumento de propagação da existência do PROATUR no mercado é o tradicional boca a boca;
- b) o mercado reconhece as condições de competitividade do Programa, principalmente no tocante aos juros praticados;
- c) entre os fatores restritivos às ações do Programa no mercado de crédito, foram mencionadas pelos clientes as questões de ordem burocrática;
- d) os clientes revelaram reconhecer a importância do Programa para o desenvolvimento das atividades turísticas e da região.

5.3 – Encaminhamentos

Tomando-se por referência as manifestações dos tomadores de financiamento pesquisados, apresentadas nas questões abertas do questionário que embasou o processo de avaliação do Programa, tem-se que:

- a) o relatório da referida pesquisa seja socializado junto aos técnicos e gestores do BNB;
- b) seja criado um grupo de estudos visando analisar as críticas e as propostas formuladas pelos clientes tomadores de financiamento junto ao Programa;
- c) o processo de avaliação do programa seja realizado periódica e sistematicamente;
- d) sejam revistas as estratégias de alocação dos recursos do Programa com o objetivo de adequá-las às necessidades do mercado futuro, tendo em vista a demanda futura de investimentos vinculados aos eventos da Copa Mundial de Futebol que será realizada no Brasil em 2014.

REFERÊNCIAS

BANCO DO NORDESTE DO BRASIL. **Efeitos globais do PRODETUR I: enfoque turístico**. Fortaleza: BNB, 2005a. Disponível em: <<http://www.bnb.gov/prodetur>>.

_____. **Metodologia para avaliação do fundo constitucional de financiamento do Nordeste**: FNE. Fortaleza: ETENE, 2005b. (Circulação Interna).

BANCO INTERAMERICANO DE DESENVOLVIMENTO. **Evaluación: una herramienta de gestión para mejorar el desempeño de los proyectos**, BID, marzo de 1997.

BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. **Setor de turismo no Brasil**: segmento de hotelaria. Rio de Janeiro: BNDES, 2005.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Caracterização e dimensionamento do turismo doméstico no Brasil**: 2006. Rio de Janeiro: Ministério do Turismo/FIPE, 2006a.

COMISSÃO DE TURISMO INTEGRADO DO NORDESTE. **Análise da demanda turística no Nordeste**: 2003 – 2004. Recife: CTI, 2006.

ESCOLA NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA. **Elaboração de indicadores de desempenho institucional**. Brasília: ENAP. (Apostila de apoio).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Economia do turismo**: análise das atividades características de turismo. Rio de Janeiro: IBGE, 2006.

_____. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>.

_____. **Caracterização e dimensionamento do turismo internacional no Brasil**: 2004/05. Rio de Janeiro: Ministério do Turismo/FIPE, 2006b.

_____. **Plano Nacional de turismo**: 2007/2010. Brasília: MTUR, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE TURISMO. **Caracterização e dimensionamento do turismo internacional no Brasil**: resultados do receptivo em 2006. Brasília: EMBRATUR, 2007a.

_____. **Estudo sobre turismo doméstico brasileiro 2001**. Brasília: EMBRATUR, 2003.

_____. **Estudo sobre turismo doméstico brasileiro 2006**. Brasília: EMBRATUR, 2007b.

_____. **Meios de hospedagem**: estrutura e impactos na economia. Brasília: EMBRATUR, 2006.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. **Introdução à metodologia da pesquisa em turismo**. São Paulo: Roca, 2006.

_____. **Conta satélite do turismo (CST)**. Madrid: OMT, 1999.

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL. **Arranjos produtivos locais e cadeias produtivas**: manual de moderação. São Paulo: Projeto competir, [19..].

SIEGEL, Sidney. **Estatística não-paramétrica**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1975.

SOUZA, J. de - **Estatística econômica e social**, Rio de Janeiro: Campus, 1977.

SOARES, Paulo F. **Planejamento e projetos turísticos**. Fortaleza: UECE, 1999.

SPIEGEL, Murray R. **Estatística**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1985.

TELES, J. A. **Metodologia e procedimentos para mensuração dos agregados turísticos**. Fortaleza: SETUR/CE, 2003. (Impresso).

ANEXOS

ANEXO 1 – CONCEITOS E MODELOS ADOTADOS

Com o intuito de contribuir para uma maior compreensão dos instrumentos utilizados e dos resultados obtidos na análise dos indicadores de avaliação do PROATUR, serão definidos, no presente anexo, os principais conceitos e os modelos de natureza estatística e econométrica adotados no desenvolvimento dos trabalhos, conforme especificações a seguir.

1 – CONCEITOS BÁSICOS

1.1 – Turismo

Turismo é um fenômeno social, econômico, cultural e ambiental centrado na movimentação espacial das pessoas. O conceito de Turismo, segundo o dicionário Michaelis consiste em: “Viagens realizadas, por prazer, a lugares que despertam interesse”. Já o dicionário Aurélio conceitua o verbete como: “Viagem ou excursão, feita por prazer, a locais que despertam interesse. A OMT (1999) estabelece como sendo o conjunto de atividades relacionadas ao atendimento às necessidades das pessoas (visitantes) durante suas viagens para lugares distintos do entorno habitual de suas residências, em que a permanência seja inferior a um ano, cuja motivação principal não seja o exercício de uma atividade remunerada no local visitado”.

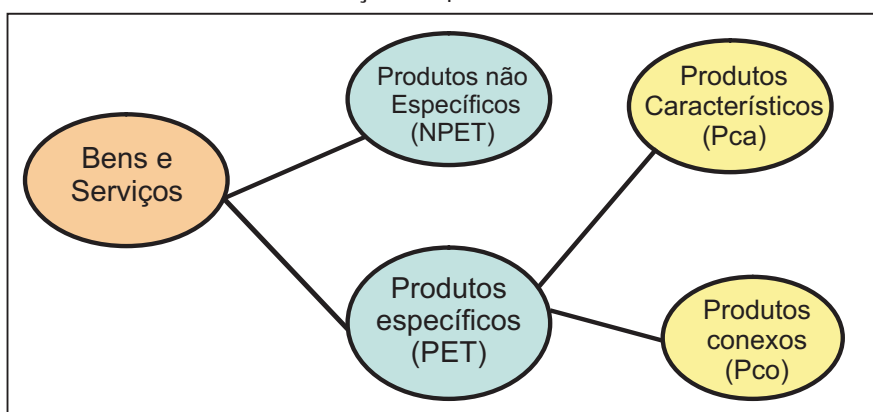
No tocante às formas de turismo, a OMT estabelece as seguintes categorias:

- a) *Turismo receptivo* - é o turismo dos visitantes não residentes, realizado no território econômico de determinado país;
- b) *Turismo interno* - é o turismo dos visitantes residentes, realizado no território econômico de determinado país;
- c) *Turismo emissivo* - é o turismo dos visitantes residentes, realizado fora do território econômico de determinado país;
- d) *Turismo interior* - é o turismo dos visitantes, realizado pelos residentes e não residentes, no território econômico de determinado país;
- e) *Turismo nacional* - é o turismo dos visitantes residentes, realizado dentro e fora do território econômico de determinado país;
- f) *Turismo internacional* - é o turismo dos visitantes residentes realizado fora e de não residentes realizado dentro do território econômico de determinado país.

1.2 – Produtos e Atividades Turísticas

É importante ressaltar, de início, que existe uma gama de atividades que se relacionam ao turismo, segundo a OMT (op.cit.), os bens econômicos, do ponto de vista do consumo turístico, podem ser classificados em duas categorias: produtos de consumo específicos do turismo (PET) e produtos de consumo não específicos do turismo (NPET), sendo os produtos específicos classificados em produtos característicos do turismo (PCa) e produtos conexos (PCo), conforme figura a seguir.

Classificação dos produtos turísticos



Os produtos característicos do turismo (PCa) são os serviços mundialmente considerados como importantes para o consumo turístico, tais como os serviços de alojamento, alimentação e transportes de passageiros. Os produtos conexos de turismo (PCo) são os bens e serviços com importância regional ou local para o consumo turístico.

No caso dos produtos específicos (PET), a produção depende fortemente do consumo turístico. Já para os produtos de consumo não específicos do turismo (NPET), que são os demais bens, a produção não depende do consumo turístico ou tem pouca expressão.

Segundo, ainda, a OMT, as atividades econômicas do turismo são classificadas com base na conceituação dos produtos turísticos conforme (Quadro 3) a seguir.

Produtos	Atividades
I. Bens de Consumo Específicos (PET)	Atividades Específicas do Turismo
1. Produtos Característicos (PCa)	Atividades Características
1.1. Serviço de alojamento	Hotéis e similares e proprietários de segunda residência
1.2. Serviços de alimentação e bebidas	Restaurantes e similares
1.3. Serviços de transportes de passageiros	Serviços rodoviários de transporte de passageiros, transporte aéreo e outros
1.4. Agência de viagens, operadoras e serviço de guia	Agências de viagens e similares
1.5. Serviços culturais	Serviços Culturais
1.6. Recreação e outros serviços de entretenimento	Esportes e outros serviços de recreação
1.7. Outros serviços característicos	Serviços de segurança e outros
2. Produtos Conexos (PCo)	Atividades Conexas
2.1. Artesanato e <i>souvenir</i>	Artesãos
2.2. Outros	Outros
II. Bens de Consumo não Específicos (NPET)	Atividades não Específicas do turismo
3. Outros bens e serviços	3. Outras atividades econômicas

Quadro 3 – Produtos turísticos e atividades correspondentes

Fonte: OMT, 1999.

2 – MODELOS ADOTADOS

2.1 – Índice de Evolução (IE)

Modelo de transformação relativa de uma série histórica de um atributo ou variável, de modo a revelar sua trajetória ao longo de determinado período de tempo, em relação a uma base (geralmente considera-se o valor inicial da série).

Analiticamente, temos:

$$IE(t) = (X_t/X_b)100$$

Onde:

X_t = qualquer valor da variável na série histórica

X_b = valor de referência, valor no ano inicial da série.

2.2 – Variações relativas periódicas (Var)

Modelo que mede a intensidade ou a velocidade de variação de uma variável em períodos ao longo do tempo.

$$Vt = ((Xt/Xt-1) - 1)100$$

Onde:

Xt = valor da variável no período t

Xt-1 = Valor da variável no período anterior.

2.3 – Desvio Padrão e Coeficiente de Variação

São modelos que refletem medidas de dispersão de um atributo ou variável em relação a sua própria média. O desvio padrão (DP) é o valor puro que representa a média dos desvios em relação à própria média. O coeficiente de variação (CV) é a representação percentual do desvio padrão em relação à média.

Assim, temos:

$$DP = ((\text{Soma } (Xt - M)^2)/N)^{0,5}$$

$$CV = (DP/M)100$$

Onde:

Xt = qualquer valor da variável na série histórica.

M = valor médio da variável na série.

N = número de observações da série.

2.4 – Coeficiente de Determinação ou de Correlação

Modelos que medem o grau de associação ou de explicação entre variáveis. O coeficiente de correlação (R).

$$R = Mxy/(DPx)(DPy)$$

Onde:

Mxy = covariância(xy), ou seja, a média da soma do produto dos desvios em relação à média de cada variável.

DP = desvio padrão de cada variável.

2.5 – Regressão e Tendência

Método estatístico utilizado para determinar a relação ou associação entre variáveis. A regressão pode ser simples, quando envolve apenas uma variável independente, ou múltipla, quando envolve mais de uma variável independente.

Exemplo de regressão simples:

$$Y_t = f(X_t)$$

Quando a relação é estabelecida com a variável em função do tempo, define-se como tendência. Exemplo:

$$Y_t = f(t)$$

2.6 – Quociente de localização espacial (QL)

Modelo que reflete uma medida de concentração espacial de uma variável (atividade, setor ou região, etc,) em relação a um conjunto de referência.

Especificamente, temos:

$$QL = (A_{ij}/A)/(T_{ij}/T)$$

Onde:

A_{ij} = valor da variável i na região j .

A = total da variável i

T_{ij} = valor do conjunto de referência na região j

T = Total do conjunto de referência.

2.7 – Elasticidade

Modelo que mede o grau de intensidade ou de reação de uma variável em relação à variação de outra. Exemplo: se $Y = f(X)$,

$$E = (dy/dx)(X/Y)$$

Onde: E = elasticidade

dy/dx = derivada de Y em relação a X .

A relação entre as variações relativas periódicas entre duas variáveis é tida como *proxy* do modelo de determinação da elasticidade, de modo que:

$$E = (dy/Y)/(dx/X)$$

Onde: dy/Y = variação relativa da variável Y no período t

dx/X = variação relativa da variável X no período t .

ANEXO 2 – MATRIZ DOS INDICADORES DO TURISMO

EXECUÇÃO

a) Hospedagens (hotéis, pousadas)

- a.1) Número de Empreendimentos
- a.2) Número de Leitos Financiados
- a.3) Instalações, Máquinas e Equipamentos (valor)
- a.4) Veículos (valor)
- a.5) Móveis e Utensílios (valor)
- a.6) Valor Financiado
- a.7) Valor de Capital de Giro
- a.8) Práticas Gerencias e de Produção (valor financiado)
- a.9) Capacitação (valor financiado)

b) Áreas de Camping

- b.1) Número de Empreendimentos
- b.2) Área Financiada
- b.3) Instalações, Máquinas e Equipamentos (valor)
- b.4) Veículos (valor)
- b.5) Valor Financiado
- b.6) Valor de Capital de Giro
- b.7) Práticas Gerencias e de Produção (valor financiado)
- b.8) Capacitação (valor financiado)

c) Agências de Viagens e turismo

- c.1) Número de Empreendimentos
- c.2) Instalações, Máquinas e Equipamentos (Valor)
- c.3) Veículos (Valor)
- c.4) Valor Financiado
- c.5) Valor de Capital de Giro
- c.6) Práticas Gerencias e de Produção (valor financiado)
- c.7) Capacitação (valor financiado)

d) Serviços de Alimentação

- d.1) Número de Empreendimentos
- d.2) Instalações, Máquinas e Equipamentos (valor)

- d.3) Veículos (valor)
- d.4) Móveis e Utensílios (valor)
- d.5) Valor Financiado
- d.6) Valor de Capital de Giro
- d.7) Práticas Gerencias e de Produção (valor financiado)
- d.8) Capacitação (valor financiado)

e) Parques Temáticos

- e.1) Número de Empreendimentos
- e.2) Instalações, Máquinas e Equipamentos (valor)
- e.3) Veículos (valor)
- e.4) Móveis e Utensílios (valor)
- e.5) Valor Financiado
- e.6) Valor de Capital de Giro
- e.7) Práticas Gerenciais e de Produção (valor financiado)
- e.8) Capacitação (valor financiado)

f) Marinas

- f.1) Número de Empreendimentos
- f.2) Capacidade de Ancoragem de Embarcações Financiada
- f.3) Instalações, Máquinas e Equipamentos (valor)
- f.4) Veículos (valor)
- f.5) Valor Financiado
- f.6) Valor de Capital de Giro
- f.7) Práticas Gerenciais e de Produção (valor financiado)
- f.8) Capacitação (valor financiado)

g) Museus

- g.1) Número de Empreendimentos
- g.2) Instalações, Máquinas e Equipamentos (valor)
- g.3) Veículos (valor)
- g.4) Valor Financiado
- g.5) Valor de Capital de Giro
- g.6) Práticas Gerenciais e de Produção (valor financiado)
- g.7) Capacitação (valor financiado)

h) Centro de Convenções e Casas de Espetáculo

- h.1) Número de Empreendimentos
- h.2) Capacidade de Público Financiada
- h.3) Instalações, Máquinas e Equipamentos (valor)
- h.4) Veículos (valor)
- h.5) Móveis e Utensílios (valor)
- h.6) Valor Financiados
- h.7) Valor de Capital de Giro
- h.8) Práticas Gerenciais e de Produção (valor financiado)
- h.9) Capacitação (valor financiado)

i) Transportadoras turísticas

- i.1) Número de Empreendimentos
- i.2) Instalações, Máquinas e Equipamentos (valor)
- i.3) Veículos (valor)
- i.4) Valor Financiados
- i.5) Valor de Capital de Giro
- i.6) Práticas Gerenciais e de Produção (valor financiado)
- i.7) Capacitação (valor financiado)

j) Empreendimentos de Ecoturismo, Promoção Turística e Turismo de Aventura

- j.1) Número de Empreendimentos
- j.2) Instalações, Máquinas e Equipamentos (Valor)
- j.3) Veículos (Valor)
- j.4) Móveis e Utensílios (valor)
- j.5) Valor Financiados
- j.6) Valor de Capital de Giro
- j.7) Práticas Gerenciais e de Produção (valor financiado)
- j.8) Capacitação (valor financiado)

IMPACTOS

a) Hospedagens (hotéis, pousadas)

- a.1) Número de Empreendimentos Implantados
- a.2) Número de Leitos Implantados
- a.3) Valor das Máquinas e Equipamentos Adquiridos

- a.4) Valor das Instalações Implantadas
- a.5) Valor dos Veículos Adquiridos
- a.6) Valor dos Móveis e Utensílios Adquiridos
- a.7) Valor Liberado
- a.8) Valor do Capital de Giro Liberado
- a.9) Práticas Gerenciais e de Produção (valor liberado)
- a.10) Capacitação (valor liberado)

b) Áreas de Camping

- b.1) Número de Empreendimentos Implantados
- b.2) Área Implantada
- b.3) Valor das Máquinas e Equipamentos Adquiridos
- b.4) Valor das Instalações Implantadas
- b.5) Valor dos Veículos Adquiridos
- b.6) Valor Liberado
- b.7) Valor de Capital de Giro Liberado
- b.8) Práticas Gerenciais e de Produção (valor liberado)
- b.9) Capacitação (valor liberado)

c) Agências de Viagens e Turismo

- c.1) Número de Empreendimentos Implantados
- c.2) Valor das Máquinas e Equipamentos Adquiridos
- c.3) Valor das Instalações Implantadas
- c.4) Valor dos Veículos Adquiridos
- c.5) Valor Liberado
- c.6) Valor de Capital de Giro Liberado
- c.7) Práticas Gerenciais e de Produção (valor liberado)
- c.8) Capacitação (valor liberado)

d) Serviços de Alimentação

- d.1) Número de Empreendimentos Implantados
- d.2) Valor das Máquinas e Equipamentos Adquiridos
- d.3) Valor das Instalações Implantadas
- d.4) Valor dos Veículos Adquiridos
- d.5) Valor dos Móveis e Utensílios Adquiridos
- d.6) Valor Liberado

- d.7) Valor do Capital de Giro Liberado
- d.8) Práticas Gerenciais e de Produção (valor liberado)
- d.9) Capacitação (valor liberado)

e) Parques Temáticos

- e.1) Número de Empreendimentos Implantados
- e.2) Valor das Máquinas e Equipamentos Adquiridos
- e.3) Valor das Instalações Implantadas
- e.4) Valor dos Veículos Adquiridos
- e.5) Valor dos Móveis e Utensílios Adquiridos
- e.6) Valor Liberado
- e.7) Valor do Capital de Giro Liberado
- e.8) Práticas Gerenciais e de Produção (valor liberado)
- e.9) Capacitação (valor liberado)

f) Marinas

- f.1) Número de Empreendimentos Implantados
- f.2) Capacidade de Ancoragem de Embarcações Implantada
- f.3) Valor das Máquinas e Equipamentos Adquiridos
- f.4) Valor das Instalações Implantadas
- f.5) Valor dos Veículos Adquiridos
- f.6) Valor Liberado
- f.7) Valor de Capital de Giro Liberado
- f.8) Práticas Gerenciais e de Produção (valor liberado)
- f.9) Capacitação (valor liberado)

g) Museus

- g.1) Número de Empreendimentos Implantados
- g.2) Valor das Máquinas e Equipamentos Adquiridos
- g.3) Valor das Instalações Implantadas
- g.4) Valor dos Veículos Adquiridos
- g.5) Valor Liberado
- g.6) Valor de Capital de Giro Liberado
- g.7) Práticas Gerenciais e de Produção (valor liberado)
- g.8) Capacitação (valor liberado)

h) Centro de Convenções e Casas de Espetáculo

- h.1) Número de Empreendimentos Implantados
- h.2) Capacidade de Público Implantada
- h.3) Valor das Máquinas e Equipamentos Adquiridos
- h.4) Valor das Instalações Implantadas
- h.5) Valor dos Veículos Adquiridos
- h.6) Valor dos Móveis e Utensílios Adquiridos
- h.7) Valor Liberado
- h.8) Valor do Capital de Giro Liberado
- h.9) Práticas Gerenciais e de Produção (valor liberado)
- h.10) Capacitação (valor liberado)

i) Transportadoras Turísticas

- i.1) Número de Empreendimentos Implantados
- i.2) Valor das Máquinas e Equipamentos Adquiridos
- i.3) Valor das Instalações Implantadas
- i.4) Valor dos Veículos Adquiridos
- i.5) Valor Liberado
- i.6) Valor de Capital de Giro Liberado
- i.7) Práticas Gerenciais e de Produção (valor liberado)
- i.8) Capacitação (valor liberado)

j) Empreendimentos de Ecoturismo, Promoção Turística e Turismo de Aventura

- j.1) Número de Empreendimentos Implantados
- j.2) Valor das Máquinas e Equipamentos Adquiridos
- j.3) Valor das Instalações Implantadas
- j.4) Valor dos Veículos Adquiridos
- j.5) Valor dos Móveis e Utensílios Adquiridos
- j.6) Valor Liberado
- j.7) Valor do Capital de Giro Liberado
- j.8) Práticas Gerenciais e de Produção (valor liberado)
- j.9) Capacitação (valor liberado)

RESULTADOS

a) Produção

- Turistas por Ano (nacionais e estrangeiros)
- Incremento de empreendimentos turísticos; Incremento de oferta de
- leitos de hotéis

b) Produtividade

- Taxa Média de Ocupação dos Hotéis
- Receita Bruta por ano pelo Valor Total do Projeto
- Receita Líquida por Ano pelo Valor Total do Projeto
- Receita Bruta por Ano por Turista
- Receita Líquida por Ano por Turista

c) Empregos

- Empregos Diretos Gerados (Com carteira, sem carteira e temporário)

d) Renda

- Incremento (%) de Receita Bruta, Incremento (%) de Receita Líquida

e) Preservação Ambiental:

- % de Empresas com Programas de Responsabilidade Ambiental
- % de Empresas com Coleta Seletiva de Lixo

f) Modernização

- Número de profissionais capacitados
- % de Empresas com Práticas Gerenciais e de Produção
- Competitivas (com sistemas de controle de estoque, de apuração de custos e formação de preços de venda, etc.)

ANEXO 3 – INDICADORES SELECIONADOS PELO BNB

1. RESULTADOS

a) Alojamento

- número de empreendimentos implantados
- número de UH implantados
- valor liberado
- valor do capital de giro liberado

b) Agências de viagem e turismo

- número de empreendimentos implantados
- valor liberado
- valor do capital de giro liberado

c) Alimentação

- número de empreendimentos implantados
- valor liberado
- valor do capital de giro liberado

d) Locação de veículos

- número de empreendimentos implantados
- valor liberado
- valor do capital de giro liberado

e) Entretenimento

- número de empreendimentos implantados
- valor liberado
- valor do capital de giro liberado

f) Organização de eventos

- número de empreendimentos implantados

- valor liberado
- valor do capital de giro liberado

g) Outras

- número de empreendimentos implantados
- valor liberado
- valor do capital de giro liberado

2. IMPACTOS

a) Produção

- Turistas por ano
- Incremento de empreendimentos turísticos / leitos

b) Produtividade

- Taxa média de ocupação dos hotéis
- Receita bruta anual pelo valor total do projeto

c) Empregos

- Empregos diretos gerados com ou sem carteira
- Valor do emprego gerado

d) Renda

- Incremento % de receita bruta

e) Preservação ambiental

- % das empresas com programas de preservação ambiental

f) Modernização

- Número de profissionais capacitados.
- Sistema informatizado de gestão

APÊNDICE

APÊNDICE – INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

1 – OBJETIVOS

1.1 – Objetivo Geral

Levantar as informações visando à aferição dos indicadores de avaliação do PROATUR, junto aos estabelecimentos financiados pelo Programa, no período 1998/2005.

1.2 – Objetivos Específicos

- a) conhecer o perfil dos estabelecimentos financiados;
- b) mensurar as relações e os indicadores de avaliação do Programa;
- c) obter críticas e sugestões junto aos empreendimentos para subsidiar o BNB com informações visando à melhoria da qualidade dos serviços prestados aos tomadores dos financiamentos através do Programa.

2 – PÚBLICO-ALVO

A pesquisa abrange os estabelecimentos financiados através do PROATUR no período 1998/2005, tais como: agências de viagens e turismo, rede hoteleira, estabelecimentos de restaurantes e similares, serviços de transportes de passageiros e de turismo, locadoras de veículos, serviços de eventos e de entretenimentos e outros relacionados ao turismo. Na definição da abrangência do período da pesquisa, levou-se em consideração o período de maturação dos projetos, estimado em quatro anos, conforme levantamento da equipe técnica do BNB.

3 – O UNIVERSO E OS PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

a) O universo da pesquisa: De acordo com os registros do BNB, no período 1998/2005, foram beneficiados 276 empreendimentos com recursos do PROATUR. Com o propósito de reduzir o custo de execução da pesquisa, optou-se pela utilização de correio eletrônico e entrega dos questionários pessoalmente por funcionários do Banco como método de coleta das informações, de vez que a extensão da área de cobertura do Programa é bastante vasta. Além dos nove estados do Nordeste, inclui parte dos estados de Minas Gerais e do Espírito Santo.

b) Seleção dos entrevistados: A seleção dos entrevistados deu-se por meio da localização endereços eletrônicos dos empreendimentos a partir da listagem dos registros de financiamentos. Assim, o universo da pesquisa foi qualificado mediante um levantamento de identificação dos endereços eletrônicos e dos telefones dos 246

empreendimentos, para efeito de remessa dos formulários e documentação complementar para a coleta das informações.

c) Procedimentos na coleta de dados: A coleta de dados ocorreu por meio de questionário, enviado através meio eletrônico para os endereços dos estabelecimentos, definidos como componentes da amostra da pesquisa. O processo de aplicação da pesquisa de campo foi supervisionado por contatos eletrônicos. Os formulários preenchidos foram validados pela conferência da consistência das informações neles contidas.

d) Definição da amostra pesquisada: O quadro a seguir contém um conjunto de alternativas de dimensionamento de amostra aleatória simples, em função da magnitude do erro desejado para uma população finita.

E(i)	n	(%)	fcf	n(c)	(%)	e(c)
4,0	175	71,1	0,538327	95	38,6	2,2
5,0	151	61,4	0,622700	94	38,2	3,1
6,0	129	52,4	0,691051	90	36,6	4,1
7,0	110	44,7	0,745052	82	33,3	5,2
8,0	94	38,2	0,787660	75	30,5	6,3
9,0	81	32,9	0,820652	67	27,2	7,4
10,0	70	28,5	0,847566	60	24,4	8,5

Quadro 4 – Desenho da amostra em função do erro para uma população finita

Obs: a) Dados: N (população) = 246; t = 1,96 (nível de significância =95%);

b) Variáveis: e(i) = erro inicial; n = amostra inicial; fcf = fator de correção final, quando n é acima de 5% da população; e(c) = erro com fcf; e n(c) = amostra com fcf; sendo $n = \frac{(t^2) \cdot (S^2) \cdot (N)}{((t^2) \cdot (S^2)) + ((e^2) \cdot (N - 1))}$, onde: t= 1,96; S^2=0,5 e e= 5%.

Por exemplo, com nível de significância de 95% e erro de 5%, o tamanho da amostra é, inicialmente, de 151 empreendimentos. Se a amostra se situar acima de 20% do universo, o tamanho é redimensionado para 94 empreendimentos, pelo emprego do fator de correção. A previsão era obter uma amostra de tamanho corrigido entre 90 e 94 questionários efetivamente respondidos, conforme modelo seguinte.

4 – QUESTIONÁRIO



BNB/PROATUR: Questionário de Pesquisa

Data do preenchimento: / /2009 Questionário nº. (preenchimento por parte do BNB)

A. IDENTIFICAÇÃO DO EMPREENDIMENTO

Razão social:			
Nome fantasia:			
Endereço			
número:	complemento:		CEP:
localidade: Centro		município:	UF:
fone (c/ DDD)		fax	
e-mail:		site:	
Data de início da atividade:	mês:	ano:	
Nome gestor principal:			
Cargo: Diretora			
1. Qual seu ramo de atividade?			
1. alojamento	2. alimentação	3. transportadora turística	
4. agência de viagem e turismo	5. organização de eventos	6. outra: _____	
Em caso de outra, gentileza especificar.			

B. CARACTERIZAÇÃO DO EMPREENDIMENTO

2. Qual a situação atual da Empresa?				
1. em implantação	2. em ampliação	3. em funcionamento	4. paralisada	5. desativada
6. outra	Em caso de outra, gentileza especificar.			
Em caso de paralisada ou desativada, gentileza comentar o motivo.				
3. Quais os tipos de atividades desenvolvidas em seu empreendimento?				

Ano anterior ao financiamento (Ano:)	Informação do Projeto (Ano:) (preenchimento por parte do BNB)	Atual (2008)
1. Alojamento	1.1. Alojamento	1.2. Alojamento
2. Agência de viagem	2.1. Agência de viagem	2.2. Agência de viagem
3. Transportadora turística	3.1. Transportadora turística	3.2. Transportadora turística
4. Alimentação	4.1. Alimentação	4.2. Alimentação

5. Organização de eventos	5.1. Organização de eventos	5.2. Organização de eventos
6. Marina	6.1. Marina	6.2. Marina
7. Parque Temático	7.1. Parque Temático	7.2. Parque Temático
8. Empreend. de Ecoturismo	8.1. Empreend. de Ecoturismo	8.2. Empreend. de Ecoturismo
9. Casa de espetáculo	9.1. Casa de espetáculo	9.2. Casa de espetáculo
10. Casa de Câmbio	10.1. Casa de Câmbio	10.2. Casa de Câmbio
11. Museu	11.1. Museu	11.2. Museu
12. Não se aplica	12.1. Não se aplica	12.2 Não se aplica

C. O FINANCIAMENTO FNE/PROATUR				
4. Como o(a) Sr(a) conheceu a linha de financiamento FNE/PROATUR?				
1. amigos	2. publicidade	3. televisão	4. jornal	5. outro.
Em caso de outro, gentileza especificar:				
5. Qual a importância do FNE/PROATUR para o seu empreendimento?				
6. No momento de sua opção pelo FNE/PROATUR havia alternativa de crédito, no mercado, para o seu empreendimento?				
1. sim	2. não	Se sim, o que o fez optar pelo PROATUR?		
7. As condições do financiamento foram adequadas?				
1. sim	2. não	Gentileza justificar.		
8. Na sua opinião, quais as principais dificuldades enfrentadas e porque elas ocorreram? (por exemplo: mercado, pessoal, qualificação profissional, pagamento do financiamento etc)				
9. Que mudanças o(a) Sr(a) recomendaria para o Programa FNE/PROATUR?				

Ano anterior ao financiamento (dezembro Ano: ____)	Informação do Projeto (Mês/Ano: ____) (preenchimento por parte do BNB)	Atual (dezembro 2008)	
10. Qual o nº de empregos?			
1. Permanente formal:	1. Permanente formal:	1. Permanente formal:	
2. Permanente informal:	2. Permanente informal:	2. Permanente informal:	
3. Temporário formal:	3. Temporário formal:	3. Temporário formal:	
4. Temporário informal:	4. Temporário informal:	4. Temporário informal:	
5. Mão de obra familiar:		5. Mão de obra familiar:	
11. Qual a Receita Operacional Bruta anual (em R\$)?			
Ano anterior ao financiamento (Ano: ____)	Informação do Projeto (Mês/Ano: ____) (preenchimento por parte do BNB)	Atual (2008)	
R\$	R\$	R\$	
12. Capacidade instalada no ano anterior ao do financiamento e atualmente?			
Especificação (preencher apenas o item relacionado à atividade do seu empreendimento)	Ano anterior ao financiamento (se for o caso)		Atual (2008)
	Ano	qtde	Qtde
Alojamento (hotéis, pousadas etc)			
Uhs (apartamentos)			
Leitos (camas)			
Hóspedes			
Taxa de ocupação			
Alimentação			
Mesas			
Lugares			
Transportadora Turística			
Veículos			
Organização de eventos			
Eventos			
Agência de viagem e turismo			
Emissão de bilhetes			
Pacotes turísticos			
Receptivos (pessoas atendidas)			
Parque Temático			
nº de ingressos			
Praia (nº de pessoas)			

13. Qual a utilização da capacidade instalada do empreendimento?			
Ano anterior ao financiamento (se for o caso)		Atual (dezembro 2008)	
Ano	(%)	Ano	(%)
		2008	

E. OUTROS ASPECTOS

14. ASPECTOS DE GESTÃO AMBIENTAL	Ano anterior ao financiamento	Atual (dezembro 2008)
1. Realiza ação ou participa de programa de gestão ambiental?	() Sim () Não	() Sim () Não
2. Realiza coleta seletiva de lixo?	() Sim () Não	() Sim () Não
3. Possui certificação ISO 14.000?	() Sim () Não	() Sim () Não
4. Possui licenças ambientais?	() Sim () Não	() Sim () Não
5. Realiza tratamento de efluente líquido?	() Sim () Não	() Sim () Não
6. Realiza tratamento de resíduos sólidos?	() Sim () Não	() Sim () Não
7. Realiza controle de emissões atmosféricas?	() Sim () Não	() Sim () Não

15. ASPECTOS TECNOLÓGICOS	Ano anterior ao financiamento	Atual (dezembro 2008)
1. Efetua algum tipo de negócio pela <i>internet</i> (compra ou venda)?	() Sim () Não	() Sim () Não
2. Utiliza sistema informatizado de gestão?	() Sim () Não	() Sim () Não
3. Utiliza sistema de controle de qualidade	() Sim () Não	() Sim () Não
4. Participa de feiras e exposições	() Sim () Não	() Sim () Não
5. Oferece programa de capacitação para funcionários	() Sim () Não	() Sim () Não

16. ASPECTOS MERCADOLÓGICOS

1. Em qual(is) mercado(s) a empresa opera? E em que percentuais?									
	1. local	____ %		2. estadual	____ %		3. nacional	____ %	
2. Quais os principais insumos utilizados por sua empresa?									
3. Em qual(is) mercado(s) a empresa adquire seus insumos? E em que percentuais?									
	1. local	____ %		2. estadual	____ %		3. nacional	____ %	
							4. internacional	____ %	

17. A empresa é associada a algum tipo de associação ou rede? Gentileza especificar.

--

18. A empresa possui algum tipo de certificação de qualidade? Gentileza especificar.

--

19. A empresa tem algum programa de Responsabilidade Social? Gentileza especificar.						
20. O negócio da empresa é divulgado no mercado através de qual(is) mecanismo(s)?						
1. televisão	2. jornal	3. revista	4. outdoor	5. panfletos	6. outro	
Caso deseje, pode utilizar esse espaço para observações sobre o Programa FNE-PROATUR e sobre a Atuação do Banco do Nordeste.						
MUITO OBRIGADO POR SUA PARTICIPAÇÃO!! RESPONSÁVEL PELO PREENCHIMENTO DO QUESTIONÁRIO						
Nome:						
Cargo:						
Fone:						
Fax:						
Deseja receber os resultados da pesquisa? () sim () não						
e-mail:						



**Banco do
Nordeste**



ÁREA DE LOGÍSTICA
Ambiente de Gestão dos Serviços de Logística
Célula de Produção Gráfica
OS 2010-07/4.611 - Tiragem: 1.000